

**CARISMA REPARADOR NUMA SOCIEDADE  
EM MUDANÇA**

## SAUDAÇÃO DA SUPERIORA GERAL

Começo por saudar com particular afecto Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima, que nos concede a honra e alegria de o termos presente na abertura destas jornadas, que assinalam o início das comemorações jubilares com que a Família Reparadora, isto é, a Congregação das Irmãs Reparadoras de Fátima e os Leigos Reparadores, pretendem homenagear o seu fundador, Cónego Dr. Manuel Nunes Formigão. São duas as datas que vamos jubilosamente celebrar:

- o centenário da sua ordenação Sacerdotal,
- e o cinquentenário da sua vida nova na casa do Pai.

Saúdo também, afectuosamente, o Senhor D. Augusto César, e o Senhor D. António Marcelino que igualmente nos honram com a sua presença e participação activa nestas jornadas de estudo. Do mesmo modo saúdo, com gratidão e afecto, os Reverendíssimos Senhores Padres Doutor Lúcio Craveiro e Doutor Manuel Saturino Gomes, Assistente Eclesiástico da Congregação, bem como todos os que nos vão enriquecer com as suas reflexões e a quem desde já expresso o mais sincero agradecimento.

### **Os motivos destas jornadas**

Reunirmo-nos em Fátima é sempre uma graça, pois Nossa Senhora presenteia-nos com suas surpresas de Mãe! Ela como ninguém sabe o que cada um de seus filhos necessita.

Hoje, mais uma vez, a Família Reparadora reúne-se, sob a protecção Maternal de Maria e implora, por intermédio dos Beatos Pastorinhos, Francisco e Jacinta, a Jesus Ressuscitado, a Luz do Seu Espírito, para que possamos redescobrir a raiz vitalizante e a beleza do nosso carisma e missão reparadora, pedida por Nossa Senhora através da Beata Jacinta ao Padre Formigão: *“É preciso que haja quem faça reparação”*.

O nosso maior desejo é conhecer Jesus, o Reparador por excelência da humanidade. Queremos descobrir sempre mais, toda a riqueza e beleza que brota da Sua vida e Missão Redentora, no faça-se imutável à vontade de Deus e

na entrega plena de Sua vida aos irmãos, para nos identificarmos com Ele e assim podermos colaborar na obra da redenção da humanidade.

Anelamos encontrar os verdadeiros caminhos do *Amor Reparador*, nesta sociedade em mutação contínua, tal como o nosso Fundador os encontrou no seu tempo.

Queremos cimentar as nossas vidas na essência do nosso Carisma e Missão Reparadora. Vivê-los na radicalidade evangélica, tal como o Pe. Formigão viveu, e testemunhá-lo com alegria e encanto. Queremos redescobrir, no hoje e agora da nossa existência, a beleza da sua vida espiritual e qual a rampa de lançamento que o impeliu até ao cume da santidade.

Falando do Padre Formigão o Senhor Doutor Lúcio Craveiro, no seu livro a “Festa da Reparação” diz: *“A vida espiritual do Padre Formigão floresceu nos jardins da humildade, da pobreza e da caridade”*. Sim, o Padre Formigão amava com ternura estas virtudes, vivia-as com grande heroicidade, pela medida alta! Por isso não as podia guardar só para si; elas extravasavam da sua vida e delas falava com persuasão. Diz-nos ele:

*“A humildade atrai as complacências de Deus. A humildade sabe ceder, esquecer, perdoar. Ela proporciona paz. É preciso que haja muita humildade, muita caridade juntamente com o bom espírito e uma piedade sólida, activa e bem fundamentada. Depois da graça de Deus é disso que depende o Instituto. A humildade é raiz fecunda de bem e de santidade” ...A Humildade é a condição do êxito e Deus compraz-se em exaltar os humildes. A humildade é o aroma que conserva todas as virtudes”*.

*“A pobreza - À medida que a alma se eleva para as cumeadas da pobreza interior goza de uma enorme felicidade. Só os pobres em espírito possuem a arte divina de ser ricos. O desprendimento das riquezas torna o coração inteiramente livre. A pobreza é tão amável que atrai as preferências de Deus. É um dia de festa para a alma pobre, no dia em que se encontra na desnudez, sem esforço ela copia Jesus perfeitamente”*.

*“A caridade é uma força que arrebatava a nossa vontade e a faz subir até Deus. É doação total aos outros. É pôr à sua disposição tudo o que sou e possuo”*. A caridade une as almas e os corações. A caridade tem uma admirável energia... A caridade é fonte de paz e felicidade”.

Neste ano jubilar, celebrativo das comemorações do centenário, da ordenação sacerdotal do Padre Formigão e das bodas de ouro da sua partida para a casa do Pai, desejamos tributar a este Servo de Deus, a nossa mais sentida homenagem, pela vivência evangélica do legado que ele nos confiou.

### **Inquietação carismática**

Procuramos, hoje, descobrir novas formas de viver a nossa vocação e missão, na sua tríplice dimensão *Eucarística, Reparadora e Mariana*, em fidelidade ao Espírito e às urgências dos irmãos. É nossa preocupação responder, fielmente, ao dom recebido, encarnando na nossa vida os valores essenciais da vocação e missão reparadora, a partir do evangelho e da mensagem espiritual do Fundador. Queremos escutar atentamente a advertência, amiga e acutilante, do Padre Formigão: *“A Reparação não é uma prática ou um conjunto de práticas, mas um espírito, o espírito de reparação. Reparar é amar. É aderir plenamente à vontade de Deus. Reparar é deixar que Cristo continue a Sua Obra de salvação reparadora, através das nossas vidas. Reparar é ser dócil ao Espírito. Reparar é colaborar na salvação que Cristo quer realizar em nós e através de nós, por todos os meios ao nosso alcance. Numa palavra reparar é identificar-se com o próprio Senhor Jesus”*.

As nossas Constituições atestam: *“Vivemos para reparar noite e dia ... e, cada irmã deve, pois, esforçar-se por compreender este espírito na sua vida, sabendo que todos os actos, por mais pequenos que sejam, alcançam um valor inestimável, unidos ao supremo acto redentor de Cristo, que a faz desta forma participar na salvação do mundo através da vivência do espírito reparador tal como o fundador no-lo transmite”*.

A Igreja e o mundo, precisam de testemunhos credíveis do Amor Reparador de Cristo.

Esta é a nossa missão. Missão bela, extraordinariamente bela, mas exigente!

O nosso fundador ensina-nos que: *“Só quem percebe e experimenta o que é o amor, pode tentar compreender o mistério do Amor Reparador”*. E ele próprio nos indica a Fonte onde podemos fazer esta experiência de Amor Reparador. Diz-nos ele:

*“ É ao coração de Jesus que é preciso ir buscar esse precioso suplemento de caridade que é a única coisa que Lhe pode tornar a vossa reparação plenamente agradável a Deus”*.

## Conclusão

A Família Reparadora, neste ano jubilar do seu Fundador, quer investir com energia, audácia e ardor missionário, nas exigências da nossa vocação e missão. Queremos abraçar com amor, e solidariedade evangélica, a obra da reparação do mal pela construção do bem; onde há pecado, fazer superabundar a graça, para que todos os nossos irmãos «tenham vida em abundância» (cf. Constituições, Cap. I, p. 6).

Confiamos este empreendimento a Nossa Senhora, rezando-lhe:

Mãe das Dores, Senhora de Fátima,  
primícias de uma vida nova,  
guardais por todos nós,  
o “Sim” generoso da alegria e do amor.  
Santa Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe,  
fazei com que tenhamos a força suficiente para responder  
com generosa coragem e “Amor Reparador”,  
às exigências do nosso carisma, orientando a todos, para Aquele  
que é a Luz verdadeira para o mundo.  
Amén.

Maria Júlia da Conceição Moreira, RRF

28 de Abril de 2007

**A Palavra do Sr. Bispo de Leiria-Fátima**

## **D. António dos Santos Marto na sessão de abertura das V Jornadas de Espiritualidade Reparadora**

A minha presença aqui como Bispo da diocese de Leiria-Fátima é para me associar a este jubileu da ordenação do Pe. Formigão e da sua passagem para a casa do Pai, numa atitude de gratidão e acção de graças para com esta pessoa, e esta figura de sacerdote que a Providência pôs dentro da grande história da Mensagem de Fátima.

Em primeiro lugar, o meu reconhecimento pelo papel que desempenhou nos acontecimentos de Fátima para verificar a autenticidade do testemunho dos videntes sem a qual seria muito difícil a credibilidade da Mensagem. O Pe. Formigão foi o instrumento que Deus misteriosamente escolheu para nos conservar a autenticidade deste testemunho.

Em segundo lugar, também para testemunhar um reconhecimento de gratidão pelo carisma que ele captou na mensagem de Fátima, em particular no colóquio pessoal e íntimo com a pequena Jacinta - *a espiritualidade reparadora*. E como ele a soube entender numa profundidade, num alcance, numa vastidão invulgar, verdadeiramente admirável para o tempo, porque como sabem, ao longo da história, sempre existiram e existem ainda hoje, ideias erradas sobre a compreensão da verdadeira reparação.

S. Gregório de Nanziano já então detectou estas ideias erradas no do séc. IV. Quando se pergunta a quem é que o Filho ofereceu o sangue: ao Pai? Ele responde: O Pai não queria o sangue do Filho. O Pai não é cruel para lhe exigir o sangue. Quem é que quis o sangue do Filho? Quem o exigiu? Foi a história, a história dos homens, o mal acumulado da história dos homens que Ele carregou sobre si, ao qual não fugiu e por ele entregou o seu sangue, quer dizer, entregou-se a si mesmo até ao fim.

Ora, o Pe. Formigão captou exactamente este pólo iluminante do que é hoje a reparação. Quer dizer, convida-nos a ir ao fundo e ao profundo deste mistério, chegando ao próprio Senhor Jesus Cristo como o único Reparador. E, reparação é uma maneira, uma outra maneira de dizer redenção. Como, por exemplo, o Papa João Paulo II para traduzir o mistério da redenção para o

mundo de hoje, duma maneira mais compreensível, aproximada e afectiva até, usou mais o termo “misericórdia”. Porque redenção é mistério de misericórdia. É dentro deste grande mistério de amor redentor que se entende a reparação neste sentido do confronto entre o amor infinito de Deus em Cristo e o peso tremendo do pecado do mundo e da história. Cristo é reparador do pecado do mundo. Depois na linguagem infantil dos pastorinhos de Fátima, era aplicado aos ultrajes, aos sacrilégios, às indiferenças, mas engloba todo o pecado do mundo. E contra este grande peso do pecado ou do mal, o Senhor põe um outro peso maior, o peso do amor infinito que entra neste mundo. O contrapeso de valor absoluto desse amor infinito de tal maneira que na balança do mundo, se põe um contrapeso para que se equilibre ou reequilibre o peso do pecado com o peso do bem e da graça. Portanto, é aqui que aparece o verdadeiro sentido da reparação.

Podia alongar-me mais, mas no contexto da Mensagem como ela é comunicada naturalmente, numa linguagem acessível às crianças e duma compreensão infantil cheia de encanto, quando se diz que os pastorinhos ficavam tristes, sobretudo o Francisco, por ver que Deus estava triste, é uma maneira antropomórfica de falar, mas que tem já as suas raízes na longa tradição da história da salvação, e que faz lembrar os impropérios da Semana Santa: “Povo meu, que mal te fiz eu, que mal te causei, que mais eu poderia ter feito por ti e não fiz? Diz-me!” É a queixa da amargura de Deus diante do mal do mundo e dos homens, da sua indiferença e da sua ingratidão. Foi assim que eles apreenderam, do ponto de vista da tristeza de Deus e que como crianças, compreenderam num registo afectivo! “vamos consolar a Deus”. Consolar a Deus, quer dizer, corresponder ao Seu amor, não manifestando a indiferença perante Ele.

É neste sentido então que o Senhor diz à humanidade: “Eu fiz tudo – satisfiz. Enviei o Filho para satisfazer”. Satisfazer no sentido mais profundo – fazer todo o possível até ao fim, até ao extremo para reparar o mundo, reparar o pecado do mundo, quer dizer, renovar o coração do homem, refazer a comunhão dos homens com Deus, reconciliar os homens com Deus e entre si, recriar este equilíbrio entre o peso do pecado, o peso do mal e o peso do bem e

da graça. É aqui que tem compreensão o sentido da reparação como muito bem captou o Pe. Formigão quando diz acerca da reparação: Cristo é o único reparador; a reparação é a adesão plena à vontade de Deus". Ainda usa um outro termo muito lindo. Chama-lhe "suplemento de caridade", para dizer, o "Plus de Amor", aquela mais valia do amor em relação ao pecado. Portanto este *Plus de Amor*, esta mais valia, este suplemento de caridade, é um chamamento do Senhor a pôr-nos da sua parte, a entrar nesse *Plus*, nesse mais de amor e a torná-lo presente no mundo. E o Senhor quer-nos associar então a este dinamismo do amor que repara o pecado do mundo. E por isso o Pe. Formigão estende a reparação a toda a existência cristã, toda, e diz às suas irmãs da Congregação que ele fundou, que a reparação não está só no sacrifício, está na oração, na penitência, no sacrifício, e está por excelência na Eucaristia, onde se actualiza sempre esse infinito mistério de amor que ficou eternizado na Ressurreição e que nos é oferecido de novo em cada dia, para a gente beber dele e o tornar depois presente no mundo. Está em toda a obra da evangelização. Querem mais e melhor do que isto? Isto é uma beleza, de facto, é um encanto.

Agora, não nos debrucemos só no aspecto dos sacrifícios, reduzamos só aos sacrifícios. É tudo, ou então, se quisermos, é o sacrifício no melhor sentido do termo. O sacrifício não está na privação de uma coisa, propriamente dita, está na plenitude do amor, da oblação de amor. Então sim, neste sentido, sim. Vejam a beleza e a validade deste pensamento teológico que para mim é maravilhoso, sobretudo num tempo em que a teologia não estava assim aberta a esta compreensão.

Eu tenho de expressar aqui uma palavra de gratidão, ao meu caro amigo Sr. Doutor Lúcio Craveiro, porque foi através da leitura do seu artigo em «Caminho Espiritual do Pe. Manuel Nunes Formigão», que eu apreendi o pensamento e a espiritualidade do Pe. Formigão. Desculpe, Pe. Craveiro, conheço bem a sua humildade, não leve a mal. Mas é uma questão de justiça. O que disse não é da minha autoria, quer dizer, fui lá investigar e depois enquadrei dentro do meu saber. E li-o com encanto, quer pela beleza literária com que escreve, quer pela beleza do pensamento apresentado sobre o Pe. Formigão.



São horas de terminar. É com muita alegria que vim aqui à sessão de abertura. Desejo umas frutuosas jornadas sobre esta espiritualidade, e que ela viva, cresça e floresça, para o bem da Igreja e do mundo.

D. António dos Santos Marto, Bispo de Leiria-Fátima

## **O AMOR REPARADOR E A MISSÃO DA CONGREGAÇÃO DAS RELIGIOSAS REPARADORAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES DE FÁTIMA**

Agradeço à Rev<sup>a</sup> Madre Geral e ao grupo que organizou estas Jornadas o terem-me convidado para proferir esta conferência. Agradeço a Deus a graça de poder partilhar com todos vós, sobre o mistério do amor reparador e sobre a missão da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Dou graças a Jesus, a Vítima que Se ofereceu no Calvário e que renova, cada dia, a sua oferta na Eucaristia, por nos dar a graça de podermos, com a ajuda do seu Espírito, reflectir sobre tais realidades, tão essenciais na nossa fé e tão importantes para a nossa vida cristã, para a vivência da nossa correspondência ao amor de Deus.

### **INTRODUÇÃO**

Todos temos experiência que quando amamos uma pessoa, quando somos amigos de alguém, que nos dói muito que essa pessoa seja magoada, ofendida, ultrajada. Sabemos também, por experiência, que quanto mais amamos uma pessoa mais nos magoa a sua ofensa. A ofensa de um estranho custa menos, dói menos. O amor leva-nos a partir para junto do amado ofendido. Nossa palavra, nossa presença mesmo no silêncio, consola, ajuda a aliviar, faz partilhar a dor. Quando o rei David pecou, Deus teve este queixume: “o meu eleito traíu-Me”. Ao Amado, e se esse Amado é o Deus--Amor, a ofensa

é maior, a dor é mais dura. Quanto maior é a grandeza do Amado, maior e mais grave se torna a ofensa. Se é Deus o ofendido, se o Amado é Deus, a ofensa torna-se grave, de valor divino, pela pessoa que é ofendido. Só quem vive ou entende a linguagem do amor, percebe mais e melhor a realidade do pecado e a necessidade do amor reparador. Quem ama sente grande necessidade de reparar. O amor deseja estar e consolar o Amado.

### **1º REPARAÇÃO: QUE SENTIDO ?**

Hoje, como ontem, como sempre, a reparação é uma realidade cristã que tem sentido. Enquanto houver pecado há necessidade de reparação. Enquanto houver negação do amor é urgente que haja quem ame mais para reparar os estragos do desamor, do pecado pessoal e colectivo, do mistério da iniquidade que está no mundo e do qual cada um de nós vai participando.

Quando um móvel, uma máquina, um carro estão estragados, mandamo-los reparar, ou seja, compor. Reparar é, pois, compor o que está estragado, o que ficou sem desempenhar bem a sua função, o que não funciona como é próprio da sua categoria. Daqui nos pode vir uma luz acerca da necessidade de reparar o que o pecado estragou, feriu, destruiu. Como negação do amor, como traição ao amor, como acto de desobediência e de rebeldia contra Deus, de atentado contra o próximo, de mal a nós próprios, o pecado estraga as relações de aliança, de fidelidade, de amor, de amizade.

Reparar não é outra coisa senão amar. Com o amor compor os estragos do pecado. E este amor, esta reparação, ou este amor reparador, pode ter muitas manifestações, ou seja, há muitos modos de reparar amando e de amar reparando. E a nós, a todo o cristão e a toda a cristã, é pedido este amor reparador pois o pecado faz os seus estragos, em Deus, no mundo, na Igreja, em nós próprios. Só quem não entende o que é o amor, pode não entender a necessidade de reparação. Quem vive e percebe, quem experimenta o amor e a negação dele, que é o pecado, percebe, experimenta a necessidade de reparar.

### **2º JESUS, O ÚNICO REPARADOR**

O grande e único Reparador foi Jesus Vítima que Se ofereceu na Cruz para remir a Humanidade. Ele, Único e Eterno Sacerdote, foi também o Cordeiro Imolado pela salvação de todos, o Cordeiro que tira o pecado do mundo. N'Ele a salvação já foi feita, a redenção foi realizada. Mas como o pecado continua a existir é necessário colaborar, com a nossa quota-parte, com o nosso amor reparador, nesse mistério de salvação e de graça. Jesus foi a propiciação dos nossos pecados e dos pecados do mundo inteiro. Só Ele, o Verbo feito carne, podia amar o Pai com o amor a que o Pai tinha direito e assim, com amor de Filho muito amado, reparar os pecados da humanidade e dar ao Pai o amor infinito do Coração do Filho. N'Ele, em Jesus, unidos a Ele, podemos e devemos reparar, amar o Amor ofendido. Inserindo o nosso amor no d'Ele, a nossa oferta, a nossa reparação é digna do Pai por causa do amor de Jesus. E o nosso amor reparador se estende às dimensões do pecado contra os outros e contra nós mesmos.

Pelo baptismo somos sacerdotes com Cristo e vítimas com Ele. Pelo sacerdócio comum dos fiéis temos a grande missão de continuar a missão salvadora operada por Jesus. Deste modo, o sentido reparador das nossas vidas, não só da nossa oração, apresenta-se como uma missão, portanto como algo necessário ao nosso ser de baptizados. Mergulhados em Cristo, inseridos n'Ele, somos "cristos vivos", somos por isso, sacerdote e vítimas com Ele, por Ele e n'Ele. Só com esta união, só com esta comunhão com Cristo, a nossa vida tem sentido reparador. Só em Cristo somos reparadores amando, pois foi o amor d'Ele que nos salvou, é o nosso amor que nos faz colaborar na salvação do mundo, ser reparadores com Cristo. Quanto mais amor, quanto mais puro e mais generoso for o nosso amor, tanto mais reparador ele se torna, para glorificar o Pai, e para colaborar na salvação do mundo. O amor reparador nos insere no mistério salvífico e nos faz ser, como nos ensinou S. Paulo: "hóstias vivas", oferenda permanente para glória da Trindade e para salvação da Humanidade pecadora.

### **3º O MISTÉRIO DA INIQUIDADE**

Porque há pecados é que precisamos de amor reparador. O mistério da iniquidade está aí, como fermento de mal, no seio da Humanidade, dentro da Igreja, nas famílias, nas paróquias, em cada um de nós. Há guerras, ódios, crimes, sangue inocente derramado. Há violência, injustiça, mentira, terrorismo com todas as suas vítimas. Há droga, prostituição, homossexualidade. Há adultérios, abortos, violência doméstica, exploração de menores. Há blasfêmias, ultrajes, sacrilégios. Há fraude, desemprego injusto, velhinhos sós e órfãos abandonados. Há vítimas da fome, da exploração, da calúnia, da depravação moral. Há Eucaristias mal celebradas, comunhões mal feitas, profanações sacrílegas para usar as Hóstias consagradas em bruxarias, missas negras, etc. Estas e tantas outras espécies de mal existem hoje no mundo. O mistério da iniquidade assentou arraiais no coração e na vida dos homens e das mulheres do nosso tempo. Daí a necessidade de tomarmos consciência destes e doutros males e pecados, para nos abirmos ao amor reparador. Chega até Deus o grito de inocentes que são explorados e mortos, como chegaram os gritos do Povo que sofria no Egito sob o jugo do Faraó. E chegam até Deus os clamores daqueles que sofrem as consequências do pecado e do mal. Tudo isto exige reparação, reclama um amor reparador, pois Deus é ofendido e os homens e mulheres violentados de muitos modos.

#### **4º PECADO: NEGAÇÃO DO AMOR TRINITÁRIO**

O pecado, mais que uma falta à lei, aos mandamentos, é um atentado, uma negação do amor. Antes de mais, do amor devido ao Pai, ao Abba, que nos ama com amor infinito, que fez connosco uma aliança de amor e que quer e reclama, que pede como “mendigo” a nossa fidelidade. Quando há pecado, qualquer que ele seja, o Pai é magoado, traído, ofendido. Negamos-Lhe o amor a que Ele tem direito, pois somos suas criaturas e seus filhos pelo dom insondável do baptismo. O pecado é também um atentado, uma negação de amor a Jesus, que nos amou e Se entregou por nós, que foi feito maldito, pecado, verme da terra por nosso amor, que verteu por nós o seu Sangue e morreu por nós, como prova máxima do amor. Pecar é trair Jesus, negar-Lhe o amor, que como Salvador e Redentor merece, a que como Amigo e Libertador

tem direito. O pecado é também um atentado ao Espírito Santo que habita em nós, que fica contristado, como afirma S. Paulo, com o nosso pecado, que é testemunha divina da nossa iniquidade, mesmo daqueles pecados que ninguém sabe ou conhece. Negação do amor devido a cada Pessoa da Trindade, o pecado atinge proporções de um grau que nos ultrapassa medir ou calcular. Mas fica sempre a certeza da urgência de reparação, de amor reparador. O Deus uno e trino, o amor trinitário reclama o nosso amor, pois o pecado traiu, ofendeu, negou fidelidade e correspondência. Daí a necessidade do nosso amor reparador.

### **5º PECADO: NEGAÇÃO DO AMOR AOS OUTROS**

Não somos ilhas isoladas, somos membros de um Corpo que se chama a Humanidade, a Família Humana e de uma Igreja, que é Corpo Místico de Cristo. O nosso pecado tem repercussão em todo o corpo. O bem e o mal têm as suas consequências no conjunto do corpo. Daí que o pecado é sempre um atentado contra os outros, mesmo que se trate da nossa vida de oração, pois se não rezo, ou não rezo como devo e o que devo, os outros, todo o corpo, fica prejudicado. Mas esta repercussão negativa no conjunto do corpo é ainda mais clara no pecado social, nos pecados em que os outros são vítimas directas do nosso pecado, no caso do roubo, da injustiça, da calúnia, da murmuração, etc. Atentado contra os outros, o pecado não colabora, antes pelo contrário, na construção da santidade da Igreja, no crescimento da vida da Humanidade na paz, na justiça, no bem. Os outros são vítimas do nosso pecado. Só o amor reparador pode “compor” este atentado, esta lacuna, sobretudo os graves pecados de omissão. Precisamos de amar mais, pois o amor é a única solução do drama do pecado. Amando estamos reparando e fazendo bem à Humanidade e à Igreja.

### **6º PECADO: ATENTADO CONTRA NÓS PRÓPRIOS**

Nem sempre é claro, para muitos, que o pecado é um atentado contra nós mesmos. Somos a primeira vítima do nosso pecado. Com ele, ficamos menos santos, menos homens e menos cristãos. O pecado avilta-nos, degrada-nos,

ofusca a imagem de Deus que devemos ser, não nos deixa ser transparente de Deus, membros vivos do Corpo Místico, “cristos” vivos, fiéis convictos e convincentes, homens e mulheres de vida santa, benfeitores da Humanidade e da Igreja. Daqui nascerá o desejo de um amor reparador, para amar mais em consequência do nosso próprio pecado. Pelo amor que devemos a nós próprios devíamos lutar mais pela fidelidade, pela santidade. O amor reparador pelos nossos pecados nos ajudará a crescer na intimidade com Deus, na comunhão com a Trindade, na acção construtiva e positiva da vida da Igreja e da Humanidade.

## **7º AMOR REPARADOR, RESPOSTA AO PECADO**

Pelo que ficou dito, podemos concluir que o amor reparador, que a reparação não só se pode fazer, mas é uma obrigação e uma urgência. Mesmo se muitos não a entendem, não a percebem, não se dispõem a fazê-la, aqueles, entre os cristãos, que lhe perceberam o sentido, o valor, a necessidade, não deixarão de a fazer, com empenho, ousadia cristã. Amor reparador intenso. Vamos ver agora algumas das diversas formas dessa reparação.

### 7.1. Oferta eucarística.

Parece ser o melhor e primeiro modo de exercitar a reparação, a nossa oferta com Jesus Eucaristia, qual gota de água que se mistura no vinho e se converte em sangue redentor. Na nossa oferta na Eucaristia ficamos “vítimas de amor” com Jesus, e com Ele nos oferecemos ao Pai, para ajudar a salvação, para colaborar na redenção, para sermos reparadores n’Ele e com Ele. Daí a necessidade de tomarmos atenção amorosa à nossa oferta com Cristo no altar, para nos tornarmos “hóstias vivas “ com Ele. A vida oferecida em amor é a melhor reparação, a mais eficaz e a mais fecunda.

### 7.2 Oração reparadora

Se Jesus Eucaristia continua presente no sacrário ou na custódia, uma das formas mais comuns da reparação, será a nossa oração diante d'Ele, oração que é expressão viva do nosso amor, da nossa comunhão, da nossa amizade, do nosso amor reparador. Estamos em comunhão e em intimidade com Aquele que foi o Reparador por excelência, que foi a Vítima que Se ofereceu pelo pecado do mundo, que é o Cordeiro Imolado. Rezar-Lhe, fazer-Lhe companhia amiga, "consolá-Lo" com a nossa presença orante é um modo de exercer o nosso amor reparador. Unidos a Ele, em comunhão de oração, de adoração, chegamos ao Pai, fazemos elevar até ao Pai o nosso amor reparador.

### 7.3 Vida em reparação

Unida à nossa oferta eucarística e à nossa oração, temos que fazer da nossa vida toda um acto de amor reparador. O modo de trabalhar, de sofrer, de viver todas as circunstâncias da vida, mesmo os tempos de descanso e de lazer, deve ser um modo reparador, pelo amor com que vivemos, com que fazemos o dia a dia da vida. Então toda a vida, pelo amor que colocamos em tudo, se torna reparadora. Não somos só reparadores quando rezamos diante do sacrário ou da custódia, mas pretendemos sê-lo o dia inteiro, com uma vida feita em amor oblato, com sentido de reparação, de oferta, de vida em amor. Unidos a Jesus durante o dia, agindo por amor, tudo o que fazemos e vivemos, é oferta reparadora. Mergulhados n'Ele, unindo-nos a Ele, ao longo do dia, tudo o que fazemos tem o cunho de reparação, de amor reparador.

### 7.4 Reparar nos outros

Se cada pessoa é um "cristo vivo", se Jesus está presente em cada pessoa, sobretudo, como Ele próprio afirmou, no pobre, no doente, no que passa fome, no que está preso, no que tem sede, no que está nu, no marginal, é nesses que o nosso amor reparador pode e deve agir. A oração reparadora tem que nos lançar a tratar Jesus no pobre e no doente. As nossas horas eucarísticas têm que se transformar em amor activo. A nossa Eucarsitia tem que ser, cada vez mais, escola de caridade. Então o nosso modo de agir com os pobres e marginais, com os doentes e os carenciados, é um modo do amor reparador curar as feridas do

Corpo Místico. A Eucaristia, a oração transforma-se em caridade. Aí, no agir em amor, estamos a cuidar de Jesus, a tratá-Lo, a dar-Lhe amor, a dar-Lhe de comer, a cuidar-Lhe das feridas, a visitá-Lo quando está preso ou doente. Não é verdade, como afirmou a Beata Teresa de Calcutá, que diante de quem sofre devíamos estar de joelhos como diante de Cristo na custódia? É nesses actos de serviço generoso e dedicado que se exerce, dum modo maravilhoso, o nosso amor reparador.

### 7.5 Cuidar de nós

Se o pecado, como vimos, é um atentado contra nós, devemos reparar em nós mesmos os estragos do pecado. Como? Fazendo-nos bem a nós próprios, usando de misericórdia para connosco, velando mais e melhor pelo nosso crescimento humano e espiritual. Teresa do Menino Jesus, com rasgos de sabedoria, disse um dia a sua Irmã Celina, carmelita como ela: “Ama ternamente a tua miséria”. Eis outra maneira de falar e exercer o nosso amor reparador para connosco mesmos. Cuidar de nós, crescer na auto-estima, amar ternamente a nossa miséria, já que Deus, no seu amor infinito, se debruça sobre nós, com rasgos de divina misericórdia. Amando-nos, querendo o nosso bem, rezaremos mais, faremos mais penitência, seremos mais empenhados na nossa caminhada de santidade, cuidaremos mais da construção do nosso ser, como pessoas e como cristãos. Vamos assim exercendo connosco o amor reparador.

### 7.6. Reparar a Jesus Eucaristia

Desculpem que volte ao tema da reparação a Jesus Eucaristia. Aqui em Fátima foi pedida esta reparação, pois Jesus sofre “ultrajes, sacrilégios e indiferenças”, como disse o Anjo aos Pastorinhos. Em Balasar, à Beata Alexandrina, Jesus pede reparação pois sofre “muitos crimes na Eucaristia”. Há aqui um apelo e um mistério que é necessário abordar com cuidado e mais de perto. Jesus é ultrajado, insultado, desprezado no sacramento do Amor. Há Missas mal celebradas, há comunhões sacrílegas, há atentados satânicos, como o roubo de hóstias consagradas para serem usadas em bruxaria, missas negras, orgias. O mistério do mal, o mistério da iniquidade lança-se contra o



sacramento do Amor, contra Jesus Eucaristia. E, como Jesus Se queixou várias vezes, está só e abandonado em muitos sacrários. Por isso o Papa Bento XVI, na mensagem da Quaresma para este ano, fala-nos que Jesus é um mendigo de mão estendida que nos pede companhia, amor, oração, reparação. E diz-nos o Papa, citando o Evangelho de S. João, e lembrando a longa e fecunda tradição da Igreja, que Jesus continua com “sede” do nosso amor reparador. Estes apelos parecem tornar-se mais veementes nos tempos hodiernos, pois o mundo satânico lança-se contra a Eucaristia. Há crimes contra Ela, há sacrilégios e ultrajes. Daí a necessidade do amor reparador, da presença amiga junto de Jesus Eucaristia, como Sacramento do seu Amor por nós. Urge fazer-Lhe companhia, urge reparar, urge amá-Lo por nós e pelos outros. Como pedia João Paulo II, “que não cesse a nossa adoração”.

### **8ª Reparação e sociedade hodierna**

Vamos ao tema que me pediram que explicitasse. Creio que a sociedade de hoje, apesar de tão consumista, tão economicista, tão mergulhada nos bens de consumo, está ainda sensível ao amor. Os próprios jovens estão sensíveis quando se lhes fala de Jesus como Amigo, quando se lhes apresenta o Coração como símbolo do amor louco e apaixonado de Deus. E se não estão tão sensíveis a uma oração de reparação, são muito tocados pelos males do mundo, pelas guerras, pela fome, pela miséria humana. Desejam fazer bem, dar-se com generosidade. Neste sentido já estão a ser reparadores, mesmo que essa reparação não implique grande consciência de pecado, nem grande dimensão de oração ou de adoração. Perante o mal, os crimes, a miséria humana, há muitos, mesmo sem fé explícita, que desejam ardentemente fazer bem e ser voluntários de cruzadas de bem-fazer, quer seja nas suas terras, quer em países de missão. Quem ama deseja fazer bem, deseja ajudar, consolar, matar a fome, a sede, etc. E estes actos de doação integram-se muito na dimensão do amor reparador, como vimos acima. Neste sentido, parece-me que muitos, não diria a sociedade inteira, pois há quem seja movido pelo ódio, pela vingança, pela injustiça, há quem cometa crimes, fraudes, etc., mas há muitos, mesmo não cristãos, que são sensíveis ao dom ao próximo e ao amor que, fazendo o bem, é

reparador de chagas, de feridas, de sofrimentos, de pecados. E desta dedicação ao próximo, deste modo de bem-fazer, desta solidariedade, podem, com a nossa ajuda, perceber a dimensão mais cristã da oração e da adoração reparadora, pois podem descobrir Jesus e o seu rosto sofredor, feito verme da terra, feito pecado e maldito, como nos diz S. Paulo. E neste processo será bem importante o nosso empenho, o nosso testemunho, o nosso modo de agir como estímulo, como exemplo. E o Espírito Santo, que age no coração de todos, não deixará de ir conduzindo os corações para olhar, para contemplar Aquele que trespassaram, como nos exortou o Papa Bento XVI, na mensagem para a Quaresma deste ano de 2007.

### **9º Uma Congregação para reparar**

É bom examinarmos o início, a origem da Congregação, o porquê deste carisma e da intuição do Fundador. Onde nasceu esta grande Obra? Onde foi o Fundador buscar esta intuição maravilhosa? Onde lhe veio a inspiração? A Beata Jacinta, como vamos ver, foi o instrumento providencial escolhido por Deus para levar o Dr. Formigão a fazer esta fundação. É uma história bonita, encantadora. Por um lado a docilidade dela a Nosso Senhor e à Virgem, por outro, a docilidade do Dr. Formigão às palavras transmitidas pela pequena pastorinha.

A Jacinta, hoje nossa querida Beata Jacinta Marto, na sua doença, pouco tempo antes da sua morte, que seria, como sabemos, a 20 de Fevereiro de 1920, afirma à sua prima Lúcia : *“Sinto uma grande dor no peito, mas não digo nada à minha mãe. Quero sofrer por Nosso Senhor, em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, pelo Santo Padre e pela conversão dos pecadores”*. Nesta oferta reparadora se resumia todo o amor do seu coração, toda a ânsia de reparar pelos pecados do mundo, toda a sua oblação para responder aos pedidos de Nossa Senhora aqui em Fátima. E quando se põe a questão de ser internada no Hospital, desabafa deste modo: *“Se tu fosses comigo! O que mais me custa é ir sem ti. Se calhar, o hospital é uma casa muito escura, onde não se vê nada. E eu estou ali a sofrer sozinha! Mas não importa. Sofro por amor de Nosso Senhor, para*

*reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre". E depois acrescenta: "Jesus e Maria Santíssima gostam muito de quem sofre pela conversão dos pecadores!". Ela, a pequena Jacinta quer sofrer pela conversão dos pecadores e reparar Nosso Senhor dos inumeráveis pecados do mundo. Há nela uma sede imensa de reparação, um desejo incessante de consolar o Senhor, como que uma fome de sofrimento para que a sua reparação seja mais fecunda.*

Já muito doente e sem poder sair de casa e da cama, diz à sua prima Lúcia: *"Olha, diz a Jesus escondido que eu gosto muito d'Ele e que O amo muito". E em Lisboa, internada no Hospital de D. Estefânia, afirma, ao jeito de exortação: "Ama muito a Jesus e o Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores".*

É neste contexto de amor reparador, mergulhada em grande sacrifício físico devido à doença e à solidão, que a Jacinta recebe de Deus um "recado", e é encarregada de transmitir essa mensagem, esse apelo e esse desejo ao Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão, hoje Servo de Deus, que havia de ser o instrumento providencial de Divina Providência, para fundar a Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Ela própria pede que mandem chamar esse distinto sacerdote pois Nossa Senhora lhe tinha aparecido e lhe mandara que lhe transmitisse "duas coisas". Uma dessas coisas, um desses recados, dizia respeito à reparação, pois: *"Um castigo ameaça o nosso País e ferir-nos-ia se não houvesse almas que reparassem a Divina Justiça irritada pelos nossos pecados".* O Senhor Cónego Formigão num dos seus inumeráveis textos, explica que castigo era esse, mas mais importante que a descrição do castigo é o pedido de reparação. E a Jacinta acrescentou o seguinte: *"que se houvesse almas que fizessem penitência e reparassem as ofensas que se faziam a Deus e se instituíssem obras de reparação que O desagravassem, o castigo... seria desviado".*

É desta mensagem da Jacinta, segunda ela, transmitida por Nossa Senhora, que nasceu o desejo de fundar uma Obra de reparação. O Senhor Cónego Formigão, destinatário deste apelo do Céu, sente que deve ser ele a fundar essa Obra, a lançar-se nessa cruzada reparadora. Temos aqui o início,

pelo menos no coração do Fundador, da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. O futuro vai dizer-nos que foi mesmo assim: o pedido de Nossa Senhora feito à Jacinta e por ela transmitido ao Cónego Formigão, está na origem da Congregação com um carisma reparador, com uma vida reparadora, de quem o Senhor Cónego foi o Fundador.

### **10º Actualidade da Congregação.**

Por tudo o que foi dito acima acerca da reparação e da sua actualidade, do mistério da iniquidade e da necessidade do amor reparador, sabendo o que é a vida, o espírito da Congregação, suas obras e sua espiritualidade, sua oração eucarística, suas Constituições, sua origem, seu passado, seu presente, tudo nos leva a acreditar que esta Congregação e seu espírito reparador é hoje muito importante, de grande actualidade. Atrevemo-nos a dizer que talvez hoje, pela situação do mundo, pelos pecados da humanidade, por tudo quanto são ultrajes, crimes, sacrilégios, indiferenças, a Congregação é mais necessária, pois é cada vez mais urgente a reparação. Que Deus se digne abençoar a Congregação, concedendo-lhe mais vocações, para que haja mais Irmãs a viver este espírito reparador, a amar o amor do Deus uno e trino, amor presente na Eucaristia e presente nos irmãos. Que consolação é saber que a Congregação se estende por Moçambique e, agora, por Angola. Que vá para outros países para ensinar o amor reparador. Que consolação é saber que muitos leigos, verdadeira família reparadora, querem viver unidos às Irmãs esta odisséia do amor reparador. Enquanto houver pecado esse amor reparador é necessário. A Congregação nasceu para dar resposta ao apelo de Nossa Senhora à Beata Jacinta, que o Servo de Deus, Dr. Manuel Formigão, acolheu com humilde docilidade. Que na mesma humildade e docilidade continuem esta Obra maravilhosa do amor reparador. E que Deus vos abençoe.

Pe. Dário Pedroso, SJ

## **A CARIDADE NA VIDA DO PADRE FORMIGÃO**

### **1. A caridade nos seus ensinamentos**

Nos escritos do Pe. Formigão existem vários capítulos sobre a virtude da caridade quase todos eles dirigidos às Religiosas Reparadoras de Fátima, a quem ele se propôs facultar uma formação humana e espiritual o mais completa possível. Daí as frequentes instruções sobre as diversas virtudes e sobre a forma de percorrermos o caminho da santidade e da perfeição, que ele lhes propunha com abundante doutrina.

Sobre a virtude da caridade ele falou e escreveu, não só no papel, mas sobretudo na sua vida, com a sua acção e o seu exemplo onde todos podemos ler o quanto estava possuído pelo amor de Deus e do próximo e faz que admiremos o caminho de santidade que percorreu e que o transformou para nós numa luz e num amigo a guiar-nos pelos caminhos tortuosos desta vida.

#### **1.1 - Amor a Deus**

Nos seus escritos, descreve e exalta os efeitos que a prática da caridade produz em quem a pratica e ao seu redor. Assim ele diz-nos: «A essência da

caridade consiste na perfeição, isto é, no amor a Deus e ao próximo. Amamos a Deus porque é infinitamente bom e amável; amamo-lo com a vontade aperfeiçoada pela virtude da caridade e ajudada pela graça actual. Amar a Deus de todo o coração e de toda a alma, de todo o espírito e de todas as forças, é o primeiro e o maior dos mandamentos, diz o Senhor. Mas em que consiste, e em que se conhece o amor de Deus? A primeira coisa em que consiste, e em que se conhece, é a observância dos seus mandamentos. Ele mesmo o disse. Ele não qualifica de seu verdadeiro amigo, senão quem exactamente os cumpre. Outro sinal por onde nós podemos conhecer que amamos a Deus, é o sofrermos de boa vontade por Ele, é o sacrificarmos-lhe tudo. Quem não está pronto a sofrer por outrem, não ama senão a si, e quem não é capaz de sacrifícios, não é capaz de amor. Autor da nossa existência, de todos os bens que possuímos, e amando-nos com um amor infinito, Deus não exige muito de nós, querendo que o amemos e que O amemos com preferência a tudo. “A medida do nosso amor a Deus, consiste em amá-lo sem medida”: e como se há-de amar de outra sorte a amabilidade infinita? Interroga o Pe. Formigão. Não se julgue que é difícil amar a Deus. Quando nós temos um verdadeiro desejo de amar a Deus, nós começamos a amá-lo. E quanto mais o desejo cresce, mais o amor avulta.

O amor a Deus consiste em que Ele nos amou primeiro e continua a ser o primeiro a amar-nos. Por isso, também nós podemos responder com o amor.» E, continua o Pe. Formigão citando Santo Inácio: «Este amor é o que há de mais profundo no homem: é o primeiro móvel e recurso da sua vontade, o maior mandamento, o primeiro e mais alto pedido de Deus ao homem, a virtude mais sublime e mais perfeita, a própria perfeição e o serviço de Deus mais excelente. Porque, a essência própria do amor é a dedicação, a vontade firme de se dar e, se tanto for necessário, de se nivelar todo por Deus e pela sua glória, de preferir o seu divino agrado ao nosso e ao das criaturas.»

## 1.2 O amor do próximo

Em relação ao próximo, o Pe. Formigão diz-nos: «é Deus que amamos nele, por ser imagem e reflexo das suas divinas perfeições. O motivo que nos leva a amar o próximo, é a bondade divina nele manifestada. Nós amamos em

nossos irmãos almas habitadas pelo Espírito Santo, ornadas da graça divina, remidas pelo preço do sangue de Nosso Senhor. Amando-os queremos o seu bem sobrenatural, o aperfeiçoamento das suas almas, a sua salvação eterna. Isto só é possível a partir do encontro íntimo com Deus, que me leva a ver aquela pessoa não somente com os meus olhos e sentimentos, mas também segundo a perspectiva de Jesus Cristo. Assim, pois, não há duas virtudes na caridade, uma para com Deus, outra para com o próximo; não mais do que uma, só que abraça juntamente Deus aceite por si mesmo e o próximo amado por Deus. Amor a Deus e ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas ambos vivem do amor proveniente com que Deus nos amou primeiro. O amor cresce através do amor, da dedicação.»

E por isso, a alma que se entrega à prática desta virtude, - amor a Deus e amor ao próximo -, torna-se realmente boa, isto é, experimenta como que uma necessidade de fazer o bem, ainda mesmo que não haja compreensão e correspondência a esperar. Ela sente necessidade de se dar, de suprir o que falta ao seu próximo, de compreender, de perdoar, tudo isto à semelhança do Deus Amor.

A prática da caridade levada até aos mais ínfimos pormenores nas nossas relações humanas, diz, «torna feliz quem a pratica e mais agradável a vida, porque quem pratica esta virtude está certo, duma certeza absoluta, fundada na Palavra de Deus, de que tudo o que faz pelos outros, Deus lho fará. É que a caridade tem uma admirável energia; não trabalha nunca em vão, nem mesmo quando não obtém o que pretendia. Assim, a pessoa que se aplica a fazer o bem em torno dela, a edificar, a prestar serviços, a acolher, a ir ao encontro de quem sofre, a aliviar uma situação dolorosa, a aproximar as pessoas entre si com arte, simpatia e boa disposição, a ultrapassar qualquer agravo recebido sem o dar a entender, a manifestar interesse pelo bem estar dos outros, a socorrer quem necessita, está a viver o mandamento do amor e Deus habita nela, porque quem ama o próximo ama a Deus.» E então o P. Formigão questiona: «Como é que a pessoa que pratica a virtude da caridade fazendo o bem ao seu próximo, não há-de encontrar nos seus actos paz e alegria? Como não há-de esperar o perdão de Deus para as suas faltas ou pecados, se ela é capaz de perdoar aos seus

irmãos as ofensas que lhe fazem? Como não há-de ter a ventura de alcançar de Deus as graças necessárias à sua salvação e santificação? Como sobretudo não há-de morrer em paz ao pensamento de que nunca julgou ninguém? Porque ela tem presente estas palavras de Jesus: «Eu serei para vós o que vós tiverdes sido para os outros».

E assim leva-nos a compreender que «a caridade é, não somente a rainha das virtudes, mas que ela é tão excelente, que basta para tornar um ser humano perfeito, comunicando-lhe todas as outras virtudes. Pois se a nota característica de Deus é “ser amor» como o define S. João no Cap. I - e se nós queremos pensar como Ele, ser perfeitos como o nosso Pai Celeste é Perfeito, é mister amá-lo como Ele nos ama e como não O podemos amar sem amar o próximo, devemos amar esse querido próximo até nos sacrificarmos por ele.»

O amor ao próximo é um caminho para encontrar também a Deus. E só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível diante de Deus, porque o amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas ambos vivem do amor proveniente com que Deus nos amou primeiro.

Escutemos o P. Formigão, acerca da forma de praticar a caridade: «A caridade supõe o sacrifício, mas não o teme. No Céu amaremos sem necessidade de nos imolarmos. Neste mundo, porém, passam-se as coisas muito diferentemente. No estado actual da nossa natureza decaída, é-nos impossível amar a Deus com amor verdadeiro e afectivo sem nos sacrificarmos por Ele. É forçoso pois confessá-lo: se queremos amar a Deus e ao próximo por amor de Deus, é preciso combater o egoísmo, o orgulho, a ambição desmedida, a sensualidade, o amor desordenado ao bem-estar e às riquezas; é levar a sua cruz, aceitar os sofrimentos, as privações, as humilhações, os revezes da fortuna, as fadigas, as doenças, numa palavra, todas essas cruces providenciais que Deus nos envia para nos provar, nos arreigar na virtude e facilitar a expiação das nossas faltas. Então e só então, é que podemos ser seus discípulos e avançar nos caminhos do amor e da perfeição.» É para a conquista do amor



que todos corremos e, uma vez lá chegados, é nele que descansamos (Santo Agostinho).

O Padre Formigão assim compreendia, vivia e ensinava a praticar esta virtude da caridade, de que nos dá tão admiráveis exemplos, como vamos ver.

## **2. Como o Padre Formigão viveu a virtude da caridade**

A sua espiritualidade toda centrada em Deus que se expande em amor e se realiza em Jesus Cristo que é manifestação real desse amor, e só deseja o bem para os seus filhos, levava o Pe. Formigão a amar o próximo com esse mesmo amor com que Deus o ama. Então compreendemos como é que ele, possuído desse amor de Deus e do próximo, faz da sua vida uma entrega total à Igreja que amava e servia. Porque já então dizia: «a caridade é uma força que arrebatava a nossa alma e a faz subir até Deus; é a essência própria do amor, é a dedicação, a vontade firme de se dar». E por isso, para responder a essa paixão que o consumia de se dar aos outros e contribuir para a sua felicidade, dirigiu o seu apostolado sobretudo para os mais pobres e necessitados, em quem via o próprio Jesus Cristo. Assim, já nos seus primeiros anos de sacerdote, em Santarém, num quadro político de perseguição à Igreja e ao clero, ao ser extinta a Conferência de S. Vicente de Paulo, o Pe. Formigão, corajosamente, defende, na imprensa, os pobres: «que irão fazer agora as 35 famílias que ficaram desempregadas e na maior miséria? É calunioso dizer que isto tem um carácter político quando na verdade só pretende exercer a caridade cristã». É o seu grito no meio da anarquia reinante e da injustiça social.

Levado por esse sentimento de amor compassivo, que só deseja o bem de todos os homens seus irmãos, fundou a Associação Nun'Álvares, particularmente dirigida à juventude que frequentava o Liceu Sá da Bandeira onde ele era professor, e a Escola de Regentes Agrícolas, o que lhe mereceu o título de «Apóstolo da Juventude». Pelas suas constantes iniciativas promoveu, incansável, a restauração cristã e a sua Associação Nun'Álvares foi certamente precursora da Acção Católica em Portugal.

Foi ainda durante a sua permanência em Santarém que, em 1918, alastrou a célebre epidemia pneumónica que vitimou milhares de pessoas. Era necessário e urgente acudir às vítimas de semelhante flagelo. O Pe. Formigão não hesitou. Mais uma vez, impulsionado pelo seu amor generoso e ardente, sem atender ao perigo a que se expunha de ser contagiado, acompanhado de grupos de jovens, possivelmente da sua Associação Nun'Álvares, assistiu aos doentes, não só na cidade mas por toda a região, fazendo o ofício de médico e enfermeiro, distribuindo alimentos e medicamentos, que haviam sido colocados à sua disposição pelo Governo Civil de Santarém. O bispo de Bragança, D. Abílio Vaz das Neves, seu grande amigo, dá o seguinte testemunho:

*«No ano de 1918, por ocasião da epidemia bronco-pneumónica que assolou Portugal inteiro, esse Eclesiástico, no meio do pavor geral, consagrou-se de alma e coração, dia e noite, ao tratamento e alimentação dos doentes pobres, em número de muitas centenas, na cidade de Santarém e subúrbios, com aprazimento do então Governador Civil do Distrito, o médico Dr. Santos Moita, que lhe forneceu os medicamentos necessários, com aplauso da Câmara Municipal que lhe confiou a distribuição dos géneros alimentícios dum armazém que organizou de acordo com os comerciantes locais, para socorrer as vítimas da terrível epidemia, salvando assim um sem número de pessoas de morte certa, com risco grave da sua própria vida. Por falta de facultativos face à inumerável multidão de doentes, muitos destes não podiam ter assistência médica».*

Foi, de facto, de incalculável valor esta acção benemérita e caritativa do Dr. Formigão. Este seu gesto desassombrado, além de salvar muitas vidas, constitui um sublime exemplo de amor ao próximo. Podemos imaginar que a sua presença, além do conforto material, terá levado aos enfermos o conforto moral e espiritual de que tanto careciam. Foi nesta época e nestas circunstância que o Servo de Deus criou em Santarém um refeitório ambulante para servir refeições gratuitas aos necessitados.

Em Bragança, o Pe. Formigão realizou um apostolado semelhante ao que havia realizado em Santarém. Além do seu trabalho como Reitor e professor no Seminário, dedicou-se aos mais pobres e desfavorecidos. Para as crianças

necessitadas que ele via percorrerem as ruas da cidade sem qualquer amparo, fundou dois patronatos, um para rapazes e outro para meninas. Para prover à sua sustentação promovia festas e outras iniciativas, para as quais convidava as famílias abastadas que desejava motivar para a partilha dos seus bens com quem mais necessitava.

Muitos outros testemunhos atestam esta bondade e disponibilidade do Servo de Deus para com os seus semelhantes: Uma religiosa da Congregação por ele fundada, descreve que numa altura em que Portugal foi mais fustigado pela doença da tuberculose, ela contraiu essa doença. O Pe. Formigão, para que ela não sentisse o isolamento, procurou estar sempre a seu lado, passando horas sentado no seu quarto, lendo, escrevendo, sem medo de contrair a doença, só para lhe fazer companhia e lhe minorar o isolamento que o seu estado proporcionava. Mas não permitia que as Irmãs se aproximassem, para não contraírem a doença.

Era muito sensível ao sofrimento das pessoas, diz outra testemunha. Confortava-as moral e espiritualmente, com um jeito muito próprio e especial. Atendia a todos que dele se aproximavam de uma forma muito acolhedora e ninguém saía de junto dele desanimado ou triste. Tinha muito carinho pelas crianças e pelos pobres. Muitas vezes dava do que era seu e lhe fazia falta. Em viagens era frequente vê-lo distribuir os seus poucos haveres com os outros passageiros, sobretudo a merenda que as Religiosas carinhosamente lhe preparavam.

O seu carinho voltava-se ainda para os sacerdotes que, sobretudo na diocese de Bragança, viviam isolados e passavam privações. Sabe-se que ele chegou a partilhar dos seus poucos honorários com alguns desses colegas que viviam na maior pobreza, mas não queria que ninguém o soubesse.

Ainda em Bragança, no rigor do Inverno, foi visitado pelo pai de uma jovem que desejava ingressar no seu Instituto. Ele estava sentado no seu gabinete e tinha para se aquecer uma velha alfofa com uma botija de água quente aos pés, uma manta sobre os joelhos e uma capa de agasalho nos ombros. Ao ver que o seu visitante estava tiritando de frio, mandou-o sentar-se

junto dele e cedeu-lhe todos os agasalhos, incluindo a botija de água quente, que ele mesmo lhe aconchegou aos pés. É de referir que este gesto foi altamente significativo para o pai dessa jovem, que pondo de lado todas as suas desconfianças, não hesitou em confiar a este sacerdote a sua filha, marcando desde logo o dia da sua vinda para Fátima. Estes e outros gestos eram frequentes no Servo de Deus. Algumas testemunhas referem o interesse e ternura que tinha por todos aqueles que o rodeavam, particularmente pelos que tinham problemas e dificuldades.

Outros admiram a sua caridade referenciada à preocupação pela Reparação. “Era um homem zeloso e preocupado pela salvação e promoção dos seus semelhantes. Amou a Igreja e encarnou os seus problemas. A sua doação ao serviço dela foi total e manifestou-se, particularmente, no serviço em muitas dioceses do País”.

Quando mais para o final da sua vida a saúde começou a debilitá-lo, e já não podia exercer as suas actividades como antes, foi viver para o Porto, onde tinha os médicos que o acompanhavam e onde havia comunidades do seu Instituto das Religiosas Reparadoras de Fátima. O Sr. Bispo do Porto D. Agostinho de Jesus e Sousa acolheu-o carinhosamente e nomeou-o capelão da Casa do Imaculado Coração de Maria em Meixomil, onde residia uma comunidade de Irmãs, que depois transitou para Figueiró – Paços de Ferreira, tendo o Servo de Deus acompanhado essa Comunidade. Tanto numa terra como noutra, apesar de todos os seus problemas de saúde, o Servo de Deus desenvolveu uma actividade apostólica que deixou rasto e ainda hoje é muito lembrada na região.

Em Figueiró, ele realizou uma verdadeira pastoral dos doentes, como refere uma outra testemunha. Visitava-os regularmente, levava-lhes o conforto espiritual dos sacramentos da Igreja, e também o apoio humano e muitas vezes material, apesar da exiguidade dos seus recursos. Mas nem sempre o fazia directamente. Por vezes, depois da visita ao enfermo, disfarçadamente, colocava o seu óbulo debaixo da toalha da mesa ou num outro lugar escondido e a pessoa só o encontrava depois de ele já ter saído de sua casa. Na capela da casa,

onde habitualmente confessava as pessoas que o desejavam fazer, àquelas que ele sabia necessitarem de ajuda material, dizia: “depois de rezar a penitência passe pela portaria a cumprimentar a Irmã.» A esta já ele tinha entregado ao esmola para dar a essa pessoa e assim não chegavam a saber donde vinha a oferta.

Para com as Religiosas da Congregação que fundou, ele usou sempre da máxima delicadeza, carinho e compreensão e exortava-as insistentemente à prática desta sublime virtude, com estes belos conselhos:

« Praticai a caridade fraterna com o maior esmero possível; Esquecei-vos de vós mesmas para dar gosto aos outros; Não vos perdoeis nunca uma falta de caridade, reparai-a o mais depressa e o melhor possível; mostrai-vos contentes com tudo e com todos; evitai todo o sinal de impaciência e mau humor; incomodai-vos para não incomodardes os outros; na correcção fraterna amai a pessoa e persegui o vício; o amor procura dar gosto por meio de mil deferências e atenções, aproveita todas as ocasiões para se manifestar em pequenos gestos e atitudes. E enaltecia a prática da caridade com estes pensamentos: «A doação aos outros exprime um elevado grau de delicadeza de coração; A bondade é a caridade perfumada, vestida de gala...; As principais mortificações que Deus espera de vós, são o cumprimento do dever, a prática das virtudes especialmente da humildade, paciência, mansidão, caridade.»

Poderia continuar, porque é vasta a mensagem do Servo de Deus sobre esta virtude. Mas creio ser o suficiente para percebermos o quanto ela era lhe querida e o lugar proeminente que ocupou na sua vida. Com que carinho ele exorta as sua filhas e como ele gostaria de as ver ornadas com os belos atributos desta sublime virtude!

Com estes testemunhos procurei traçar um retrato tanto quanto possível fiel da personalidade do Servo de Deus e da sua vida de santidade através da vivência do mandamento do amor em relação a Deus e em relação ao próximo. É caso para dizer, citando um autor cristão: «Os santos não nascem santos, fazem-se santos!» Foi o que aconteceu com o Pe. Formigão ao querer ser fiel a Deus e ao seu projecto de salvação para todos os homens.

Termino com uma oração que encontrei num dos seus muitos textos sobre o amor a Deus e ao próximo, onde ele exprime o ardente desejo de se inundar nessa torrente infinita do amor que é o próprio Deus.

«Oh, meu Deus, não pode haver uma ventura, uma dignidade, uma glória, que iguale a de vos amar. O mel mais doce, o néctar mais delicioso não se avizinham da vossa pureza; as honras, os prazeres, o ouro, a prata, as pedras preciosas, todos os tesouros do mundo em nada se podem comparar com os vossos sublimes encantos. Assim como o veado suspira pelas águas correntes, a minha alma suspira por Vós, ó meu Deus! Quem me dera acabar de atravessar o sequioso deserto da vida, para saciar a sede de amar-Vos nas fontes copiosíssimas da Vossa augusta morada. Anjos do Céu, que tão melodiosos hinos tocais junto ao trono do Altíssimo, ah, se vós me ensinásseis um cântico, uma harmonia, um som ao menos daqueles que o divino ardor vos inspira, com que efusão, com que alvoroço eu o repetiria, em que torrentes de júbilo se não inundaria o meu peito, e que êxtases de amor me não arrebatariam?»

Ir. Gertrudes Duarte Ferreira

---

**Bibliografia:**

Manuel Nunes Formigão - *manuscritos*

Lúcio Craveiro da Silva - *Caminho Espiritual do Padre Manuel Nunes Formigão*

Pe. Manuel N. Formigão - *Vida Espiritual - Pensamentos*

Proc. Canonização do P.M.N.F. - *Testemunhos Vários*

Bento XVI, *Deus é Amor*.

## A HUMILDADE DO PADRE FORMIGÃO

Ao tomar contacto, de novo, com as lições sobre a humildade do Padre Formigão veio-me à memória uma observação enérgica e semelhante se St. Agostinho: “Se me perguntais o que é preciso primeiramente para ser cristão, eu vos responderei: a humildade; se a seguir reiterais a pergunta, eu vos responderei: a humildade; e se insistirdes ainda eu vos repetirei: a humildade; e todas as vezes que me lançardes esta pergunta eu vos darei a mesma resposta.”

Também o Padre Formigão, ao iniciar uma série de lições às suas religiosas sobre a vida espiritual, observa de modo semelhante embora noutra contexto: “antes de começar estas lições sobre as virtudes próprias do vosso estado de religiosas não devo deixar de vos falar da humildade. É ótimo, sem dúvida, que sejais caritativas, dedicadas sem medida para com as crianças e os hóspedes confiados aos vossos cuidados; é ótimo igualmente que tenhais paciência no serviço que vos é confiado; mas isto não basta. É preciso santificar tudo pela humildade.” Por isso na sua perspectiva da vida espiritual que consiste em poder excluir em verdade: “Vivo mas já não sou eu que vive, é Cristo que vive em mim”(Gal. II, 20), esta vida de Cristo em vós, esta substituição de vós mesmas por Jesus, não é possível sem humildade.

Vejamos, portanto, em primeiro lugar o que o Padre Formigão escreveu sobre a humildade, para melhor compreendermos o que foi esta virtude na sua vida. Para ele a necessidade da humildade torna-se tão evidente que “prefere sem rodeias lembrar-nos que a verdadeira humildade, isto é, aquela virtude que consiste em nos abatermos diante de Deus, por conseguinte em nos colocarmos no verdadeiro lugar que convém no Universo a seres criados, resulta da tríplice consideração de Deus, do Homem e de Jesus Cristo. Eis as três fontes da humildade.

Quem é Deus? A nossa razão descobre-o, a nossa fé faz-nos penetrar até à sua intimidade; mas, apesar de tudo, não podemos exprimir-nos falando Dele senão servindo-nos de palavras que Ele empregou manifestando-se ao profeta Moisés: "Em sou aquele que é." E porque é assim, porque a nossa ciência de Deus será sempre incompleta, é que Ele está infinitamente acima da nossa inteligência, esse Ser de que não podemos senão balbuciar o nome: "Seguramente não somos nós que podemos comparar-nos com a divindade; se quisermos ser sinceros devemos proclamar a nossa inteira dependência." Enfim, Deus criador e providência é igualmente o nosso fim. Dele recebemos tudo... tudo nos vem de Deus. E conclui: "Desta dupla consideração, da grandeza de Deus e do nosso nada, deriva para nós a obrigação de praticar a humildade."

E Cristo, Deus e homem, deu-nos exemplo amplo e surpreendente da verdadeira humildade: "Ele é Deus e não hesita em se abater, em descer. O abismo entre Deus e a sua criatura parecia insuperável; Deus encheu-o em o seu amor e a sua humildade, o Verbo encarnou, fez-se homem e habitou em nós.

Depois, como isto não fosse talvez bastante para um Deus apaixonado, pelo abatimento, Jesus viveu como o mais pobre, o mais ignorado e o mais culpado dos homens. No seu nascimento, aloja-se num miserável casebre e aberto a todos os ventos; jovem, trabalha penosamente ao lado dum carpinteiro, seu pai adoptivo; trinta anos da Sua vida decorrem no silêncio, no retiro e no trabalho.

E quando é chegada a hora de manifestar a Sua divindade escolhe doze pobres como amigos; não possui sequer uma única pedra onde repousar a cabeça; passa por criminoso e sedicioso e só fica satisfeito quando se humilha até à morte, e que morte! Até à morte ignominiosa dos bandidos e celerados, a morte sobre a cruz.

E muito naturalmente conclui o Padre Formigão: "Eis pois o cume da humildade, eis o ideal para que deveis tender. Já que Deus é tudo para vós e vós não sois nada sem Ele, aplicai-vos a colocar-vos numa situação verdadeira



em face da Sua soberana majestade, aplicai-vos a imitar o Verbo na Sua humildade.”

E depois de fundamentar o valor da humildade principalmente no exemplo de Cristo, passa a descrever as vantagens da humildade, nos seguintes termos: “A humildade é a mais racional das virtudes porque nos situa no nosso verdadeiro lugar: tudo o que temos nos vem de Deus e sem Ele somos nada. A humildade é a virtude mais fecunda. É do nada que Deus faz sair os mundos, é também do nada que faz brotar as virtudes. Vede Maria, ela abate-se, faz-se pequena, perturba-se ao ouvir o elogio de S. Gabriel: Deus eleva-a acima de tudo, a uma dignidade incomparável!... È sempre assim; quando vê uma alma que compreende que tudo vem Dele, que refere tudo a Ele, cumula-a de luzes, de claridade.

A humildade é a virtude que imprime em vós mais profundamente as características do Cristianismo. De facto, o Cristianismo iniciou-se e desenvolveu-se em Cristo humilde: “A encarnação é um aniquilamento, descer do seio do Pai a uma carne frágil. Depois essa carne divinizada surge num estábulo sobre um pouco de palha! Depois, nesses braços, uma ferramenta. Depois, nessas mãos, cravos, para essa fronte espinhos, para esse lado uma lança, para esses lábios fel, para essas costas açoites, para esse rosto escarros, para esse Deus uma clâmide de louco, um suplício de escravo, para esse Deus o abandono, a traição, várias blasfemas!... Como? È Deus? Mas desfigurado, humilhado... Sim, é Ele! E depois um leve véu branco, uma hóstia pequenina, Ele lá está à beira do nada, esquecido, insultado, silencioso. É o grande “humilhado”!

Assim, conclui o Padre Formigão, quem não compreende as humilhações, a humildade, não conhece o verdadeiro Cristo, nem, por isso, o Cristianismo e a vida cristã no seu significado mais profundo.

Mas, ao mesmo tempo, é a virtude que, segundo ele, dá mais felicidade. É que “a alma humilde sabe ceder, esquecer, perdoar... Ela proporciona a paz. O amor próprio alimenta a inquietação, a agitação; a necessidade de estima e de elevação demove-o; os achaques lançam-no na tristeza, fazem-lhe uma ferida

incurável, a inveja roe-o. A alma humilde não espera nada, por isso não se admira de nada. Humilhações, desprezos, não a impressionam, não a abalam; ela não deseja senão dar gosto a Deus.”

É que “a humildade é o fundamento de todas as virtudes; ela é a primeira e indispensável disposição para fazer bem todas as coisas, para orar, para comungar, para obedecer, para ser caritativa, para ser dedicada. O orgulho produz o ódio da autoridade, o horror da submissão, o desprezo da igualdade, o egoísmo, a hipocrisia.

A humildade é o aroma que conserva todas as virtudes... A humildade atrai as vistas e o amor de Deus! E cita, a este propósito, a Imitação de Cristo: “quando Deus a vê no sofrimento consola-a, quando a encontra abismada no sentimento do seu nada aproxima-se, derrama sobre ela torrentes de graças e, à proporção em que ela se humilha, leva-a para a glória, revela-lhe os seus segredos e suavemente a atrai a Si.”

E confirma esta doutrina com o exemplo de Maria Santíssima que foi escolhida entre todas as criaturas para ser Mãe de Deus senão porque era a mais humilde!

É natural consequência da sua alta concepção da virtude da humildade que o Cónego Formigão estabeleça vigorosamente que a humildade deve ser verdadeira e sincera “com um duplo olhar: um que deve ser inclinado para a nossa abjecção e outro que deve estar fixo na misericórdia do Senhor, mais vasta que a nossa miséria, e sobre a Sua bondade mais poderosa que a nossa fraqueza e deste duplo olhar resulta o que quer que seja de suave e agradável, que se pode chamar conforto da alma exilada, unido já à alegria e à confiança dos bem aventurados.

Por isso também a Humildade deve ser constante e praticada durante toda a vida porque o orgulho não se cura nunca completamente. Por isso a Cónego Formigão insiste num terceiro remédio contra as ilusões do orgulho pessoal que é a prática constante da humildade e que ele enumera detalhadamente em 13 práticas que devem abranger pensamentos, palavras e acções, isto é, o homem todo e sempre.

E para terminar, uma vez que me aconselharam a ser breve, vou exemplificar com um caso de profunda humildade do Cónego Formigão e que para mim, antes de conhecer as suas 13 práticas de actos de humildade, constituem um problema, no início, difícil de compreender.

Todos sabemos que uma das glórias do Cónego Formigão foi ter sido o fundador da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Então, como afirma ele, em carta ao Senhor Bispo de Leiria, o seguinte: “V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> perdoar-me-á a franqueza mas devo dizer que eu seria um louco se pensasse em fundar um Instituto Religioso não tendo categoria nem missão para isso. Depois da comunicação que Nossa Senhora encarregou à Jacinta de me fazer o que parecia indicar a sua vontade que se fundasse um Instituto de Reparação, eu dirigi-me a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> e só a sua devida autorização e sob as suas directivas, pus mãos à obra. Eu não fui senão um simples auxiliar de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup>.”

Confesso que estas palavras me pareceram, ao princípio, de uma humildade mais espontânea e exagerada do que pensada, pois toda a gente sabia que ele, mais do que auxiliar, foi o verdadeiro fundador das Religiosas Reparadoras. Mas compreendi e tive de anuir ao ler “os seus 13 remédios contra as ilusões, sobre o valor da prática dos actos de humildade.” No 5.<sup>o</sup> remédio esclarece: “Quando se é obrigado a entrar nos negócios, tomar sobre si o que é mais custoso e menos honroso, e proceder de maneira que o êxito seja atribuído mais a outrem do que a nós.” Foi o que ele de facto cumpriu em consonância com os seus princípios de humildade dos perigos que ele aponta de orgulho.

O mesmo aconteceu também com a sua intervenção pessoal em relação a Fátima. Depois dos Pastorinhos, como afirma D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, “ele foi o instrumento escolhido por Nossa Senhora para garantir a autenticidade desses grandes acontecimentos.” Aproximou-se das videntes, anotou as suas declarações, acompanhou o desenrolar da Senhora de Fátima, escreveu artigos e livros sob o pseudónimo de Visconde de Montelo, que deram a conhecer Fátima a Portugal e ao mundo. Pode dizer-se que ele aguentou sozinho toda a responsabilidade e exigência intelectuais nas “Aparições” nos

“tempos heróicos” que se seguiram. E, mesmo depois, ainda a fonte e arsenal de muitos escritores de Fátima que só o repisavam sem sequer o citarem. E ele, humildemente, nunca se queixou dos outros que utilizavam os seus trabalhos sem o citar e o deixavam de lado, esquecido.

O senhor Cónego Formigão que nunca aceitou em vida qualquer homenagem pública e sempre se escondeu e fugiu dos aplausos em vida, foi alvo, no seu cortejo fúnebre, de uma glorificação triunfal. E, actualmente, com aprovação do nosso Episcopado e agradecido reconhecimento da Congregação Religiosa que ele fundou, a diocese de Leiria já enviou para Roma o pedido formal da sua beatificação. Assim se cumpre, mais uma vez, no Cónego Formigão, a lei do Evangelho segundo a qual os humildes são exaltados.

Bibliografia aqui utilizada do Padre Manuel Nunes Formigão sobre a humildade:

1. A Religiosa e a humildade. 1. Natureza e vantagem da humildade; 2. Prática da humildade (pp. 36-38).
2. Humildade. 1. Natureza e fundamento da humildade; 2. Os efeitos da humildade; 3. As condições da humildade (pp. 88-94)
3. A Humildade. A humildade considerada em si mesma (pp. 141-144)

## **A POBREZA NOS ESCRITOS DO PADRE MANUEL NUNES FORMIGÃO**

### **Introdução**

Apresentamos de seguida algumas ideias sobre a pobreza, a partir de autores, documentos da Igreja, Código de Direito Canónico, que nos apoiam nesta reflexão da pobreza no Padre Manuel Formigão.

Este ilustre sacerdote fez várias conferências às suas religiosas sobre a pobreza, apoiando-se nos autores espirituais do tempo e na sua experiência pessoal. Ele, sacerdote do clero secular, procurou fundamentar-se bem nas suas intervenções, a fim de fornecer às suas Irmãs ideias claras acerca dos conteúdos principais da vida religiosa<sup>1</sup>.

### **I. Conceito de pobreza, segundo a Igreja**

#### **1. Definição teológica de pobreza**

Os pobres, que Deus ama, dependem dos outros. Os pobres, por causa da sua situação, não têm outro recurso senão Deus. Os pobres são mansos, humildes de coração, descansam em Deus e vivem plenamente a alegria da sua relação com o Pai, como Jesus (Mt 11, 25-30). Assim, os pobres-humildes são os mais disponíveis para acolher a Cristo. Compreende-se a sua ternura e carinho para com eles (Lc 6,20).

Aqueles que, a partir de Cristo, aprenderam e aprendem a ser humildes, vivem a pobreza plenamente assumida. «Bem-aventurados os pobres em espírito,

---

<sup>1</sup> Na biblioteca do Sr. Pe Manuel Formigão encontramos algumas obras de que ele se serviu para instruir as suas religiosas. Referimos : André-Marie MEYNARD, O.P.- Régis G. GEREST, *Traité de la Vie Intérieure ou Petite Somme de Théologie Ascétique et Mystique d'après l'esprit et les principes de Saint Tomas d'Aquin, Première Partie – Théologie Ascétique*, Paris, Jules Vic Librairie, 1885 ; IDEM, *Traité de la Vie Intérieure ou Petite Somme de Théologie Ascétique et Mystique d'après l'esprit et les principes de Saint Tomas d'Aquin, Deuxième Partie – Théologie Mystique*, Paris, P.Lethielleux, Librairie-Éditeur, 1935, pp.597 ; CHOUPIN, Lucien, *Nature et Obligations de l'État religieux – Discipline actuelle*, Paris, Gabriel Beauchesne Éditeur, 1928 ; RAIMBERT, A., *Guide de vocation religieuse*, II, Paris, Libraire Letouzey et Ané, 1924, 3<sup>a</sup> ed. ; COTEL, P. – E. JOMBART, *Les Principes de la Vie Religieuse*, Louvain, Museum Lessianum, 1930, 5<sup>a</sup> ed.

porque deles é o Reino dos céus» (Mt 5,3). Trata-se, na pobreza de espírito, de um vazio interior, de uma espera, que só pode ser colmatada por Deus em Jesus Cristo.

Ser pobre é a maneira de ser do cristão. Anunciar o evangelho aos pobres, resgatá-los, é sinal do reino. Se algum privilégio há nos cristãos, este há-de ser para os que ninguém privilegia: os pobres. Os pobres pedem à Igreja que se reconheça neles a presença velada e misteriosa de Cristo, pobre e irmão (cf. Mt 25, 31-46).

O projecto de vida dos cristãos consagrados, os religiosos/as, está baseado no seguimento de Cristo pobre, amigo dos pobres. Este estado de vida, livremente escolhido, vivido e definido pela Igreja de Cristo ao longo dos séculos, bebe do evangelho, assumido com simplicidade, com radicalidade, sem glosa. Os cristãos religiosos escolheram viver do Reino e para o Reino, descoberto em Jesus Jesus pobre, livre e entregue ao Pai e aos pobres, que Ele ama com grande preferência.

Os cristãos religiosos não formam uma categoria diferente e superior aos demais cristãos. São caminhos diferentes de seguimento que conduzem à santidade. Sem méritos próprios, foi-lhes dada a oportunidade de seguir Cristo pobre, virgem e obediente.

Também os cristãos religiosos, como ontem, são assediados por um perigo: fechar-se ao mundo e constituir-se em grupos isolados, ou deixar-se manipular por certas forças ideológicas que afectam imensamente a sua consagração. Tanto num como noutro deixam de ser significativos do ponto de vista evangélico.

O amor à riqueza não é cristão nem evangélico. Só um ser pobre e um viver pobre é capaz de aproximar-se e amar os pobres. Uma leitura atenta da nossa própria consagração religiosa pode levar-nos a viver o nosso primeiro amor com maior ternura, desprendimento e paixão<sup>2</sup>.

A pobreza tem uma estrutura cruciforme. A sua dimensão horizontal vai desde a ruptura com uma sociedade marcada pelo pecado até à solidariedade com aqueles que são as suas vítimas. A vertical eleva-se no acto de fé ao Pai, que nos faz vencer o medo na morte e na escravidão<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Victoriano CASAS, “Pobreza-Fundamentación bíblica”, in Angel Aparicio RODRIGUEZ y Joan CANALS CASAS (coord.), *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Madrid, Publicaciones Claretianas, 1989, 1341-1342.

<sup>3</sup> Cf. Santiago M<sup>o</sup> GONZÁLEZ SILVA, “Pobreza-Reflexion teológica”, in Angel Aparicio RODRIGUEZ y Joan CANALS CASAS (coord.), *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Madrid, Publicaciones Claretianas, 1989, 1354.

## 2. O Codex Iuris Canonici, 1917

Os cânones 581 e 582 têm a ver com a administração dos bens, sua utilização e renúncia por parte dos religiosos e religiosas. Os critérios de pobreza do CIC eram estes: gestão prudente da economia, sábia capitalização e posições bancárias bem seguras.

## 3. O Concílio Vaticano II

O Decreto *Perfectae Caritatis* apresenta-nos a pobreza religiosa de forma evangélica e interpelativa. As suas directrizes:

« A pobreza voluntária abraçada para seguir a Cristo, do que ela é um sinal hoje muito apreciado, seja diligentemente cultivada pelos religiosos e, se for necessário, exprima-se até sob novas formas. Por ela é participada a pobreza de Cristo, que sendo rico, por nosso amor se fez pobre, para que nós fôssemos ricos da sua pobreza (cfr. 2 Cor 8, 9; Mt. 8,20).

Pelo que toca, porém, à pobreza religiosa, não basta sujeitar-se aos Superiores no uso dos bens, mas é preciso que os religiosos sejam pobres real e espiritualmente, possuindo os seus tesouros no céu (cfr. Mt. 6,20).

Cada um no seu ofício, sintam-se todos sujeitos à lei comum do trabalho, e, enquanto buscam as coisas necessárias à sustentação e às obras, ponham de lado toda a solicitude exagerada e entreguem-se à Providência do Pai celeste (cfr. Mt. 6,25).

As Congregações religiosas podem permitir nas constituições que os seus membros renunciem aos bens patrimoniais adquiridos ou a adquirir. Os próprios Institutos, tendo em conta as condições de cada lugar, esforcem-se por dar um testemunho por assim dizer colectivo de pobreza, e de boa vontade concorram com alguma coisa dos próprios bens para as demais necessidades da Igreja e para a sustentação dos pobres a quem todos os religiosos devem amar nas entranhas de Cristo (cfr. Mt. 19,21; 25,34-46; Tg. 2.15-16; 1 Jo. 3,17). As províncias e as casas religiosas comuniquem umas com as outras nos bens temporais, de maneira que aquelas que têm mais, ajudem as que sofrem necessidade.

Embora os Institutos, salvas as regras e constituições, tenham direito a possuir o que é necessário à vida temporal e às próprias obras, evitem, contudo, toda a aparência de luxo, de lucro exagerado e de acumulação de bens» (nº 13).

#### 4. O Codex Iuris Canonici, 1983

O CIC de 1983 faz uma síntese da pobreza, explicitando o conteúdo desse conselho evangélico, à semelhança daquilo que faz com os outros dois conselhos.

«O conselho evangélico de pobreza à imitação de Cristo, que sendo rico, por nossa causa se tornou pobre, para além de uma vida pobre na realidade e em espírito, laboriosamente vivida em sobriedade e alheia à riqueza da terra, importa a dependência e limitação no uso e disposição dos bens segundo as normas do direito próprio de cada instituto» (cân.600).

O cân.668 centra-se no testamento, cedência na administração dos bens antes da primeira profissão, testamento antes da profissão perpétua, renúncia aos bens.

#### 5. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 25 Março 1996

«A pobreza confessa que Deus é a única verdadeira riqueza do homem. Vivida segundo o exemplo de Cristo, que, “sendo rico, Se fez pobre” (2 Cor 8,9), torna-se expressão do dom total de Si que as três Pessoas Divinas reciprocamente Se fazem. É dom que transborda para a criação e se manifesta plenamente na Encarnação do Verbo e na sua morte redentora» (nº 21).

## II. A pobreza nos ensinamentos do Padre Manuel Formigão<sup>4</sup>

Para termos uma ideia concreta da pobreza do Servo de Deus Padre Manuel Nunes Formigão, nada melhor do que analisarmos alguns dos seus escritos, sobretudo aqueles que se debruçam directamente sobre esta matéria<sup>5</sup>.

### 1. Fundamento da pobreza

---

<sup>4</sup> Estes escritos encontram-se em: Padre Manuel Nunes FORMIGÃO, *Cadernos Espirituais*, manuscritos, Arquivo Padre Manuel Nunes Formigão (usaremos a sigla AFORM-Arquivo Manuel Nunes Formigão, Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, Fátima). O Caderno nº 3 tem por título as “Ilusões sobre a Pobreza”, e divide-se em sete pontos: 1º A natureza do voto de pobreza; 2º A natureza do virtude da pobreza; 3º A extensão do voto e da virtude da pobreza; 4º A maneira de pecar contra o voto de pobreza; 5º A maneira de pecar contra a virtude da pobreza; 6º A origem das ilusões sobre a pobreza; 7º As diferentes ilusões sobre a pobreza.

<sup>5</sup> Centraremos a nossa atenção nos Cadernos nn.3 e 10.



A pobreza tem pleno sentido na vida religiosa, pois esta é «um desenvolvimento, uma expansão admirável da vida cristã»<sup>6</sup>, é uma via de santificação.

1º A pobreza tem a promessa das mais magníficas recompensas. É porque se fizeram pobres por Ele que Jesus Cristo promete aos seus apóstolos um cêntuplo de graças e as consolações do Céu nesta vida, o direito de julgar o mundo no fim dos séculos e um lugar de distinção no reino da eternidade.

Mas, para ter parte nessas recompensas, para serdes colocadas no Céu, no número e na classe daqueles a quem Deus faz como que uma ampla restituição de tudo aquilo de que eles se despojaram por ele sobre a terra, é preciso que haja, na realidade, um verdadeiro despojo e um verdadeiro desnudamento. Sem isso, como faríeis valer o vosso título de pobre e que é que Deus teria a restituir-vos?

2º A pobreza tem o exemplo de Jesus Cristo, que a eleva, a enobrece, a glorifica, e que, Senhor do céu e da terra, possuindo todas as riquezas, Se fez pobre por amor de nós, a fim de que “nos tornássemos ricos por Sua pobreza”. (2 Cor 8, 9).

Jesus Cristo, que podia nascer rico e honrado, quis nascer pobre e desdenhado.

Jesus Cristo, que teria podido viver na abundância e no repouso, quis viver na nudez e no trabalho.

Jesus Cristo, que podia agregar a si, como companheiros dos seus trabalhos, homens distintos pelo seu nascimento e pelos seus talentos, quis escolher os seus discípulos, os seus cooperadores, os seus sucessores, entre os pobres, os pequenos, os ignorantes.

Jesus Cristo, finalmente, que teria podido morrer no meio do esplendor e do bem estar, quis morrer pobre, despojado; e sofrer na sua morte o insulto e o abandono que sofrem os pobres.

Diante deste exemplo de Jesus Cristo, quem, pois, ousará queixar-se? Quem, pois, não será feliz em ter falta dalguma coisa por amor de Jesus Cristo, sobretudo

---

<sup>6</sup> Caderno n° 10, AForm.

quando puder dizer que essa privação momentânea lhe valerá, no Céu, uma abundância que ultrapassará todos os seus desejos?

3º A pobreza faz da alma, que a abraça generosamente, a filha da Providência em tudo o que esta palavra tem de mais extenso; ela obriga Deus a prover às suas necessidades, como uma mãe é obrigada a prover às necessidades do seu filho, incapaz de se bastar a si mesmo.. E, se jamais se viu o pobre do mundo, que se conservou piedoso e submisso, ter falta do necessário, como é possível que o pobre voluntário, o pobre de Deus, que se conserva piedoso, bom, submisso, não tenha tudo o que lhe é preciso? Não sois vós que ouvís Jesus Cristo, proibindo-vos que vos inquieteis com o vosso alimento e com o vosso vestuário? Vós, que pondeis em prática este preceito: procurar antes de tudo o reino dos céus, e que tendes o direito de esperar, que tudo o mais vos seja dado por acréscimo?

## **2. Natureza do voto de pobreza**

Expõe a natureza do voto de pobreza e as suas consequências, tendo em conta a teologia e o direito canónico da altura, centrando-se na posse e administração dos bens materiais.

«Em geral, pelo voto de pobreza, a religiosa obriga-se a não usar dos bens deste mundo senão segundo uma certa medida.

O voto de pobreza pode ser solene ou simples, sendo muito grande a diferença entre estes votos e sendo os deveres que deles derivam diferentes uns dos outros num grande número de pontos, é necessário conhecer bem a natureza dum e doutro»<sup>7</sup>.

Não tirando às religiosas a faculdade de possuir bens, seja antes seja depois da profissão religiosa, elas não podem administrá-los pessoalmente, por exemplo, alienar os seus bens, atribuir os rendimentos em seu proveito ou distribuí-los por outros, a não ser com a devida autorização das Superiores<sup>8</sup>.

Faz alusão ao voto solene, que é «um voto pelo qual uma religiosa se despoja da faculdade de adquirir e de possuir algum bem temporal. Antes de emitir esses votos, aquela que deve fazê-los teve de renunciar a todos os bens que possuía. Se,

---

<sup>7</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>8</sup> Cf. Caderno nº 3, AForm.

com o tempo, lhe vêm a caber, esses bens são adquiridos para a Ordem ou para a Santa Sé, segundo os casos (cânones 581,582). Esse voto torna-a radicalmente inábil para possuir e para adquirir, e os actos de propriedade que uma religiosa fizesse, depois desse voto, seriam nulos e culpáveis»<sup>9</sup>.

As consequências da não observância do voto solene e do voto simples de pobreza são expostas com clareza pelo Fundador da Congregação, a fim de bem iluminar as consciências das suas religiosas.

«A religiosa que viola o voto solene de pobreza, comete duas faltas ao mesmo tempo: uma oposta à virtude da religião, porque viola uma voto que a obriga tão rigorosamente como o voto de obediência e de castidade, o outro, contrário à justiça, porque, tendo-se despojado de tudo, não pode dispor de nada sem cometer um roubo.

«A religiosa que viola o voto simples de pobreza não peca de modo nenhum contra a justiça, dispondo dos seus bens, porque lhe pertencem, mas peca contra a virtude da religião, violando o voto que fez de não dispor de nada sem licença»<sup>10</sup>.

### **3. Natureza da virtude da pobreza**

«Todo o cristão deve ser pobre, deve ter o espírito de pobreza. Jesus, pelo Seu exemplo do mesmo modo que pelas Suas palavras, exige esta virtude de todos os Seus discípulos. O pobre filho do carpinteiro José gostava de se rodear de pessoas da sua condição; foi com elas, sobretudo, que viveu, foi a elas que quis

Assemelhar-Se e foi de uma dura condição que quis partilhar, porque até ao último dia não teve uma pedra onde reclinar a cabeça. Contra os ricos que fazem mau uso dos seus bens e lhes apegam o coração, não profere senão maldições, ao passo que bendiz os desgraçados e declara formalmente que “não pode ser Seu discípulo aquele que não renuncia a tudo o que possui” (Lc XIV, 33)<sup>11</sup>.

O que é, afinal, a virtude da pobreza?

Responde-nos de forma simples e compreensiva, fazendo a comparação com o voto: «A virtude da pobreza consiste em desprender-nos de toda a afeição aos bens

---

<sup>9</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>10</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>11</sup> Caderno nº 10, AForm.

terrenos. O voto de pobreza tem por objecto imediato e directo o desprendimento afectivo, a pobreza exterior e material. A virtude tem por objecto imediato e directo o desprendimento afectivo, a pobreza de espírito, o desprendimento interior. O voto de pobreza tem limites precisos, a virtude não os tem, de algum modo, no seu desejo de desprendimento completo; é ela que diz com S. Cipriano: “Quando se possui Deus, não se tem necessidade doutra coisa, porque aquele que tem Deus, tem tudo”»<sup>12</sup>.

É interessante o modo prático como o Fundador apresenta a prática da virtude da pobreza, a sua observância e o desleixo perante a mesma.

«Uma religiosa possui a virtude da pobreza, quando, sendo privada, ou pela Superiora ou por um desastre, de certas coisas que estavam a seu uso, suporta essa privação sem se queixar, sem murmurar e com muita paz, ainda mesmo que essa privação lhe seja muito sensível.

Uma religiosa não possui a virtude da pobreza, quando se prende com afeição a uma coisa, quando gosta de pensar nela, quando a deseja, quando a procura com ansiedade, quando teme perdê-la, quando murmura e se perturba depois de a ter perdido. A falta de virtude da pobreza manifesta-se sobretudo, pode-se dizer, no apego às coisas pequenas, a um vestido, a um móvel, a um objecto de piedade, a um livro, a uma estampa...»<sup>13</sup>.

E mais adiante: «A virtude da pobreza é o complemento do voto de pobreza, ela dá-lhe o seu valor. (...) O fim que se propôs, fazendo o voto de pobreza, foi afastar os embaraços que acompanham sempre a posse dos bens da terra, a fim de se servir a Deus com a liberdade que dispõe para a união divina e chegar assim à perfeição; ora, é evidente que a religiosa, que não tem a virtude da pobreza, não atingirá senão imperfeitamente o fim do seu voto, visto que só a virtude da pobreza a pode desprender interiormente dos bens deste mundo»<sup>14</sup>.

#### **4. Extensão do voto e da virtude da pobreza**

---

<sup>12</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>13</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>14</sup> Caderno nº 3, AForm.

Nem sempre as pessoas que se consagram ao Senhor têm a percepção precisa e objectiva da amplitude da pobreza como voto e pobreza. Foi com essa intenção que o Fundador escreveu para esclarecer a consciência das suas religiosas e das Superiores da Congregação. Por vezes desce a pequenos pormenores de ordem material, em relação à roupa, ao uso de certos objectos, à alimentação sóbria, sempre com o intuito de não haver desvios na vivência da pobreza.

Antes de mais, uma referência importante para a pobreza é o que vem indicado nas Constituições, nas regras e nos costumes do Instituto. O Fundador, que não tinha sido membro de nenhuma Ordem ou Congregação religiosa, apoiou-se, sem dúvida na doutrina e nas normas vigentes, seja ao nível do direito canónico seja ao nível do direito interno das famílias religiosas<sup>15</sup>.

«O voto de pobreza não se estende além do que é indicado pelas Constituições e determinado pelos costumes do Instituto. Uma religiosa deve, pois, instruir-se nas regras e fazer-se explicar a maneira de viver da casa em que está, e conformar-se cuidadosamente com tudo o que se lhe diz. O Concílio de Trento recomenda com o mais vivo empenho a vida comum, e não se conformar com ela pode tornar-se às vezes uma falta grave em si mesma, mas sobretudo, e as mais das vezes, em pecado de escândalo, cujas consequências são muito funestas.

«Sede, portanto, pobres nas vossas celas, nos vossos quartos, não conservando neles senão a mesa, o genuflexório, o número de cadeiras, os objectos de piedade que a regra permite e o uso autoriza»<sup>16</sup>.

O voto protege a pobreza, de modo a que esta seja assumida na radicalidade:

«E, além disso, esse voto não é senão um baluarte, é a defesa duma virtude, da virtude da pobreza. O voto despojou-vos das coisas que tínheis, mas só a virtude vos desprenderá delas; e foi por ela que na realidade fizestes o voto, de sorte que este não é senão um meio de exercer aquela. Houve quem dissesse numa formosa e feliz comparação: “A virtude é o santuário, o voto não é senão a muralha que a cerca e protege”»<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Sabemos como Sr. Cónego Manuel Formigão, na viagem que fez por alguns países da Europa, procurou inteirar-se da fisionomia teológica e jurídica de Ordens e Congregações religiosas

<sup>16</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>17</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

## 5. Maneira de pecar contra o voto de pobreza

Afirma o Sr. Padre Manuel Formigão que se pode pecar de duas maneiras contra o voto de pobreza: 1º Apropriando-se duma coisa, 2º dispondo dela sem permissão dos Superiores<sup>18</sup>.

«Apropriar-se: apropriar-se é colocar-se na posse daquilo que pode ser a matéria do voto. Assim: apoderar-se dos bens de outrem ou dos da comunidade para fazer deles a sua propriedade pessoal ou para seu uso exclusivo, ainda mesmo que se tratem de coisas necessárias: a necessidade dá o direito de pedir e não o de roubar ou de furtar, excepto se essa necessidade fosse absoluta (necessidade grave ou extrema). Quando houve roubo ou furto, a restituição deve fazer-se com bens pessoais, se os houver, ou por compensação, como a restrição alimentar, trabalho extraordinário... ou, o que é mais simples e não pede senão um pouco de humildade, pela confissão do seu roubo e o perdão da parte dos Superiores»<sup>19</sup>.

Em segundo lugar, as religiosas não podem receber depósitos nem aceitar presentes para si, «mas pode uma e outra coisa para a comunidade, em virtude duma permissão provinda das Superiores, a quem os entrega fiel e prontamente»<sup>20</sup>.

As religiosas não poderão recorrer a subterfúgios, como os de pedir aos familiares que lhes comprem coisas sem as Superiores o saberem<sup>21</sup>.

Pelo voto de pobreza, os religiosos estão obrigados a entregar aquilo que recebem em virtude do seu trabalho, não podendo capitalizar em benefício próprio. «Tudo o que uma religiosa adquire ou ganha, tudo o que lhe é dado como honorários de funções espirituais, tudo o que lhe é oferecido como presente, como dádiva, todo o supérfluo, em cuja posse ela se encontra, deve ser entregue à sua Superiora»<sup>22</sup>.

O voto de pobreza restringe o uso dos bens, pelo que a religiosa não pode dar sem licença seja o que for (esmolas, presentes, perdões de pensão, cedências de direito, ceder sobre o dinheiro e coisas recebidas), e «emprestar sem licença, mesmo a uma companheira, é um acto de propriedade que uma religiosa deve evitar com

---

<sup>18</sup> Cf. *Caderno nº 3*, AForm.

<sup>19</sup> *Caderno nº 3*, AForm.

<sup>20</sup> *Caderno nº 3*, AForm.

<sup>21</sup> Cf. *Caderno nº 3*, AForm.

<sup>22</sup> *Caderno nº 3*, AForm.

cuidado, a não ser que o objecto seja de pouco valor ou que a companheira tenha uma necessidade urgente dele»<sup>23</sup>.

### **6. Maneira de pecar contra a virtude da pobreza<sup>24</sup>**

«Pode-se pecar de três maneiras: 1º Por pesares ou desejos contrários a esta virtude da pobreza; 2º Por um apego desregrado às coisas que nos são necessárias. Se esses desejos ou esses apegos aos bens temporais fazem até cometer alguma grave injustiça ou faltas notáveis à caridade, à temperança..., haveria certamente pecado mortal. Fora dessas circunstâncias, as faltas contra a virtude da pobreza são pecados veniais; 3º Pelo uso dos objectos de luxo ou das superfluidades, o que é muito oposto ao estado religioso e pode às vezes ir até falta grave; é tão fácil afeiçoar-se uma pessoa às coisas supérfluas com um sentimento culpável de avareza, de sensualidade ou de vaidade! Seria, todavia, preciso um excesso notável para fazer um pecado mortal, quando se guardam coisas supérfluas com a permissão expressa ou tácita dos Superiores; haveria sempre, porém, pecado venial, porque não se pode ir contra a vontade da Igreja nesta matéria, sem dar provas duma afeição desordenada»<sup>25</sup>.

### **7. Obrigações da pobreza**

A pobreza comporta obrigações que levam ao despojamento dos bens, sabendo utilizá-los com a devida sabedoria:

«Considerai-vos como despojadas do que vos pertence e deixai-vos guiar unicamente pelos vossos superiores, pouco vos importando de saber se os vossos bens poderiam receber um emprego, uma aplicação mais útil. Assim aproximar-vos-eis da pobreza total de que certamente não fizestes voto, mas que deveis desejar e agir como se nada vos pertencesse como próprio»<sup>26</sup>.

«E por isso sereis também muito cuidadosas no uso dos objectos colocados à vossa disposição; aceitareis com simplicidade o que vos puserem nas mãos e

---

<sup>23</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>24</sup> O Fundador baseia-se no autor espiritual MEYNARD (cf. acima, nota 1).

<sup>25</sup> MEYNARD.

<sup>26</sup> *Caderno nº 10, AForm.*

também com simplicidade entregareis o que vos pedirem; numa palavra, usareis de todas as coisas que estão ao vosso serviço como se não usásseis delas; ou antes considerareis sempre como sagradas as coisas de que vos servirdes, respeitá-las-eis, venerá-las-eis como objectos confiados aos vossos cuidados»<sup>27</sup>.

Possuir o estritamente necessário deve ser a regra de cada religiosa:

«Nenhuma religiosa morreu jamais de fome em comunidade; por isso aplicai-vos sem receio a reduzir, se a vossa saúde o permitir, o vosso necessário. A Providência vela por vós e vos alimenta; mas regozijai-vos quando parecer que vos esquecem e vos deixam ao abandono, e, com S. Teresa, dizei de bom grado: “Quanto menos temos, menos são os meus cuidados e N. S. sabe muito bem que sinto maior desgosto quando as esmolas vão além do necessário do que quando nos falta alguma coisa”»<sup>28</sup>.

Quem vive o voto de pobreza tem de ser coerente com aquilo que prometeu, sob pena de estar a dar contra-testemunho:

«Que não se possam aplicar-vos estas palavras de S. Vicente Ferrer, palavras que são infelizmente verdadeiras: “Há muitos que se ufanam do nome de pobres, mas muitas vezes em que condições? Com a condição de não lhes faltar nada. Dizem-se amigos da pobreza e quando os verdadeiros amigos da pobreza se apresentam, a saber a fome, a sede, a indigência, a humilhação, fogem deles o mais que podem”»<sup>29</sup>.

Ser pobre exige que tenhamos em consideração a pobreza e a miséria dos outros. A esmola é um meio cristão para mostrarmos a nossa solidariedade para com os nossos irmãos:

«Enfim, na vossa santa pobreza, no meio da vossa indigência voluntária, não esqueçais o preceito da esmola. Sois pobres, é verdade, mas há pessoas mais pobres do que vós. Se a Providência vos enviar algum supérfluo, agradecei-lho, mas não utilizeis esse supérfluo para vós mesmas, espalhai-o em benefícios em torno de vós, na medida que as circunstâncias o exigirem e segundo as regras da prudência. Se não possuídes senão o necessário, não hesiteis algumas vezes, quando a ocasião se apresentar, em privar-vos mesmo de uma parte desse necessário em favor dos

---

<sup>27</sup> Caderno nº 10, AForm.

<sup>28</sup> Caderno nº 10, AForm.

<sup>29</sup> Caderno nº 10, AForm.



infelizes que vierem implorar o vosso auxílio; e, se é possível, não deixeis ir embora, sem uma consolação, sem um lenitivo, o mendigo que bate à porta e vos pede um bocado de pão. Vale mais que vós, servas de Deus, consagradas à pobreza, tenhais falta do necessário do que esses desgraçados que põem só na Providência o cuidado de os sustentar»<sup>30</sup>.

Pela prática regular da pobreza, a vida religiosa torna-se mais segura e eclesial:

«E assim, por outro lado, tornareis florescente o vosso Instituto, porque, segundo esta frase de S. Teresa que eu quero depor nas vossas almas no fim desta prática: “Enquanto tiverdes este procedimento, não receareis ver cair a regularidade”.

Quereis ser regulares?

Tende a peito ser fiéis aos vossos compromissos religiosos e empregai os meios de praticar cuidadosamente a santa virtude da pobreza»<sup>31</sup>.

## 8. Origens das ilusões sobre a pobreza

Estas ilusões de que nos fala o Fundador são as faltas cometidas pelas pessoas, que não se empenham diligentemente na sua consagração religiosa.

A meditação do Padre Manuel Formigão vai no sentido de ver que os votos religiosos «encerram compromissos formais que não podem ser violados sem pecado; sabe-se isso, sem dúvida, mas, quando se trata da pobreza, procede-se com uma leviandade assombrosa»<sup>32</sup>.

Tem-se pouco respeito pela pobreza como virtude e voto, permitindo certos desvios que não abonam em nada a santidade.

«Habitamo-nos, pouco a pouco, a considerá-la nos detalhes de todos os dias como uma espécie de formalidade, assaz insignificante; confessamo-nos das faltas que parecem mais graves e ainda nos justificamos muitas vezes dando razões para

---

<sup>30</sup> Caderno nº 10, AForm.

<sup>31</sup> Caderno nº 10, AForm.

<sup>32</sup> Caderno nº 3, AForm.

explicar essa falta de que não temos nenhum arrependimento, mas, mal se fala da falta de guardar na cela uma coisa de que não se tem nenhuma necessidade, de ter apego duma maneira desregrada a um objecto quer se considere como próprio, que não se dispensaria senão com dificuldade e que não se entregaria à Superiora senão murmurando muito, de deixar deteriorar-se um objecto porque não se está directamente encarregado dele, de passar longos quartos de hora sem fazer nada ou em ocupar-se de futilidades... Essas faltas podem ser leves, elas não ferem sempre directamente o voto de pobreza; mas não comprometem o espírito religioso? Mas não são elas a causa dessa vida irregular que se vos exprobra? E não sabeis que aquela que despreza as pequenas faltas cairá, pouco a pouco, nas maiores? Não estais vós obrigadas, por estado, a tender para a perfeição, e tender para a perfeição não é evitar mesmo as mais fracas imperfeições? Não sentis que o amor da propriedade se insinua pouco a pouco no vosso espírito? Porque é que vos perturbais e vos irritais quando vos tiram um objecto ao qual parecia que não tínheis apego?»<sup>33</sup>.

## 9. A pouca reflexão sobre a natureza e os efeitos da pobreza

«Fazer o voto de pobreza é obrigar-se a tornar-se como os pobres»<sup>34</sup>.

Há aspectos e efeitos da pobreza que encontramos no mundo, perante os quais não podemos ficar indiferentes: o desprezo das pessoas do mundo por causa da falta do necessário, o trabalho para procurar esse necessário, o reconhecimento para com aqueles que dão esse necessário, o sofrimento e a resignação quando falta realmente esse necessário, o pedido para obter esse necessário<sup>35</sup>.

As religiosas devem ter um comportamento simples, imitando os pobres sem qualquer relutância. «A única conduta entre o pobre e vós, é que o pobre está nesse estado por necessidade e vós, religiosas, estais nesse estado voluntariamente, por um espírito de mortificação, e vos assemelhais a N. Senhor Jesus Cristo»<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>34</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>35</sup> Cf. *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>36</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

Se o pobre trabalha para ganhar o pão, se é paciente nas tribulações, se é reconhecido face à amabilidade dos outros, é porque em dentro de si uma dose de caridade, de dependência face a Deus. Uma religiosa reparadora só alcançará a perfeição do voto de pobreza quando possuir os mesmos sentimentos e atitudes do pobre. Nota-se aqui a exigência do Fundador, ele queria uma Congregação de oração, fiel aos votos, alheia às riquezas deste mundo.

«Um pobre trabalha tanto quanto pode, porque sabe que está obrigado a isso.

Um pobre, quando pede alguma coisa, fá-lo com timidez e humildade; sente que os outros não têm obrigação de lhe dar nada; não murmura quando o mandam embora com as mãos vazias e, quando lhe dão alguma coisa, é do fundo do coração que diz um muito obrigado, um Deus lhe pague, cheio de reconhecimento.

Um pobre, quando está doente, contenta-se com os auxílios e os cuidados que lhe dão e que considera como não lhe sendo devidos; ele não se queixa das demoras, acomoda-se aos tons e às maneiras das pessoas que os tratam.

Um pobre é sempre agradável e reconhecido para com as pessoas que têm a bondade de se ocupar dele.

Ó minhas irmãs, enquanto vós não tiverdes chegado a este ponto, vós não realizareis a perfeição do vosso voto de pobreza»<sup>37</sup>.

## **10. Diferentes ilusões sobre a pobreza**

Há seis ilusões sobre a pobreza, na opinião do Fundador.

A primeira das ilusões parte do princípio: “O que pertence à comunidade pertence-me também a mim”.

Ora, essa é uma ideia errada; apesar da religiosa puder utilizar os bens, eles são da comunidade, estão à disposição de todas as pessoas, sob a autoridade da Superiora.

A segunda ilusão é esta: “O que eu dou ou aceito, e aquilo de que me sirvo sem licença, é pouca coisa e de módico valor”.

---

<sup>37</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

«Triste razão essa. Então não devia bastar a uma religiosa saber que todo o acto de propriedade lhe é defeso, que lhe é proibido, para se abster do mais pequeno acto que fere, que vai de encontro a essa proibição? A religiosa, que, nesta matéria como em qualquer outra, procura averiguar até onde pode ir sem cometer um pecado grave, prova desse modo que tem bem pouco espírito da sua vocação. Por outro lado, não é de recear que a ambição a arraste pouco a pouco, e lhe faça considerar como veniais faltas que podem ser mortais?»<sup>38</sup>.

Terceira ilusão: «Eu não tiro nada, eu não recebo nada, eu não desperdiço nada; mas não trabalho tanto como poderia fazê-lo. Sou, porventura, obrigada a viver como uma mercenária, como uma criada?».

Se Jesus Cristo trabalhou na vida doméstica de Nazaré, se S.Paulo procurou o seu sustento na evangelização que realizou, quanto mais uma religiosa tem de procurar o pão de cada dia, não se deixando arrastar pela preguiça e comodismo!

«O estado religioso, sendo um novo compromisso para o exercício da penitência e da pobreza, não dispensa de “ganhar o pão com o suor do seu rosto”. Alguns sábios pretenderam até que o trabalho dos irmãos era da essência do estado monástico; é pelo menos certo que o trabalho tem, em todo o tempo, sido recomendado às religiosas duma maneira particular.

Santa Teresa de Jesus, encarregada do governo de toda uma ordem religiosa e da direcção de trinta e dois mosteiros que ela tinha fundado, applicava-se a uma obra manual nos intervalos que lhe deixavam as suas doenças, as suas ocupações e as suas orações; e ela recomendava esse trabalho em várias passagens das suas obras»<sup>39</sup>.

Diz ainda o Fundador com firmeza: o trabalho é imprescindível para evitar as tentações e conservar-se nas virtudes; o trabalho é necessário para manter a boa ordem e a regularidade na comunidade; o trabalho é preciso para prover às necessidades da comunidade.

---

<sup>38</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>39</sup> Caderno nº 3, AForm.

Quarta ilusão: «Se eu tenho alguma coisa a mais que as outras e se eu peço alguma coisa a mais, é que tenho precisão. Esta razão á muito vaga e pode estender-se a muitas coisas»<sup>40</sup>.

A religiosa deve habituar-se a não exigir muito, esteja receptiva sim àquilo que as Superiores proporcionam para a sua saúde, «não exijais os lenitivos que talvez não poderíeis ter no seio da família e que, sobretudo, um pobre não poderia proporcionar a si próprio»<sup>41</sup>.

Quinta ilusão: «Eu uso apenas do pecúlio que é permitido em religião. O pecúlio é permitido?»<sup>42</sup>. De seguida explica a especificidade e os efeitos do pecúlio na vida das religiosas.

«1º O pecúlio não é outra coisa mais do que uma quantia presumida por uma religiosa, que a tem de reserva para o caso de necessidade. O pecúlio que se chama comumente a pequena bolsa, é formado ordinariamente com as rendas patrimoniais e com as dádivas dos pais.

O pecúlio, considerado em si, não é contrário ao voto simples de pobreza, porque esse voto não priva do direito de possuir nem do de dispor, mediante as permissões requeridas, dos bens que se possuem. Todavia, numerosas Constituições religiosas proibem-no expressamente e, nesse caso, o seu uso seria contrário ao voto de pobreza, porque a extensão desse voto é determinada pelas Constituições.

2º Mesmo no caso em que ele fosse permitido, ou pelas Constituições ou por um costume legítimo, seria preciso, pelo menos, não utilizar o dinheiro do pecúlio senão com licença, conformar-se exactamente com a licença obtida sem a exceder nem a torcer, e nunca usar dela para fins contrários ao voto de pobreza.

3º Essas condições não suprimem os múltiplos inconvenientes que o pecúlio apresenta. O dinheiro, perigoso para todos, é-o mais para aqueles que fizeram voto de pobreza; ele prende com uma facilidade e uma tenacidade surpreendentes.

As religiosas são, mais duma vez, tentadas, ou a dispor dele sem as permissões exigidas, ou a empregá-lo em algumas coisas supérfluas que não procuram senão alimentar a sua vaidade, a sua curiosidade ou a sua sensualidade.

---

<sup>40</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>41</sup> Caderno nº 3, AForm.

<sup>42</sup> Caderno nº 3, AForm.

Na mesma comunidade, sob a mesma regra, poder-se-á ver irmãs pagar todas as suas fantasias e caprichos, ao passo que ao lado delas outras serão reduzidas ao estritamente necessário, e tudo isso com grande detrimento da caridade e da união dos corações.

4º Esses inconvenientes não escaparam à clarividência da Igreja e, se às vezes ela julgou dever tolerar o uso do pecúlio onde ele se tinha introduzido, muito mais vezes ela se esforçou por suprimi-lo»<sup>43</sup>.

As religiosas não devem abusar, evitando pedir licenças às superiores a pretexto de qualquer coisa, deve-se procurar sempre o que é vantajoso a nível espiritual para si e para a casa.

«Se um Superior é condescendente por carácter ou quer mostrar-se reconhecido pelos serviços que se presta à comunidade, não pode, contudo, ir até ao ponto de permitir tudo; e não há razão para julgar se ele concederia essa permissão no caso presente. Finalmente, ainda que o Superior procure as vantagens do convento e considere os homens de mérito, não deve, porém, conceder tudo, nem dispensar seja quem for de se mostrar bom religioso, pedindo as licenças prescritas pelas leis da Ordem»<sup>44</sup>.

### **III. As Religiosas e os Leigos**

#### **1. As Constituições das Irmãs Reparadoras**

«Pelo voto de pobreza, a Reparadora de Fátima descobre em Cristo o Reino, a riqueza de Deus presente na terra, o tesouro pelo qual vale a pena “vender tudo”, e coloca em Deus toda a sua esperança»<sup>45</sup>.

O trabalho é um meio privilegiado de expressão da pobreza, de solidariedade e comunhão, alegria e entrega.

«Como expressão da sua situação de pobre que granjeia o seu sustento e os meios necessários ao apostolado, a Reparadora de Fátima sintase sujeita à lei

---

<sup>43</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>44</sup> *Caderno nº 3, AForm.*

<sup>45</sup> *Constituição das Religiosas Reparadoras de Fátima, p....*

comum do trabalho, ponha de lado toda a solicitude exagerada e entregue-se confiadamente à Providência do Pai Celeste»<sup>46</sup>.

Os bens adquiridos são para a comunidade, a religiosa não os pode reter para si.

«A Reparadora de Fátima não pode, todavia, reservar para si nem dispor de quaisquer bens que, depois da profissão, venha a adquirir com o seu trabalho, ou como membro da Congregação, como seja: ofertas, pensões, subsídios ou seguros, mas tudo deve redundar em benefício da mesma»<sup>47</sup>.

Não pode a religiosa ficar separada do mundo real dos pobres, como se eles fossem outra realidade, à margem da sua vida. “Felizes os pobres em espírito”, deve ser o grito da religiosa, o seu programa, o anúncio alegre e firme daquilo que sente e acredita interiormente.

Pelo voto de pobreza, as religiosas identificam-se mais profundamente com os pobres reais. Estes pobres são aqueles que não têm recursos materiais, é verdade. Mas são também os que vivem na pobreza moral, espiritual; na ignorância do Bem e do Belo; da Verdade e do Amor.

## **2. Leigos reparadores**

Os leigos que vivem o carisma da Reparação, deixado pelo Sr. Pe Manuel Formigão, não são meros espectadores da sociedade e das famílias carentes de pão, de valores. Estes leigos, membros da Obra Reparadora de Fátima, assumem no apostolado a reparação e sentem-se instrumentos do grande Reparador, que é Jesus Cristo.

Têm como chave da sua vida aquele belo pensamento do Fundador: «A reparação não é um conjunto de práticas, mas um espírito – o espírito de reparação».

Em cada situação, em cada lugar, no trabalho ou na família, há que combater todas as formas de pobreza. O leigo reparador intervém, não está à espera que lhe peçam o favor de ir ao encontro dos mais pobres. A exemplo do Pe Manuel Formigão, sente-se incomodado pelas injustiças e pobreza que vê à sua volta.

---

<sup>46</sup> *Constituição das Religiosas Reparadoras de Fátima*, p....

<sup>47</sup> *Constituição das Religiosas Reparadoras de Fátima*, p....

Vêm a propósito as palavras do Papa Bento XVI: «Às populações que vivem sob o limiar da pobreza, mais por causa de situações que dependem das relações internacionais políticas, comerciais e culturais do que por circunstâncias incontroláveis, o nosso esforço comum verdadeiramente pode e deve oferecer-lhes nova esperança»<sup>48</sup>. E ainda: «O alimento da verdade leva-nos a denunciar as situações indignas do homem nas quais se morre à míngua de alimento por causa da injustiça e da exploração, e dá-nos nova força e coragem para trabalhar sem descanso na edificação da civilização do amor. Desde o princípio, os cristãos tiveram a preocupação de partilhar os seus bens (Act 4,32) e de ajudar os pobres (Rm 15,26)»<sup>49</sup>.

### Conclusão

Termino com as palavras do Sr. Pe Manuel Formigão: «Se o Verbo desce do céu é para evangelizar os pobres. Chama-os ao Seu banquete; escolhe-os para Seus Apóstolos. Enfim, não contente de lhes prometer o céu, beatifica-os antecipadamente, dizendo-lhes que é já deles o reino do céu. Os últimos do mundo são os primeiros de Deus».

O Pe Manuel Formigão dá-nos grandes lições de pobreza e de espiritualidade, que baseadas na doutrina da Igreja, fazem transparecer a sua vivência pessoal. A sua vida ascético-mística era bastante profunda e daí que os seus ensinamentos ajudam-nos a assumir um caminho de espiritualidade bem sistematizado e articulado.

As Irmãs Reparadoras, na esteira de quanto exigia o Fundador, procuram levar uma vida de simplicidade e de entrega ao Senhor e aos irmãos, em várias tarefas pastorais, seja em Portugal como em Angola e Moçambique.

A vida religiosa deverá ser um farol em cada sociedade, estando ao lado dos mais desfavorecidos, dos pequenos e dos esquecidos. O comodismo e a ausência de audácia conduzem ao imobilismo, à ineficácia do apostolado e à perda de sentido da consagração religiosa.

---

<sup>48</sup> BENTO XVI, Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n° 90.

<sup>49</sup> *Ibidem*, n° 90.



O Fundador estará, sem dúvida, a interceder junto de Deus pelas suas filhas espirituais para que o fogo da caridade as abrase e estimule na missão que lhe foi entregue, reparando o pecado do mundo e as insuficiências do amor.

*Pe M.Saturino C. Gomes, scj*

## **O VALOR PERENE DA FAMÍLIA, ONTEM E HOJE**

Quero que as minhas primeiras palavras nestas V Jornadas de Espiritualidade Reparadora sejam de homenagem ao Padre Manuel Nunes Formigão que foi Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, grande Apóstolo de Fátima e fundador da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima.

A biografia do Cónego Formigão mostra bem como são misteriosos os percursos pessoais que Deus oferece à liberdade humana.

O Cónego Formigão foi talvez o primeiro miraculado de Fátima porque nele, como em muitos de nós, o cepticismo e as dúvidas transformaram-se em profundas e absolutas certezas de Fé. E foi também ele o primeiro a compreender que Fátima não era apenas um farol que orienta e atrai multidões populares, com alguns reprováveis

aspectos folclóricos e comerciais, mas era um espaço privilegiado de conversão interior.

A partir da sua própria conversão interior que o levou a reconhecer nas Aparições da Virgem e nas suas mensagens, tal como Lúcia e os primos, na sua inocente simplicidade as souberam transmitir, o Cónego Formigão intuiu a necessidade de uma nova forma de consagração espiritual, uma consagração orientada para a acção reparadora da oração na presença de Deus feito homem, morto, ressuscitado e a habitar entre nós na Eucaristia.

A oração reparadora é um diálogo com Cristo na Hóstia consagrada, como um apelo à Misericórdia e ao Amor que Deus tem pelos homens e mulheres, por todos os homens e mulheres, mesmo os que vão procurar uma certa felicidade fora dos caminhos que Cristo ensinou no seu tempo e a Igreja conserva e transmitirá até ao fim dos tempos.

A oração reparadora é Laus perene, é Louvor permanente face à Hóstia Consagrada que é o Corpo de Cristo Ressuscitado.

Esta verdade tinha-a o Cónego Formigão tão interiorizada e tão viva que não descansou enquanto não conseguiu, contra ventos adversos e marés alterosas, criar a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, congregação que foi, para ele, no tempo da sua despedida deste mundo, marcada pelo sofrimento da incompreensão pelo valor da sua obra e da doença física, um carinhoso porto de abrigo e de paz.

A história da Igreja formal está, infelizmente, marcada pela difícil compatibilização entre carisma, profecia e rotina. Francisco foi mal visto e censurado pelo Bispo de Assis até que o Espírito Santo actuou e o franciscanismo foi, no seu tempo, um precioso instrumento de renovação e aperfeiçoamento da Igreja formal.

O Cónego Manuel Nunes Formigão escreveu “A contrariedade é o selo das obras de Deus”.

A Congregação das Religiosas Reparadoras é, de facto, uma obra de Deus. O Cónego Formigão foi instrumento, está vivo nesta obra, merece que o recordemos como um bem-aventurado.

Cabe-me falar do valor perene da Família, ontem e hoje.

1. De uma forma sucinta vou expor-vos como a família evolui no tempo até se tornar num grande valor para as pessoas e para as sociedades.

A investigação antropológica, que procura encontrar os vestígios do processo evolutivo da hominização, admite que durante milénios a ligação macho/fêmea nos hominídeos era puramente instintiva e corporal e estava ordenada pela lei geral de todos os animais, nos quais há uma forma corporal masculina e outra feminina, que é a lei da sobrevivência da espécie.

A esta conclusão, fria e eticamente neutra dos antropologistas, contraponho a Fé bíblica num acto constantemente criador da vida, no qual está incluída a reprodução pela união dos corpos, pois esta união, sendo geradora de filhos, é a garantia da perenidade da vida desejada por lavé. Por isto, lavé olhando para a vida criada e sustentada considerou que tudo estava bem. Este juízo de lavé sobre a vida criada e mantida é actual. Tem 7a 8 mil milhões de anos, mas continua a ser proferido hoje em relação a todas as formas corporais de todas as espécies, nas quais e pelas quais, a vida se manifesta no mundo.

Os cientistas regozijaram-se recentemente por terem descodificado a grande molécula de ADN que constitui o genoma de animais e plantas. Mas essa estrutura chamada, agora, de molécula da vida, não é de hoje, nem foi inventada por Watson e Crick há pouco mais de 50 anos. Não; há milhares de milhões de anos que ela, a molécula de ADN, cumpre com um impressionante cuidado químico, a missão de conservar e transmitir a vida, usando as mais diversas e eficazes vias formais – às quais chamamos espécies – para o conseguir.

Na minha postura pessoal de criacionista supra-darwiniano, não tenho receio de afirmar que esta molécula é um instrumento para a execução do acto criador geral de lavé.

Temos assim que, no mundo natural, machos e fêmeas geram filhos no cumprimento de uma actividade biológica instintiva ordenada para a manutenção das espécies às quais pertencem.

Assim o terão feito os membros da espécie *Homo* durante milénios.

Mas o que é que aconteceu para que nesta espécie *Homo* se cumprisse um outro programa que alterou radicalmente a relação macho/fêmea?

Aconteceu algo de absolutamente singular que nenhuma neuro-ciência pôde, até hoje, explicar na sua génese e na sua natureza.

Nesses homens e mulheres que viviam e sobreviviam nas inóspitas savanas – talvez na África Oriental com migração para o Médio-Oriente – emergiu uma propriedade nova : eles passaram a reconhecer-se uns aos outros, descobriram a individualidade de cada corpo, vivo ou morto, e, finalmente, individualizaram-se a si próprios para si próprios. O auto-reconhecimento foi o esboço da nossa rica auto-consciência actual. O hetero-reconhecimento, o reconhecimento do outro como um absolutamente outro é a origem da família, é a origem desta estrutura exclusivamente humana, onde se realiza a forma particular de ser e de estar dos humanos no mundo.

A emergência da estrutura familiar a partir de bandos de seres já humanos mais ainda poligâmicos e poliândricos foi, ou deverá ter sido, contemporânea da invenção, pelos humanos, da palavra oral; e tenho dito e escrito que a primeira de todas as palavras, como instrumentos significativos, foi a palavra que representa a individualização, ou seja, o monossílabo gutural *eu*. Este som gutural, esta sílaba vocálica que em todas as línguas faladas representa cada um a si próprio e aos outros, transforma-se em palavra quando adquire a qualidade de um símbolo representativo e significante.

Quando cada um de nós emite este som apenas vocálico, *eu*, está a identificar-se a si próprio e a apresentar-se aos outros.

Pois bem só podemos falar de família como estrutura humana quando já há esta identificação individual e quando a união sexual não é feita apenas como união de corpos, mas como união de dois *eus* auto-identificados.

Cada *eu* vai começar por aprender muito acerca de si próprio e analisar progressivamente o que faz e o que decide fazer, porque agora já não é apenas um ser humano com capacidades cognitivas, sensitivas e sensoriais, mas um ser dotado de auto-consciência, um *eu* auto-consciente.

É este *eu* auto-consciente que vai interrogar-se sobre a sua origem e o seu destino, que vai inventar a esperança na imortalidade, preparando ritualmente os corpos mortos para a ressurreição futura, que vai intuir a realidade da existência de um Ser Supremo, transcendente, que existe por si próprio e em si próprio e não pode ser conhecido nem nomeado.

E é o *eu* auto-consciente, de homem e de mulher, quem vai instituir a família como estrutura para a relação *eu/outro eu*, ou *eu/tu*.

Relação corporal progenitora e fecunda, sem dúvida; mas igualmente relação entre *eus* auto-conscientes ao nível representativo e, portanto, identificável por meio de uma palavra. A palavra que usamos, hoje, para caracterizar, tanto o conceito abstracto, como a instituição, é a palavra Família.

Claude Lévi-Strauss, o grande antropologista, que viveu alguns anos com e como os índios Nambikwara, na Amazónia, faz uma emocionada descrição da estrutura familiar deste povo muito primitivo, mostrando bem como a relação dos corpos se transforma na “expressão mais comovedora e mais verídica da ternura humana”.

De facto, a família como um constructo das sociedades humanas marca os primeiros sinais da hominização plena, como suporte de uma firme estrutura de

parentalidade sem a qual homem, mulher e filhos não poderiam ter sobrevivido nas penosas condições de vida, no mundo natural.

E também não poderiam ter evoluído até aos tempos modernos nos quais a cultura exterior simbólica substitui o vínculo à Natureza.

2 - A narrativa hebraica, fundante do povo bíblico, descreve o mundo natural de vida “animal” fácil do Homem, chamando-lhe Paraíso ou Horta das Delícias, e mostra como macho e fêmea, depois de terem ascendido ao conhecimento, fizeram a identificação do corpo próprio e do outro e então, já como *eus* autónomos, iniciaram um diálogo, que já é humano, sobre quem era responsável pela dificuldade de terem de sobreviver com o seu próprio esforço.

O que esta metáfora quer significar é que o que os seres humanos receberam de lavé, diríamos em linguagem moderna - que é, também, metafórica -, a sua constituição genética, não lhes vai bastar para sobreviverem. Terão de ser homem e mulher, criativos eles próprios, à imagem e semelhança de lavé e gerarem filhos, uns bons como Abel, outros maus como Caim, e extraírem da terra o seu sustento. Lévi-Strauss, descrevendo a vida real, actual, dos índios Nawbikwara, mostra como todo o tempo de homens e mulheres é consumido na busca, em cada dia, do alimento que podem extrair da floresta tropical e no cuidado com os filhos. A isto, apenas, se resume a vida pessoal e social destes grupos humanos que, de forma muito evidente, são agrupamentos de famílias, com regras próprias de relacionamento que não diferem, substantivamente, das que os Códigos Civis dos países civilizados fixam para a família moderna.

De facto toda a evolução social do povo hebreu é baseada na família a partir de Abraão que saiu de Ur na Caldeia, levando consigo Sara, sua mulher a quem lavé permitiu que tivesse um filho, na sua velhice, do qual provieram, simbolicamente, todas as *tribus* de Israel que Moisés haveria de conduzir até à terra prometida. A genealogia hebraica de Jesus mostra bem como a família era a própria razão de ser e estar do povo hebraico. Ainda hoje, apesar das perseguições e mortes, um judeu pode

conhecer o seu vínculo familiar e a qual das 12 *tribus* pertence por esse vínculo familiar.

3 - O Cristianismo, pela sua raiz hebraica, desenvolveu ainda mais a importância da estrutura familiar. Reconhecendo, sempre, a sua origem biológica e natural elevou a constituição da Família ao nível de um Sacramento que é celebrado, livremente, por um homem e uma mulher perante Deus, testemunhado e acolhido por um Sacerdote e festejado por todos os irmãos na Fé, parentes e amigos.

Com a evolução das Nações para Estados de Direito, politicamente organizados e socialmente regulados por leis, a união de homem e mulher, passou a ter um enquadramento jurídico, com direitos e deveres pessoais e patrimoniais. Ou seja, passou a ser reconhecida pelas estruturas políticas e pelo Direito privado.

Foi um bem, esta evolução, ou foi um mal?

Foi, em muitos aspectos, um bem. Mas trouxe consigo a raiz de muitos males.

Foi um bem sempre que as leis do Estado reconheceram que a celebração de um matrimónio livremente praticada por um homem e uma mulher, por sua livre e espontânea vontade, perante Deus e na presença acolhedora de um Sacerdote, era um acto da maior transcendência social e por isso era acolhido na organização política e administrativa da sociedade sem mais formalidades e com carácter indissolúvel – não separe o homem aquilo que Deus uniu.

Com a evolução das sociedades no mundo mais desenvolvido a união sacramental entre um homem e uma mulher deixa de ser, por sua livre e espontânea vontade, apoiada no amor mútuo e fecundo e passou a ser, em muitos casos, dependente de interesses familiares ou pessoais, de hipocrisia social, de mera atracção sexual, de comodidade, etc.

Estas uniões, não alicerçadas no mútuo amor que sobreleva a todas as dificuldades e se mantém indissolúvel e presente até ao fim da vida, mesmo

declaradas e prometidas perante Deus como um sacramento, revelam-se, afinal, frágeis e a prazo.

Com as primeiras dificuldades ou com a infidelidade de um ou outro dos membros do casal, ou de ambos, o vínculo matrimonial dissolve-se, tanto ao nível dos afectos como ao nível corporal e os membros do casal separam-se.

4 - O matrimónio católico é, sacramentalmente, indissolúvel e os membros do casal só podem separar-se se, de facto, não tiver havido sacramento. Para que haja sacramento são necessárias certas disposições exteriores e uma forte e clara vivência auto-consciente. Quando uma pessoa humana declara a outra pessoa humana que vai amá-la, ser-lhe fiel e respeitá-la por toda a vida, aconteça o que acontecer, está a assumir um compromisso que engloba a vida pessoal em todos os tempos e em todos os modos.

Se este compromisso, apresentado perante Deus, é assumido de forma leviana, insensata ou frívola, sem qualquer expressão na auto-consciência profunda de quem o assume, pode ter havido uma espampanante cerimónia pública, um banquete de luxo, um baile até de manhã, mas não existiu o sacramento do matrimónio.

Do meu ponto de vista não interessa à verdade da religião católica que a sua Igreja, em Portugal, assuma uma elevada percentagem de casamentos católicos, como sacramentos com efeitos civis, quando um grande número desses matrimónios é dissolvido civilmente, mas sem que a dissolução civil tenha, obviamente, efeitos religiosos.

De facto, na cultura moderna, particularmente depois da generalização do uso da pílula anticoncepcional pelas jovens que iniciam vida sexual activa sem nenhuma perspectiva matrimonial, estabeleceu-se uma dissociação entre os relacionamentos corporais de homem e mulher e a constituição de uma família para geração e educação de filhos. A mulher, em especial a da classe média e classe média alta, adia a perspectiva de um matrimónio estável e orientado para a geração e educação de filhos para mais tarde, para quando outros objectivos de carreira profissional e de desenvolvimento social tenham sido atingidos. Até aí vivem, ela e ele, de



relacionamentos dirigidos para o prazer sexual, ocasionais ou de curta duração, porque não têm uma perspectiva de amor autêntico, nem de fidelidade mútua.

Que a Igreja Católica aceite estes casais de insensatos estouvados e se preste a recebê-los em matrimónio, para ver, pouco tempo depois, como eles anunciam, publicamente, o seu divórcio civil, é para mim incompreensível. Pior ainda quando alegam que casaram “pela Igreja” sem saberem o que estavam a fazer e pedem a nulidade do matrimónio para voltarem a casar... “pela Igreja”.

Numa sociedade em que uma parte da juventude se está a afastar de qualquer prática de expressão de Fé em Cristo e na sua Igreja, a celebração do matrimónio católico só deve ser permitida aos que, comprovadamente, possuem as disposições exteriores e, principalmente, interiores, para realizarem, validamente, um sacramento e não uma banal cerimónia, mais ou menos folclórica.

Quem não sentir estas disposições não deve desejar um matrimónio católico; se, contudo, tem a intenção de constituir uma família, deve, então, fazer um contrato civil que transforme uma união de facto num vínculo contratual, como quem cria uma sociedade comercial, que estabelece direitos e deveres entre os contratantes e destes com a sua descendência. E que pode ser anulado por acordo entre as partes.

Mas, a todo o tempo, e como fruto de uma maturação espiritual e religiosa e de uma maior e melhor experiência da vida, estes casais em união civil estável, certamente já com filhos, podem aproximar-se da Igreja e realizarem o matrimónio sacramental, agora com a plena consciência de estarem a assumir um compromisso de amor e fidelidade para toda a vida.

Será como o baptismo de adultos ou a vocação tardia para o sacramento da Ordem ou para o carisma da vida consagrada ao Senhor.

5 - Ao lado desta proposta para a pastoral do matrimónio que é, do meu ponto de vista, a mais adequada ao desregramento da sociedade pós-moderna, para a qual caminhamos nesta Europa, a mesma que desdenhou colocar o cristianismo como matriz da sua origem e do seu desenvolvimento, quero apresentar uma outra mais

exigente, mas também mais empolgante para nós os que queremos implantar o reino de Cristo.

Em muitas famílias cristãs, que vivem com alegria e felicidade o seu matrimónio indissolúvel e fecundo, o fracasso dos matrimónios católicos de suas filhas e filhos, com divórcios e posterior afastamento de qualquer prática religiosa, ou porque deixa de ser desejada ou porque não lhes é consentida pela disciplina canónica dos sacramentos, constitui uma ferida de difícil cicatrização, que perturba a convivência familiar e a integração da família alargada.

O que eu proponho é que as famílias cristãs considerem o matrimónio católico das suas filhas e filhos como a sua primeira prioridade. Esta decisão tem de ser tomada e claramente assumida por Mãe e Pai que afirmam que acima de tudo na vida o que mais desejam é que os seus filhos e filhas tenham um matrimónio feliz, à imagem do matrimónio feliz dos seus Pais.

Para realizarem esta missão, porque é verdadeiramente de missão que se trata, têm de procurar, na Igreja e fora dela, toda a informação necessária para a compreensão do mundo social à sua volta, que já não é o da sua adolescência e juventude, nem o do tempo em que namoraram e casaram. Porque a actual aceleração da história não permite que nada volte para trás. E o tempo em que os Pais viveram não volta mais.

Com estudo permanente e reflexão apurada, os Pais Católicos modernos ficarão preparados para conviverem intimamente com as suas filhas e filhos, para os acompanharem no desabrochar dos afectos, da sexualidade genital e emocional, do amor e, algumas vezes, da paixão. Esta educação que é, ao mesmo tempo, informação e formação, acontecerá informalmente na vivência familiar de todas as horas, do pequeno-almoço até desligar a televisão ao deitar, mas sempre no respeito pela intimidade que se vai construindo no filho ou filha que se desenvolve mês a mês sob os nossos olhos que não podem ser distraídos, mas sim muito atentos e presentes.

Que nenhuma outra preocupação se antecipe a esta que é a de construirmos filhos e filhas que hão-de ter um matrimónio feliz, mesmo que à sua volta haja adolescentes grávidas, explorações genitais nos sanitários e banheiros das Escolas

secundárias, drogas em venda livre, infidelidades, pedofilia, divórcios, agressões às mulheres até homicídios por motivos sexuais.

Mas não se trata de educar filhas e filhos numa redoma de ignorância, numa super-protecção absoluta e inútil, em proibições absurdas e contraproducentes. Tudo isto já foi tentado e falhou.

Estamos num mundo diferente onde há excesso de informação a todos os níveis e um enorme défice no processo de transformação dessa informação em conhecimento individual. A ajuda dos pais, como educadores pacientes e afectivos, é indispensável para que a informação se transforme em conhecimento pessoal, mas o protagonista para o conhecimento é o filho ou filha, não é o pai ou a mãe.

Porque a família católica não é, nem quer ser, uma estrutura de poder; mas é e quer ser uma estrutura mútua de serviço entre os seus membros, na qual os filhos e filhas devem sentir-se livres para perguntar, intervir, criticar e aprender.

6 - As famílias católicas que queiram fazer da felicidade matrimonial dos seus filhos e filhas o seu objectivo principal e prioritário, têm de estar conscientes dos três componentes que garantem o sucesso na prossecução deste objectivo. São eles: conhecimentos, verdade e tempo.

Conhecimentos sólidos e modernos sobre o desenvolvimento corporal, sexual e mental que os seus filhos e filhas vão apresentando ao longo do tempo. Informação bastante e segura sobre a adolescência e o fenómeno psicológico do enamoramento, que actualmente aparece muito mais cedo.

Conhecimentos seguros sobre como estar próximo das filhas e filhos, como agir, como lhe dar espaço, como estar presente ou ausente, como interpretar os sinais, como saber ouvir, como gerir o silêncio, as manifestações de afecto, as palavras.

A regra de ouro é não improvisar nunca, em nenhuma situação.

O segundo componente é a verdade.

Não há nada mais adequado e eficaz para destruir um processo educativo que a hipocrisia.

Quando os Pais abraçam este programa de tudo fazer pela felicidade matrimonial de seus filhos e filhas, a verdade tem de ser o clima total da sua própria vida familiar.

É necessário que os filhos e filhas, olhando para os seus Pais, possam dizer como os Romanos diziam dos primeiros cristãos: vede como eles se amam. E este amor entre o Pai e a Mãe tem de ser verdadeiro e não um teatro representado para filho ou filha ver.

Deste amor verdadeiro e concreto de Pai e Mãe, nos dias melhores e nos dias piores, nas horas tristes e nas horas alegres, emana para as filhas e filhos uma mensagem poderosamente educativa, mais forte do que milhares de palavras. As refeições em comum, as festas de aniversários familiares, as grandes celebrações natalícias e pascais, são tudo momentos de expressão do amor que une Pai e Mãe, que as filhas e filhos recebem e nunca mais esquecem. E os que tiverem veia literária hão-de evocá-las, nos seus escritos, trinta ou quarenta anos depois, mostrando, até sem o dizerem explicitamente, como elas influenciaram a sua vida e formaram o seu carácter.

O terceiro componente é o tempo.

Não temos tempo para isso, dizem-me alguns Pais. As Irmãs do Colégio e as Catequistas da Paróquia vão fazer deles bons meninos e meninas. Que ilusão perigosa e enganadora.

Nada nem ninguém pode substituir, com sucesso, o Pai e a Mãe na formação dos afectos e na educação para uma sexualidade saudável.

O Colégio pode ensinar-lhes disciplinas científicas e boas maneiras à mesa. A catequista dar-lhe-á umas noções de religião ao nível da Escola Primária. Mas nada disto tem a ver com a educação e a preparação de uma pessoa para amar outra pessoa de sexo diferente e ser-lhe fiel.

O terceiro elemento é, de facto, o tempo.

O amor é o maior mistério da humanidade dos seres humanos. Para o descobrir, o sentir e o conservar é preciso vê-lo realizado naqueles que se amam e a família é o espaço mais adequado para esta experiência de *ver* o amor. Mas para que os Pais possam mostrar o seu mútuo amor é necessário tempo de permanência junto dos filhos e filhas.

Quando um casal, seriamente empenhado nesta tarefa de preparar futuros matrimónios felizes para as suas filhas e filhos, identificar qualquer actividade que lhes tira o tempo de estarem um com o outro e ambos com os filhos, deve avaliar, corajosamente, se essa actividade é indispensável ou se pode ser mudada, substituída, adiada ou eliminada.

Sem tempo não haverá disponibilidade, sem disponibilidade dos Pais não se criará nos filhos e filhas, a naturalidade e a confiança indispensáveis para o diálogo e a vivência dos afectos.

É um programa difícil, mas a recompensa de ver, nestas famílias, os filhos e filhas com um matrimónio católico feliz e indissolúvel compensará de todos os sacrifícios... Mesmo que estas famílias sejam uma ilha cercada de infidelidades, violências e divórcios, elas serão um farol orientador, um exemplo a seguir, um sucesso a conquistar por quantos se preocupam com a felicidade futura dos seus filhos e filhas.

Conhecimentos, verdade e tempo é tudo o que necessitamos para esta tarefa de preparar os jovens para a vivência do amor autêntico no interior das famílias católicas.

E também a Graça do Espírito Santo que Cristo prometeu enviar a todos os que mereçam recebê-la e que não faltará às famílias empenhadas nesta missão salvadora e reparadora.

Prof. Dr. Daniel Serrão

### **PADRE FORMIGÃO, “APÓSTOLO DE FÁTIMA”**

*“ Foi Ele que a uns constituiu apóstolos, a outros profetas, ou ainda evangelistas, ou pastores e doutores, para o aperfeiçoamento dos santos, em ordem ao desempenho do ministério, a fim de edificarem o Corpo de Cristo, até que atinjamos todos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem feito, a medida da plena idade de Cristo”. (Ef 4, 11-13)*

1. A relação profunda do Padre Formigão com Fátima é por demais conhecida e, sobejamente, narrada e testemunhada por muitos e de muitos modos. Deixo, a confirmá-lo, o testemunho de D. João Pereira Venâncio, o 2º Bispo de Fátima, um testemunho que me iluminou na condução da minha reflexão com as seguintes palavras:

*“ Realmente depois do sempre saudoso Bispo de Nossa Senhora e, cronologicamente ainda antes, Fátima dependeu, humanamente falando, da acção clarividente do senhor Cónego Formigão. Não é preciso prová-lo. Todos o sabem e reconhecem...Ele foi, sem contestação possível, um dos mais fiéis instrumentos de que se serviu a Providência Divina, para esclarecer e defender a explosão de sobrenatural que é Fátima. Ainda hoje e sempre é testemunha fiel a que todos os que queiram entrar na riqueza íntima na mensagem de Nossa Senhora ao tempo, terão de recorrer”.*

Retirei a citação do Livro “Apostolo de Fátima - Con. Manuel Nunes Perdigão” ( página 130) da Irmã Maria da Encarnação Vieira Esteves, RF.

Nestas palavras me inspirei para tentar dar corpo a uma afirmação de D. João Venâncio, da qual também eu estou convicto, e que é esta: “ *Ele foi, sem contestação possível, um dos mais fiéis instrumentos de que se serviu a Providência Divina, para esclarecer e defender a explosão de sobrenatural que é Fátima.*”

A linha de pensamento que me acompanhou ao reflectir o tema e durante a sua redacção, sem pretensão de descobrir novidades para as poder proclamar, foi fazer uma leitura atenta de factos conhecidos da vida do Padre Formigão e procurar ver aí a acção silenciosa, mas determinante, de Deus, a prepará-lo para o que lhe iria pedir em relação a Fátima.

Sem se impor, mas também sem resistir para além do normal, o Padre Formigão deixou-se conduzir na fé e assim pôde, com uma naturalidade impressionante, combater o bom combate e chegar à meta da vitória, como vencedor na missão de que Deus o incumbira.

2. Seja-me permitida uma nota pessoal, que é, também, um discreto testemunho a propósito do homenageado neste seu centenário.

Passei a primeira vez em Fátima, no verão de 1937. Não tinha ainda sete anos e ia a caminho da praia da Nazaré, fazendo parte do grupo de crianças da Colónia Balnear Infantil da Junta Distrital de Castelo Branco. Não nos deixaram sair da camioneta. Foi, lá ao longe na estrada, em frente do grande portão que dava acesso ao santuário e que todos recordamos das fotografias primitivas, que os responsáveis que nos acompanhavam, com uma explicação breve, nos mostraram, lá ao fundo, a capelinha e julgo que também já a igreja das confissões. A imagem colou-se à minha memória, e sinto que, também, ao meu coração.

Fátima não mais me deixou indiferente, e vou lá eu saber porquê, se foram tantas as coisas que, nessas viagens de criança curiosa, vi embevecido, e que muitas delas já de há muito esqueci...

Foi com esta imagem de Fátima, a qual sempre recordarei, que passei a ler, tempos depois e com muita curiosidade, o jornal “Voz de Fátima”!

O meu avô, homem de fé, que já lia a Bíblia todos os dias, logo pela manhã, numa edição intitulada “Boa Nova”, ele, um carpinteiro de profissão numa pequena aldeia da Beira Baixa, já então sempre atento ao que se ia passando na Igreja e na sociedade, assinava, além da Voz de Fátima, também os jornais “A Ordem” e “O Trabalhador” do Padre Abel Varzim. Lia-os de fio a pavio e, andando eu ainda na escola primária, mos dava para ler e a isso me aconselhava.

Foi na leitura da Voz de Fátima que descobri um tal Visconde de Montelo, que me abriu, com as suas crónicas, as portas à história das Aparições, ao carinho para com os Pastorinhos, e à progressiva abertura e compreensão da Mensagem. Não sabia quem era esse senhor Visconde de Montelo, nem onde era Montelo. Mas, pensava eu, se ele era visconde era pessoa importante, e a terra também o devia ser. Muitos anos depois, talvez já um padre novo, numa vinda a Fátima, vi na estrada a placa que apontava para Montelo, a terra titular do viscondado. Para lá cortei e aí descobri então, na sua pequenez e simplicidade serrana, a terra do famoso viscondado e como o seu titular se pretendia esconder por detrás de um título que denunciava a grandeza da simplicidade e o espírito de serviço, que não era a habitual grandeza colada aos títulos da nobreza humana. Um dia descobriria o Visconde. Entretanto, continuava a ler com interesse as suas crónicas.

Fátima surgiu assim, na minha vida, de um modo mais vivencial, por via da passagem ocasional de uma criança curiosa que espreitou, por breves momentos pelas grades de um portão, e, depois, pela leitura interessada do que alguém, para mim duplamente desconhecido, escrevia regularmente num pequeno jornal. Assim ia ajudando as pessoas de Portugal e, depois, de outros países, a descobrir a grande riqueza que Deus, por sua Mãe e pela mediação generosa de três crianças simples, fizera surgir, como apelo e como luzeiro, em terras de Portugal.

3. Cada pessoa, quando nasce, traz dentro de si um mistério, chamado a revelar-se e a mostrar a dimensão divina de cuja fonte inesgotável um dia brotou e na qual cada dia se alimenta. Este mistério adensa-se na vida por um novo dom, o Baptismo, emanado da mesma fonte inesgotável de Deus, origem de todos os bens.

Depois, a atenção generosa e disponível à vida, humana e sobrenatural, com as ajudas de outros e a interpelação atenta dos factos, vai desdobrando o sentido escondido deste mistério e dele fazendo luz e força. Assim se entra, como protagonista activo, na história que Deus realiza em cada pessoa e, por meio dela, na Igreja e na sociedade.

Os conterrâneos e amigos de Zacarias e Isabel, perante o que se estava passando com uma criança, seu filho, a que se ia dar, ao arrepio de tradições conhecidas e de advertências sensatas, o nome inesperado e inexplicável de João, interrogavam-se



estupefactos: “ *Que virá a ser este menino ?* ” Todos viam que nele se manifestava, já então, a mão do Senhor. (Lc 1, 59-66).

Igual interrogação se pode fazer ante cada criança que nasce, para que o mistério suscite o respeito, a gratidão e a ajuda a que tem direito, em nome do Senhor da vida, que tão cedo a enriqueceu e envolveu num desígnio, que só mais tarde se revelará.

A história, e mais ainda a história de uma pessoa concreta, não se pode ler como se a vida fosse uma soma de acontecimentos sem nexos ou com pouco nexos entre si. Deve ser lida, na visão de um crente, como uma corrente contínua, feita de muitos elos entrelaçados, que vão delineando um itinerário pessoal, com sentido e consistência, ao qual Deus está presente. É, então, que o mistério se vai revelando, não de modo determinista e fatal, mas na liberdade de quem o vive à luz da fé e do compromisso inseparável perante um dom recebido gratuitamente, cujo sentido e valor vai sempre para além daquele que o recebeu.

4. A vida de cada pessoa, sendo, normalmente, muito igual nos seus inícios, porque sempre dependente do amor e dos cuidados de que quem a gerou e acolheu, os seus pais, é todavia diferente, mesmos entre irmãos de sangue. Cada pessoa, e é por isso que é pessoa, nasce marcada por uma individualidade pessoal e incomunicável. É aí que se manifesta, ao longo dos anos, o mistério que a acompanha e lhe pede uma colaboração, livre e generosa, à sua medida, que é, sempre e só, a que Deus conhece.

O Padre Formigão teve pais crentes que o souberam acolher como um dom de Deus, à maneira de empréstimo, por um tempo. Logo apressaram, para aos hábitos do tempo, a celebração do Baptismo. Um novo e incomparável dom, a vida e a filiação divina, por adopção. O novo filho que é dado aos pais, nunca deixa de pertencer a Deus, como nos recorda o Apóstolo: “*Somos de Deus e a Ele pertencemos, quer vivamos quer morramos pertencemos ao Senhor*”(Rom 14, 7-8)”.

E Deus, um Pai rico em misericórdia, para nosso bem, nunca mais abdica dos filhos que, pela sua graça, nasceram de novo. Nem pode abdicar dada a sua condição de Pai e da verdade da sua autêntica e inalienável Senhoria.

Educadores conscientes, os pais souberam comunicar-lhe e desenvolver nele, em cada dia, os valores fundamentais que foram determinando a sua vida segundo a fé.

Nascido à sombra de Convento de Cristo, circunstância que ele evoca de quando em quando, parece ser este facto um estímulo à sua fidelidade a Cristo e à missão, sem fronteiras, de O dar a conhecer.

A sua vocação sacerdotal surge, desenvolve-se e perdura num ambiente natural de família, de paróquia e de seminário, embora os tempos fossem religiosamente áridos e pouco propícios a projectos de vida que fossem muito para além dos limites da mediocridade. Viviam-se os últimos anos da monarquia e os estímulos à vida sacerdotal não eram, em diversos sectores da Igreja, nem muitos, nem apelativos.

5. A ida para Roma, a fim de completar os estudos teológicos na Universidade Gregoriana, a mais credenciada das universidades pontifícias, e a seriedade com que os fez; a ordenação presbiteral na Basílica de S. João de Latrão, catedral do Papa e Igreja Mãe de todas as Igrejas; o primeiro contacto na cidade eterna com Leão XIII, o Papa que, pela primeira vez, abriu caminhos largos da doutrina e da acção social da Igreja no mundo, caminhos que jamais se fecharam e que, também foram mais tarde, paixão do Padre Formigão; depois, durante mais tempo, o contacto com Pio X, o Papa corajoso das reformas urgentes e que, denodadamente, se empenhou em “*restaurar todas as coisas em Cristo*”, tudo isto foi graça abundante que abrindo caminhos e deixando marcas na vida do jovem padre.

A sua preparação teológica foi suporte para muitas coisas que Deus lhe foi pedindo. Abriu-se-lhe o coração à universalidade da missão da Igreja e ao essencial da mensagem evangélica no mundo e para todos, cresceu nele a disponibilidade para servir, sem a nada e a ninguém regatear resposta e esforço, não se distraiu com coisas acidentais em detrimento do que ia descobrindo como o “único necessário”, entrou, em cheio na abertura ao Espírito, para que Ele o conduzisse sempre, segundo o desígnio do Pai. Nunca deixou de traduzir a sua entrega ao projecto de Deus sem procurar a cada momento, o que podia traduzi-la ante esse mesmo projecto.

A paragem em Lourdes no regresso a Portugal, para fazer, como “sacerdote servita”, um mês de experiência de voluntariado ao serviço dos peregrinos do Santuário, experiência muito desejada, foi marcante na sua vida, como muitas vezes o repete. No seu horizonte estava, então e apenas, por zelo sacerdotal e missionário, poder ser depois, em Portugal, um zeloso promotor da devoção à Imaculada Conceição, que, a partir do Santuário de

Lourdes, estava sendo, segundo um testemunho que ele mesmo anota de um bispo francês, uma força e uma ocasião privilegiada para a recristianização da França. Porque não também de Portugal, que tão necessitado se mostrava de uma graça igual, já nessa hora, que se iria a agravar visivelmente, pouco tempo depois, com o advento da República e a perseguição, decretada e pública, à Igreja Católica e aos cristãos?

6. Um jovem padre que regressa de Roma à diocese que o enviou para melhor se preparar e, depois, para melhor servir onde o seu bispo o colocasse, regressa com a alma cheia de experiências eclesiais únicas e de projectos de vida sacerdotal e apostólica, que nem ele podia saber logo todo o seu alcance.

A grande preocupação dos bispos portugueses no início de século, dada a situação a que a recente e continuada perseguição republicana reduzira as dioceses, espoliando-as de tudo, menos de fé, de coragem e de mútua união e partilha, foi, indiscutivelmente, a formação dos novos padres.

Santarém, pelo seu prestígio, mas, também, por certo, por depender do Patriarca de Lisboa que, sem deixar de ser igualmente perseguido como os outros bispos, sempre meteria algum respeito aos governantes do novo regime, foi dos poucos seminários que restaram abertos. Assim, o Patriarcado abriu as suas portas e a possibilidade de formação a jovens de outras igrejas diocesanas, que haviam ficado sem seminário

O primeiro ano de ministério pastoral em Portugal do Padre Formigão, ano lectivo de 1909/1910, foi precisamente no Seminário de Santarém, então Seminário de Teologia, para onde fora nomeado como professor. O que parecia natural, começa a desenhar-se como providencial.

Logo então e, certamente, a isso não foi alheio o ambiente que já se vivia, o jovem padre, tinha então 26 anos, como anota a sua biógrafa, desdobra-se em actividades pastorais, para além das aulas de Teologia e de outras disciplinas, como quase sempre acontece aos jovens padres que chegam de novo, após a sua formação. Um período lindo da sua vida, no qual se tem a sensação de que se pode tudo e a tudo se diz sim libertador e grato pelo que se havia recebido.

Foi ainda nomeado professor do liceu, por sua iniciativa logo fundou uma associação para jovens e, certamente, olhando o meio que o rodeava, dedicou-se a uma acção

pastoral diversificada, com predilecção para o campo da acção social e caritativa e a atenção, cuidada e generosa, aos mais pobres.

Não vou repetir factos conhecidos, mas, como me propus antes, não posso deixar de sublinhar, segundo a minha perspectiva, que a missão relacionada com as aparições de Fátima que, finalmente, veio a ocupar a sua vida é, por si, aglutinadora das muitas tarefas a que foi sendo chamado, no contexto das variadas experiências que lhe permitiram conhecer bem o tecido humano e cristão do país, bem como os diversos dinamismos em campo, que poderiam determinar o sentido da vida das pessoas, bem como a sua fé a sua vida cristã.

7. Formar padres em diocese tão diversas como Lisboa, Bragança e Évora, estimular jovens a ir mais longe por força da sua fé, nas mais diversas zonas do país, descer ao povo humilde e simples, mas crente e respeitador de Deus até à medula, fazer da sua pena brilhante em jornais, revistas e livros uma arma que em vez de matar, ensina, esclarece, anima, responde, conta...

Assim foi conhecendo o país, a sua gente, as suas virtudes, limitações e problemas, a sua capacidade de compreensão e de resposta à manifestação de Deus na história... A mensagem de Fátima, porque faz eco do Evangelho, é para todos, sem excepção. Mas devia ser acolhida, antes de mais, pelos portugueses e pelos mais simples a quem Deus aprouve sempre revelar-se e apreciar a sua resposta generosa.

8. As crianças, escolhidas pela Mãe de Deus, foram a amostra pública mais rica, daquilo que é capaz a gente humilde e simples ante os desafios de Deus. O Padre Formigão foi testemunha privilegiada desta realidade.

A principio por iniciativa pessoal, depois por mandato do Bispo foi o interlocutor sereno, respeitador mas exigente, com as crianças e a quem foi dado perscrutar a passagem de Deus pelas suas vidas e as marcas maternais de Maria nos seus corações grandes que batiam em corpos pequeninos e tenros.

Um missão que só poderia caber a um homem de Deus, esclarecido e lúcido, que fosse capaz de ouvir, guardar, reflectir, para depois transmitir com a beleza que têm as coisas de Deus que passam incólumes pelo coração das crianças. Estas são incapazes de desvirtuar um recado de tanta riqueza e alcance como aquele que Maria lhes confiara e

pedira o levassem a toda a gente, respeitando a sua mentalidade infantil, a sua compreensão que, por vezes, numa expressão de total verdade, passou por perguntas simples, mas interpeladoras, como são as perguntas das crianças e às quais Nossa Senhora não se furtou.

Não era fácil, agora que os tempos no-lo mostraram com tanta evidência, encontrar pessoa mais preparada para esta missão, que o Padre Formigão. Diria que fora Deus que o impusera, de modo tão normal como sereno. E vemos que ela age, consciente de que realiza uma missão que o ultrapassa.

O projecto sonhado em Lourdes e a experiência aí vivida e o propósito que então acarinhou no seu coração, prepararam-no, desde longe e com a antecedência necessária, para a missão que iria realizar em Fátima.

Nunca se impôs, nunca se negou, nada fez fora da obediência ao seu Bispo e dos critérios teológicos, que devem acompanhar factos marcados pelo mistério de um amor que se vai revelando e que não se devem antecipar, por respeito a Quem os inspira e a quem os acolhe, como mensagem a transmitir.

A palavra de D. João Venâncio, a que no princípio fiz menção, é a leitura lúcida de uma história pessoal que teve influência relevante na história de Fátima.: O Padre Formigão “ *foi, sem contestação possível, um dos mais fieis instrumentos de que se serviu a Providência Divina, para esclarecer e defender a explosão de sobrenatural que é Fátima*”.

Nos 90 anos das Aparições de Fátima e na abertura de datas jubilares de tão grande significado, centenário da sua ordenação sacerdotal e cinquentenário da sua entrada na glória do Pai, é bom pôr em relevo a vida deste homem de Deus, na perspectiva esperançosa da sua próxima elevação aos altares.

9. *A jóia da coroa* de uma vida tão dedicada à Mensagem de Fátima, porque complementar da mesma Mensagem, julgo que poderemos dizê-lo, foi a Fundação da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima e, depois, a obra dos leigos reparadores, sonhada e desejada desde a primeira hora.

A história fala de um recado da Jacinta para o Padre Formigão, pouco antes de ela partir para o Pai. Tratava-se de transmitir um pedido expresso de Nossa Senhora, assim como que um segredo a comunicar, à maneira de testamento espiritual fechado, que a seu tempo se abriria e seria conhecido e cumprido.

Era preciso tornar visível e estimulante a reparação a Deus, em Jesus Cristo e com Maria, pelos pecados da humanidade, e instaurar neste sentido e com este objectivo, a adoração permanente ao Santíssimo Sacramento. A dimensão reparadora, que também é sempre de louvor a Deus, e o lugar privilegiado da Eucaristia, deviam fazer parte da história de Fátima e da Mensagem que, no mesmo Santuário, foi proclamada e acolhida, para ser vivida e espalhada pelo mundo inteiro.

O Padre Formigão diz ao chegar a ele este apelo: *“Apoderou-se do meu espírito um sentimento misto de confusão, de surpresa e de ansiedade”*. Nada mais natural. Ele nunca se pusera em bicos dos pés para se evidenciar ou para conquistar honras e favores. Sempre cultivara a discrição, própria daqueles que Deus escolhe para uma especial missão e indispensável para a levar a bom termo. Por outro lado tinha pela sua cultura teológica e canónica, mas mais ainda pela sua fé consciente e esclarecida, a consciência viva da importância desta missão. Não só pelo que significava, mais ainda por ser encargo de Nossa Senhora que lhe chegava por alguém de quem ele não podia duvidar.

Quem recebe um carisma fundacional, recebe-o do Espírito Santo, em consonância com necessidades sentidas na Igreja ou no mundo, e às quais Deus, Pai rico de amor e de misericórdia, está atento e dá a resposta adequada no momento próprio, pela mediação dos que Ele escolhe e humildemente se puseram ao Seu serviço.

As Religiosas Reparadoras fazem parte do nosso imaginário de Fátima. Um imaginário nascido do seu véu branco comprido sobre o hábito azul, da sua entrada e saída ritmada do lugar da adoração, do tempo longo do seu recolhimento orante, do apelo que delas se evola para a oração silenciosa e contemplativa junto do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, em custódia de linhas sóbrias e dignas, um imaginário identificado com todo o ambiente da capela da adoração, sempre aberta e convidativa ao encontro com o Senhor...

Fátima, pelo seu apelo forte à oração e à conversão interior, necessitava desta mensagem viva, mediática e interpeladora, das Irmãs Reparadoras.

Elas constituem, com o seu Fundador, uma parte importante do património espiritual do Santuário, viva e testemunhante, ao longo de mais de 50 anos.

Só Deus sabe o segredo das conversões evangélicas que têm nesta oração, discreta e silenciosa, a sua explicação. Nem os muitos convertidos por esta intercessão o saberão nunca. É o grande mistério de que falava PioXII ao recordar que a conversão interior de muitos, depende do sacrifício e da oração silenciosa de muitos outros.

10. Ao terminar esta comunicação tenho a sensação, e como que a certeza, de nada ter dito de novo, como aliás preveni logo no início. Mas, também, não sei o que poderia ser dito perante o conhecimento que os presentes têm do Padre Formigão, da sua ligação estreita a Fátima e, ainda, da sua obra.

É possível que de um estudo profundo dos seus escritos se pudesse ter encontrado muitos outros aspectos a salientar, denunciadores da riqueza da sua personalidade, da sua fé, do seu amor entranhado a Maria e à Igreja.

Baseio-me no princípio de que quem fala deve ser o primeiro e o mais empenhado ouvinte daquilo que diz e proclama. Assim, para que se possa considerar coerente e honesto. Este passar sereno e atento pela vida do Padre Formigão, na sua ligação com Fátima, procurando captar, em vida tão rica, os olhares predilectos de Deus pela sua pessoa, em função do que lhe ia sendo pedido e, também, olhando à fidelidade da sua resposta, sempre disponível e generosa, fez-me dar graças a Deus por me ter proporcionado esta ocasião, que foi também uma graça.

Ficou-me bem viva a convicção de como será importante que os padres de Portugal, novos e menos novos, conheçam aqueles irmãos e colegas que nos precederam, e que podem constituir, para todos, um estímulo à fidelidade na sua vocação, ao seu empenhamento apostólico, generoso e sem intervalos, e ao projecto de Deus que se vai revelando, diariamente, nas suas vidas.

O Padre Formigão é um destes padres. Não deve ser necessário aguardar o momento do seu reconhecimento público de santidade, para o colocar na galeria dos “violentos de

Deus”, os santos, também eles os cristãos verdadeiramente normais. Uma galeria onde cada um e todos temos cada dia acesso normal para um melhor conhecimento e estímulo a seguir o caminho da verdadeira liberdade interior.

Os responsáveis do Santuário e as Religiosas Reparadoras não se podem furtar ao dever de tornar mais conhecido o Padre Formigão, não apenas empenhando-se no processo da sua canonização, mas mostrando-o, sobretudo aos sacerdotes, como uma expressão viva de como se pode ser padre, sempre e em qualquer lugar, “à maneira de Jesus Cristo e dos Apóstolos”.

29 de Abril de 2007

D. António Marcelino  
Bispo Emérito de Aveiro

### **A ORIGEM DA OBRA REPARADORA DE FÁTIMA**

Em Fevereiro de 1920, Jacinta Marto, a mais nova dos videntes de Aljustrel, bebia até à última gota o cálice de sofrimento na cama número 38, do Hospital D. Estefânia. E foi nesse leito de dor que a cândida pastorinha recebeu mais uma comunicação do Céu, de conteúdo diferente das habituais, na medida que se destinava a ser transmitida ao Dr. Manuel Nunes Formigão. Quis a Providência que estas duas almas de eleição, ainda antes deste momento especial, ficassem espiritual e definitivamente unidas até ao fim das suas vidas terrenas.

Este bom sacerdote não ouviu directamente da boca da Jacinta o teor da mensagem que o galvanizaria, a partir daí, para a concretização de um único objectivo: a constituição de uma congregação religiosa com a finalidade de reparar e expiar as ofensas que eram e continuam a ser cometidas contra Deus, e que tornam o carisma



reparador cada vez mais actual. E consegui, depois de muitos anos de sofrimento físico e psíquico, desaires, incompreensões que suportou com sublime humildade, tudo oferecendo a Deus pelo seu projecto, pois sabia que essa era a vontade do Céu e sempre em obediência ao Cardeal Patriarca. E isto porque fora esse o desejo manifestado implicitamente por Nossa Senhora à pequena Jacinta.

Na verdade, sofreu em silêncio e com heróico estoicismo, pois sabia que a Congregação não provinha de uma invenção ou teimosia suas, mas era desejo do Alto, pois a Providência queria que um punhado de almas reparadoras Lhe servissem, contemplando Jesus-Hóstia noite e dia, como havia referido D. José Alves Correia da Silva ao Fundador, em 1925: *“A Santa Hóstia adorada e desagradada naquela elevação no centro de Portugal!... Creio bem que seria uma fonte de bênçãos para o nosso país.”*<sup>1</sup>

Quando, dias depois do falecimento da bem-aventurada criança, a Madre Maria da Purificação Godinho, transmitiu o tal recado ao Dr. Formigão, este terá ficado perplexo, pois a Branca Senhora tinha pronunciado o seu nome. Sobre este assunto viria a escrever mais tarde: *“Ao receber a mensagem que a SS. Virgem (no dizer da Jacinta) lhe confiara para mim, apoderou-se do meu espírito um sentimento misto de confusão, de surpresa e ansiedade. Que poderia significar essa mensagem de Nossa Senhora? Pessoalmente, que poderia eu fazer para evitar o iminente cataclismo? E não tardou a formar-se em mim a convicção de que essas Almas Reparadoras necessárias para desarmar o braço de Deus irritado bem poderia ser um exército de virgens orantes e sacrificadas na ara bendita de uma vida de perfeição completa e especial”*.<sup>2</sup>

Embora sobre este assunto nada tenha escrito, é fácil perceber a pena que o Dr. Formigão terá sentido por não ter ouvido da própria boca da Jacinta a tal comunicação de Nossa Senhora. Como viria a explicar anos depois, considerando o ambiente demagógico da época, não lhe pareceu prudente essa visita, tanto mais que no ambiente político de então forjavam-se calúnias, e pessoas sem escrúpulos punham a circular escândalos que desorientavam o povo. À prudência então se deveu o facto de não visitar a pequena enferma.<sup>3</sup> E, como é sabido, a morte da ditosa pastorinha ocorreu na noite de 20 de Fevereiro de 1920. Morreu sozinha, conforme havia predito.

Com a fundação, a 6 de Janeiro de 1926, da Congregação das Religiosas Reparadoras de Fátima, na Rua da Arriaga, n.º 41, em Lisboa, estava lançada a semente para a concretização de um dos grandes ideais da Mensagem de Fátima: o carisma reparador.

Mas o Dr. Formigão não queria que a vivência deste carisma se resumisse ou fosse exclusivo de um grupo de religiosas, embora fosse dele que irradiasse o ensinamento e o testemunho. Ele sentia que a acção reparadora devia ser vivida por toda a Igreja e em especial pelos leigos, por serem eles a falange mais numerosa do povo de Deus, os quais, como elementos constitutivos por excelência da igreja doméstica, tornariam os seus lares e famílias um autêntico alfobre de virtudes, tendo como lema o cariz reparador.

O Padre Fundador achava, por isso, que a reparação tinha que ser mais intensificada e que houvesse pessoas que se comprometessem, não só com orações, mas principalmente, que entregassem a sua vida a esse espírito de reparação que lhe parecia ser o que Deus queria. Ou seja, desejava que as pessoas fizessem a mudança radical de uma vida banal para uma vida cristã autêntica, vivida em intimidade com Deus e com Cristo Redentor e Salvador. Numa palavra, estava convicto que devia fazer uma interpretação mais extensiva das palavras que Nossa Senhora havia dito à pequena pastora, pois sentia que a resposta que havia dado inicialmente estava incompleta.

Na verdade, algumas expressões que a Virgem havia proferido aos videntes não saíam da cabeça deste santo sacerdote: *“Vim aqui para dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido! Perdem-se muitas almas por não haver quem reze e se sacrifique por elas; Rezem o terço todos os dias para alcançar a Paz para o mundo”*; e, em especial, à Jacinta, no Hospital D. Estefânia: *“Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes que se cometem em Portugal; É preciso haver quem faça reparação”*. Por inspiração de Deus, surgida após longas horas de intimidade com Deus junto ao sacrário, chegou à conclusão que a reparação devia ser vivida por todos os seus filhos, religiosas, sacerdotes e leigos, porque todos eram convidados a participarem no bem que podiam e deviam fazer ao próximo.

Estava assim lançado o germen para que o carisma reparador começasse também a ser vivido pelo laicado, primeiro através de um grupo de senhoras de

Santarém, dirigidas espiritualmente pelo Cónego Formigão e que iniciaram a chamada “*Ala do Santíssimo Rosário*” e, depois, dada a inclusão deste grupo, em 1934, na Pia União dos Cruzados de Fátima, através da fundação da Oblatura, que ocorreu oficialmente a 7 de Outubro de 1936, depois de devidamente aprovada por D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria.

Nos dois anos anteriores, houve intensa troca de correspondência entre este prelado e o Dr. Formigão onde foram debatidos e analisados aspectos importante quanto ao funcionamento, regras de admissão, distintivo e estatutos da Oblatura, para que tudo se articulasse em perfeita harmonia, tanto mais que as Irmãs Reparadoras viviam, na altura, em regime de clausura. Até neste aspecto o bom fundador revelou a sua grande sabedoria e magnanimidade ao conseguir, através dos seus retiros e cartas espiritualmente orientadoras, uma simbiose perfeita entre pessoas que, unidas pelo mesmo carisma, o conseguissem viver sem atropelos através da vida activa e contemplativa.

A ideia da oblatura terá surgido quando, entre os meses de Setembro e Novembro de 1933, este Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, por incumbência do Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, fez uma grande viagem à Europa, com o objectivo específico de estudar a Acção Católica e a Acção Social Cristã, antes da constituição definitiva do Conselho Nacional dos Dirigentes das Obras Sociais, do qual fazia parte.<sup>4</sup> Em Lisieux constata a existência das Oblatas de Santa Teresa do Menino Jesus e que, inspiradas nos ensinamentos da sua padroeira, se dedicavam a um apostolado estritamente paroquial.<sup>5</sup> Curiosamente, três anos mais tarde, no dia 3 de Outubro de 1936, atribui o nome de Santa Teresa do Menino Jesus à Escola para a formação e preparação das suas oblatas, em Fátima, onde passariam a ser leccionadas as disciplinas de Apologética, História da Igreja, Acção Católica, Liturgia, Canto Sacro, Latim, Francês, Inglês e Alemão, tendo posto à sua disposição a sua grande biblioteca e principalmente os livros adquiridos em França e na Bélgica. Inegavelmente, a inspiração resultou dessa viagem, que fora colocada, antes do seu início, sob o patrocínio daquela santa taumaturga. E que chuva de rosas esta carmelita fez cair sobre o Pe. Formigão neste périplo!

Para facilitar a concessão do *Nihil Obstat* por parte da Sagrada Congregação dos Religiosos e para justificar a existência do Instituto perante o clero português,

principalmente ao nível do patriarcado, numa época de actividade febril que só compreendia e apreciava as obras activas, ignorando, segundo dizia o Pe. Formigão, ou parecendo ignorar, que a vida interior é a alma de todo o apostolado, foi resolvido que se instituísse a Oblatura numa ala específica da Casa-Mãe da Congregação, cujos membros seriam, segundo o santo fundador, os braços e as pernas do Instituto, isto é, o seu prolongamento para o exercício do apostolado exterior.<sup>6</sup>

O seu sonho é que a Oblatura fosse uma verdadeira escola apostólica e que as pessoas por ele escolhidas, altamente competentes, como afirma num relatório enviado a D. José na primavera de 1936, se dedicassem à formação apostólica dos outros membros da Oblatura. Além disso deviam ir formando através de cursos organizados, pessoas para serem propagandistas da Acção Católica e auxiliares dos respectivos núcleos dirigentes, quer na fundação quer no afervoramento dos diferentes organismos da Liga e da Juventude Católica.

O Pe. Formigão submete ao Sr. Bispo de Leiria este seu parecer acerca da orientação a dar à Oblatura e dispõe-se a corrigir ou aperfeiçoar tudo o que este entender. É seu desejo manifesto que a Congregação com a sua Oblatura sejam uma fonte abundante de bênçãos para a diocese de Leiria.

Iniciaram esta caminhada como leigas reparadoras 6 senhoras, tantas como as que 10 anos antes, na Rua da Arriaga, abraçaram o projecto reparador do Cónego Formigão e que deram origem à Congregação das Religiosas Reparadoras.<sup>7</sup> A Oblatura foi presidida por D. Maria da Soledade Mourão de Freitas, grande dinamizadora nacional da Acção Católica e da Juventude Católica Feminina. Pela sua competência e dedicação coube-lhe a ela a direcção da revista *Stella* durante muitos anos, fundada poucos meses depois, a 1 de Janeiro de 1937, pelo Pe. Manuel Nunes Formigão, destinada prioritariamente ao público feminino.

Como naquela altura a hierarquia da Igreja não costumava permitir a fundação de novos Institutos de vida puramente contemplativa, o Dr. Formigão, sabiamente, orienta a sua Congregação para uma vida mista. Afirma a dada altura, e parafraseando S. Tomás: “*a vida de contemplação é mais perfeita que a vida activa, mas a vida mista é mais perfeita do que qualquer das duas. Esta é até a que está mais em harmonia com a natureza humana, que é composta de alma e corpo*”.<sup>8</sup>

A fundação da oblatura tem imanente este princípio de S. Tomás, querendo com isso o Dr. Formigão que as suas religiosas se dedicassem quase na exclusividade à reparação através da contemplação e adoração eucarística, enquanto as fiéis leigas da oblatura o fizessem através da prática do apostolado e das obras de caridade. Queria obter assim um Instituto com duas secções que, muito embora seguindo caminhos diferentes, tinham o mesmo objectivo, porque imbuídos do mesmo carisma reparador, secções essas que, vivendo tão intimamente unidas e em perfeita comunhão de ideias, sentimentos, aspirações e desejos, trabalhassem em uníssono para a consecução de fins comuns que lhes eram prefixos.<sup>9</sup>

A este propósito, ouçamos o Dr. Formigão numa comparação verdadeiramente genial: *“A Congregação é Maria, a Oblatura é Marta. Serão como duas irmãs, muito amigas, muito unidas. Entre ambas deve existir sempre uma santa emulação: qual das duas há-de amar, há-de querer maior bem, há-de ser mais dedicada e mais generosa para com a outra! Desta forma manter-se-á a unidade indispensável, sem a qual nenhuma obra subsistirá e perdurará e que nada, absolutamente nada será capaz de perturbar”*.<sup>10</sup>

A Oblatura começou com um retiro presidido por este sacerdote e o facto do Bispo da diocese se ter deslocado propositadamente de Leiria para presidir ao seu encerramento<sup>11</sup>, denota bem a amizade, o respeito e até a sã cumplicidade que D. José Alves Correia da Silva tinha para com o Pe. Formigão. Foram de facto duas figuras de eleição da Igreja Portuguesa na primeira metade do século XX e que a História um dia lhes prestará o verdadeiro tributo. E nesse retiro de Outubro de 1936, este sacerdote dá o seguinte conselho às primeiras Oblatas: *“Sede humildes, profundamente humildes, combatendo sem tréguas o orgulho e o amor-próprio em todas as suas manifestações, ainda as mais subtis. A humildade é o fundamento da santidade, a base imprescindível e insubstituível do edifício da perfeição, quer religiosa, quer simplesmente cristã”*.<sup>12</sup>

Como as Irmãs da Congregação viviam, àquela data, em regime de clausura como atrás já foi dito, as “Irmãs Oblatas”, como carinhosamente lhes chamavam, dedicavam-se a todo o tipo de apostolado externo. A elas competia ajudar os párocos na catequese, nos ensaios de cânticos, no auxílio aos mais necessitados, na escrituração da Congregação e em muitas outras formas de apostolado; tratavam igualmente da redacção e paginação da revista *Stella* e do *Almanaque de Nossa Senhora de Fátima*,

outra publicação da autoria do Pe. Formigão; contribuía igualmente com preciosa ajuda pecuniária para a Congregação, através da confecção e venda de bolos, a que chamavam “*carrasquinhas*” cujo recheio tinha a forma da folha de azinheira e que as irmãs mais idosas aqui presentes certamente se recordarão. Estes bolos tinham tanta fama que, em Junho de 1938, as oblatas os conseguiram registar como patente de invenção por 10 anos, para gáudio do Pe. Formigão.<sup>13</sup>

Meses depois da sua instalação em Fátima, as oblatas leigas ensinavam catequese na sua casa a mais de 70 crianças, ao mesmo tempo que davam formação a mais de 50 catequistas no Santuário. Eram igualmente muito solicitadas pelos párocos, deslocando-se de Fátima para os ajudarem, a nível paroquial, na acção pastoral.

Como a Casa-Mãe de Fátima estivesse já solidamente fundada, porque os seus alicerces estavam assentes em boa rocha, chegou a altura de lhe dar novos rebentos. Assim, a 2 de Fevereiro de 1939, três religiosas e duas oblatas mudaram-se de armas e bagagens para o Souto da Carpalhosa, Leiria, estendendo assim a jovem Congregação o seu primeiro e florescente ramo.<sup>14</sup> As oblatas vieram a dedicar-se às actividades apostólicas, conforme o pensamento e desejo do fundador e à imitação do que se fazia na Casa Generalícia onde só as oblatas se dedicavam ao apostolado. Nesta localidade uma delas leccionou durante alguns anos na Escola Católica da freguesia, com objectivo de seleccionar vocações para o seminário, tendo nela estudado 6 meninos que vieram um dia a ser sacerdotes da diocese. A outra iniciou o primeiro Patronato para meninas e nas horas livres trabalhava como costureira para as poucas senhoras que ali havia, no sentido de obter rendimentos para a honesta sustentação da sua casa. Apesar da grande pobreza em que viviam, havia muita paz e um ambiente verdadeiramente religioso, nunca faltando a possibilidade de exercer a caridade para com o próximo. A Irmã Ernestina disse um dia o seguinte nas suas Memórias, acerca da Casa do Souto da Carpalhosa: “*Quando a obediência me chamou a Fátima, foi com saudade que deixei esta casa onde vivi uma vida interior tão intensa e onde acrisolei o meu amor à Santa Pobreza*”.<sup>15</sup> Esta casa fechou no fim do ano de 1953.

Ao longo dos anos outras casas foram fundadas, a fim de levar mais longe os ideais do Pe. Manuel Nunes Formigão, havendo sempre a preocupação das oblatas leigas acompanharem, sempre que possível, as Irmãs da Congregação, tendo sempre presente a figura de Marta e Maria dos Evangelhos. Foi o que aconteceu com a Casa do

Imaculado Coração de Maria, em Meixomil, a Casa de Nossa Senhora do Rosário, em Sanhoane, Santa Marta de Penaguião e as Casas no Porto.

A secção das Oblatas, na intenção primitiva do Padre Fundador, estava destinada a um duplo fim: primeiro a uma santificação comum com as religiosas reparadoras, enquanto que aquelas facilitavam o mais possível a adoração e a contemplação destas. Em segundo lugar, as Oblatas deviam despertar o alento apostólico que se desbordava da mesma contemplação. Com o tempo chegou-se à conclusão que para cumprir esses fins não era absolutamente necessário que houvesse uma secção expressa para isso.<sup>16</sup> Tanto mais que Roma, em 1942, se havia pronunciado favoravelmente acerca do projecto das Constituições da Congregação, excepto quanto à exigência da clausura, tendo o Dr. Formigão que alterar esta cláusula. Convinha, assim, que aquilo que as Religiosas recebiam de Deus, também o partilhassem com os irmãos.<sup>17</sup> E, cumprida uma finalidade que consolidou muito a obra e lhe deu um grande prestígio, pouco a pouco foi suprida a oblatura, ainda em vida do seu fundador.

Mas estava lançada a semente para aquilo que viria a ser, anos mais tarde, a Obra Reparadora de Fátima, outro grande projecto do Dr. Formigão e cujo objectivo ele definia nos seus manuscritos: *“A finalidade desta Obra é viver o espírito de oração, reparação e conduzir para o Reino de Deus todos os homens e mulheres de boa vontade. Pela sua vida digna de amor e fidelidade a Deus, cada associado contribuirá para o maior bem da Igreja, através do apostolado feito em moldes adaptados às necessidades e exigências dos tempos modernos, contribuindo assim para a recristianização das famílias e da sociedade”*.<sup>18</sup>

A 15 de Dezembro de 1992, D. Alberto Cosme do Amaral, na altura Bispo de Leiria-Fátima, aprova e autoriza a publicação dos Estatutos da Obra Reparadora de Fátima, elogiando a Congregação por tal acção, fundamentalmente por aparecer, conforme reiterou no seu preâmbulo, *“num tempo em que o Senhor é tão gravemente ultrajado sob diversas formas, não deixando ser um sinal de esperança e de renovado júbilo (...) ver nascer uma iniciativa que, respondendo aos apelos da Mensagem de Fátima, visa a difusão e vivência da espiritualidade desta mesma Mensagem nas vertentes «Eucaristia-Reparadora» e «Mariana», imitando as virtudes de Maria, sobretudo a sua doação plena e total em união com o Seu Filho Jesus para a salvação da Humanidade”*.<sup>19</sup>

Depois de alguns anos de interregno, que serviram para estudo e reflexão, o 10.º Capítulo Geral da Congregação, realizado em Junho de 1999, decidiu avançar de forma concreta e objectiva para a vivência do carisma da reparação por parte dos leigos, muito graças ao empenho da então e actual Superiora Geral, Ir. Júlia da Conceição Moreira e do Pe. Dr. Saturino Gomes, Assistente Eclesiástico da Congregação, fixando-se a data de 23 de Fevereiro de 2003 para o arranque da Obra Reparadora de Fátima, em simultâneo em todos os Núcleos: Fátima, Tomar, Covilhã, Porto, Modelos, Vila Nova de Famalicão e S. Martinho do Campo. No dia 10 de Abril de 2005, após 2 anos de caminhada e aprofundamento dos ensinamentos do padre fundador, um grupo de 70 leigos reparadores realizou solenemente o seu compromisso perante o Bispo da diocese, na altura D. Serafim Sousa Ferreira e Silva, comprometendo-se a desenvolver o culto à Santíssima Eucaristia e à Mãe de Deus e o empenhamento na vida apostólica, conforme vem prefigurado no artigo 10.º dos Estatutos. Na data de hoje 113 pessoas efectuaram já o seu compromisso como leigos reparadores, contando ainda a Obra com 349 fiéis inscritos. E, como diz o Reverendo Assistente Eclesiástico da Congregação *“o facto de os leigos se associarem a um carisma religioso manifesta as novas possibilidades deste carisma. É necessário favorecer esta nova abertura e permitir ao carisma novas concretizações. Quando isto acontece, os consagrados ou religiosos abrem-se à comunhão com outras formas fundamentais de vida e descobrem ainda mais a riqueza do próprio dom carismático. (...) Esta capacidade de intensificar o próprio “contágio espiritual” dos institutos religiosos e de fazer participar os leigos-seculares no Espírito do instituto, aparece-nos hoje como algo de fundamental”*.<sup>20</sup>

Antes de terminar quero igualmente fazer referência à participação de 125 membros da Obra Reparadora de Fátima na adoração nocturna e permanente do Lausperene do Santuário, de 2.<sup>a</sup> a quinta-feira, fazendo jus ao artigo 5.º dos mesmos Estatutos, e em resposta ao apelo surgido no 10.º Capítulo Geral.

Que os leigos desta Obra saibam viver em plenitude o carisma da reparação tendo como farol o Pe. Manuel Nunes Formigão, nosso santo e querido fundador, procurando colaborar mais activamente na Nova Evangelização com o testemunho de uma vida cristã vertical e autêntica.

Rafael José Antunes Marques,  
Membro da ORF



## A REPARAÇÃO NA VIDA DOS LEIGOS

O tema sobre o qual iremos reflectir um pouco – *a reparação na vida dos leigos* – deixa de imediato supor que há algo de próprio, algo que caracteriza em particular a *reparação* tal como ela pode ser vivida pelos *leigos*. E leigos somos todos aqueles que, não pertencendo ao clero nem ao estado religioso, fomos incorporados em Cristo pelo baptismo e exercemos no mundo a nossa missão, as nossas actividades profissionais, sociais, familiares, procurando com o nosso trabalho e com o nosso testemunho de vida, anunciar Jesus Cristo e ser fermento do Seu Reino, contribuindo para a santificação do mundo em que vivemos. Assim sendo, o anúncio que fazemos tem de procurar ser fiel à verdade evangélica; e o fermento que somos tem de estar saudável para produzir algo de boa qualidade. Este é o primeiro e fundamental passo sem o qual não podemos ser reparadores: cuidar da nossa fidelidade ao Evangelho.

Enquanto leigos reparadores, uma vez mais queremos deixar claro que, tal como afirmava o Fundador, Cónego Formigão, não encaramos a reparação como “*uma prática ou um conjunto de práticas, mas como um espírito, o espírito de reparação*”. E ainda ele: “*É a intenção que faz a acção; é a intenção que faz a reparação*”. Não vamos, portanto, apresentar uma lista de coisas a fazer para sermos considerados reparadores; vamos antes pensar em conjunto sobre a forma como poderemos viver a nossa vida quotidiana sem sobressaltos, mas com *intenção reparadora*, conscientes de que há, nos espaços em que nos movimentamos, inúmeros aspectos que precisam de *reparação*, isto é, de um *espírito novo*, de uma *intenção* mais pura e mais recta na sua realização.

Todos sabemos que, quando *algo* precisa de reparação é porque está estragado - por uso abusivo, por falta de uso ou por ser usado para um fim que não é aquele para que foi concebido; ou que quando *alguém* precisa de receber um acto de reparação ou desagravo, é porque foi ofendido na sua dignidade, desprezado no seu amor, nos bens que *amorosamente distribuiu, atacado no seu ser mais íntimo e sagrado*.

*Reparar* terá de ser, então, e necessariamente, *corrigir estes erros*. O Anjo das Aparições teve exactamente como missão junto dos pastorinhos alertá-los para a necessidade de reparar os pecados com que o Altíssimo é ofendido e rezar e sacrificar-se pela conversão dos pecadores. Aliás, as orações por ele ensinadas tocam exactamente as duas realidades, mostrando que são absolutamente inseparáveis. *Reparar* os crimes

dos homens ingratos e consolar o nosso Deus, *amando-O pelos que o não amam e trazendo-Lhe de volta ovelhas perdidas, eis a tarefa proposta aos pastorinhos e, portanto, a cada um de nós.*

Também Nossa Senhora insistiu muito nesta necessidade de reparar, de fazer penitência, de mudar de vida, de deixar de ofender um Deus tão ofendido, isto é, de purificarmos o espírito e as intenções, dando-lhes a *orientação correcta*: a glória de Deus, o amor por Ele e pelo próximo, para que a construção da casa comum seja uma união de esforços para alcançarmos todos a felicidade e a paz que Deus nos deu como meta.

Precisamos, pois, de identificar, na nossa vida colectiva, e cada um na sua vida pessoal, as situações que precisam de ser reparadas, revistas, corrigidas, vividas mais de acordo com o projecto de Deus para o Homem. Precisamos igualmente de pensar como fazer para que essa reparação seja efectiva.

*Reparar é, então, compor o que está estragado, repor o que falta, substituir o que não serve, recuperar e tornar útil aquilo que parecia já não servir para nada. Reparar é ainda fazer bem o que os outros fazem mal.*

*Consolar é dar amor, carinho, alegria, fazer companhia, ajudar a esquecer as ofensas ou os desprezos recebidos, trazer de volta o que andava longe...*

Ouçamos o Cónego Formigão - que muito sabe deste assunto - para que nos dê algumas pistas úteis para o caminho. Dizia ele: *“Oferece as tuas caminhadas, o teu trabalho de cada dia, as tuas refeições, a tua fadiga quotidiana, tudo isso para consolar e desagravar Nosso Senhor”*. E ainda: *“Podes não fazer mais do que aquilo que é a tua rigorosa obrigação. Se o fizeres com o intuito de compensar o amor que se devia dar a Deus e não se dá, estás a reparar – fazes uma vida de reparação.”*<sup>50</sup> Como vemos, nada aqui há de impossível ou mesmo de complicado. Nada que não seja justamente o nosso dia a dia. Aliás, no Fundador, *“não encontramos sucessos espantosos e espectaculares”*.<sup>51</sup> Na verdade, *a fidelidade ao viver e ao dever de cada instante, a fidelidade à palavra dada, com a quota parte de sacrifício e de renúncia aos gostos pessoais que isso nos possa trazer, tudo vivido por amor a Deus e ao próximo, eis a tarefa reparadora que os leigos poderão e deverão cumprir.*

Esta fidelidade ao instante presente tem de ser alicerçada na **oração** de confiança e abandono ao Pai, na oração de louvor e acção de graças, num tempo de

<sup>50</sup> Cón. Manuel Nunes Formigão, *VIDA ESPIRITUAL, Pensamentos*

<sup>51</sup> Padre Dr. Lúcio Craveiro da Silva, *Caminho Espiritual do Padre Manuel Nunes Formigão*, pág. 5

companhia diária a Jesus no Sacrário, ainda que, por impossibilidade de condições, o façamos apenas em espírito. Que reparação seria a nossa se não conversássemos muitas vezes com aquele que desejamos consolar e desagravar? Que sentido tem, de facto, a nossa reparação senão aquele que Nossa Senhora lhe deu na terceira aparição, a 13 de Julho de 1917:

“Ó Jesus, é por vosso amor,  
pela conversão dos pecadores  
e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”?

Repararemos, então:

- Cumprindo com cuidado, pontualidade e honestidade os deveres profissionais
- Pondo o diálogo com a família à frente da televisão
- Corrigindo o desinteresse e as facilidades excessivas na educação dos filhos
- Retomando o hábito de rezar em família
- Acompanhando os idosos, deficientes, os que vivem sós
- Desligando a televisão para termos tempo e silêncio para rezar
- Interessando-nos e trabalhando pela vida da comunidade cívica ou da paróquia
- Cumprindo a palavra dada
- Respeitando os direitos dos outros
- Não usando de agressividade nos gestos e nas palavras, etc.

Isto é, a tudo aquilo que desfigura a imagem de Deus em nós, temos de responder *restaurando-a*, recompondo-a: respondendo com o bem, ao mal; com a bondade, à indiferença ou à maldade; com a serena exposição da palavra de Deus, aos desvarios mundanos; com a paciência, à agressividade; com a oração, ao desânimo ou à arrogância; com a presença amiga, à solidão e à doença; com o trabalho bem feito, ao desleixo; com a justa paga do nosso trabalho, à ambição interesseira.

Consideremos que o bem ou o mal que a cada instante fazemos têm repercussões imensas, prolongadas no tempo e nos corações, curando ou deixando feridas dificilmente recuperáveis. Veja-se o resultado que uma simples palavra ou gesto nosso podem provocar nos outros... Ou, se quisermos ver a maior escala, comparemos o rasto deixado no mundo de hoje pelas vidas de Teresa de Calcutá ou Saddam Hussein...

*Reparar é, portanto, um justo e necessário acto de amor a Deus e um contributo para a felicidade e salvação de cada homem.*

No nosso empenhamento em sermos reparadores, comecemos de imediato por nós e pela nossa casa:

Que temos de restaurar em nós e no nosso relacionamento mais próximo?

Que vamos fazer, já *hoje*, para reparar?

É o mesmo que perguntar: como vamos, já *hoje*, amar mais?

Porque, afinal, tudo se resume ao Amor a Deus e ao próximo, vivido no dia de *hoje* e no *instante presente*. Não é a isso que nos convida a oração da oferta reparadora? Que mais podemos fazer, que mais temos ao alcance das nossas mãos senão este dia e este momento que é o lugar exacto da vontade de Deus para nós? Se lhe formos fieis por amor, seremos os reparadores que Nossa Senhora continua a pedir, agora, a cada um de nós, neste exacto instante.

Maria Manuela Oliveira  
Membro da ORF

## Apóstolo do Reino e da Mensagem

(Conferência pronunciada no Centro Pastoral Paulo VI, por ocasião da peregrinação anual dos Membros da Obra Reparadora de Fátima ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, 1 de Julho de 2007)

É com grande alegria que olho para este salão e vejo um grupo tão significativo de pessoas que já se deixaram tocar pelo espírito de reparação do P. Formigão. Obrigada por quererem partilhar connosco as riquezas de um carisma que, pela sua intensidade, pertinência e actualidade, extravasa o âmbito da Congregação e se propaga como uma centelha de luz que há-de aquecer e iluminar muitos corações. Bem-vindos!

Saúdo com especial alegria e afecto a nossa Irmã Superiora Geral a quem agradeço a oportunidade de partilhar convosco algumas ideias, ideias feitas de sentimentos e convicções acerca do grande Apóstolo do reino e da Mensagem que é o nosso querido Pai Fundador, P. Manuel Nunes Formigão. É ele que nos convoca, reúne e congrega aqui em Fátima, na casa da Mãe, para nos mostrar o caminho que a Ela conduz e Ela, como terna e boa Mãe, nos levará a Jesus, Seu Filho, nossa meta última e definitiva.

Foi-me então, proposto que falasse sobre o tema da peregrinação: “P. Formigão Apóstolo do Reino e da Mensagem”. Confesso que me senti incapaz de tal missão e andei muito tempo que não conseguia definir um princípio, nem um fio condutor. Na minha atrapalhão comecei a pedir ao P. Formigão que viesse em meu auxílio... ninguém melhor do que Ele mesmo para falar de si e da sua multifacetada experiência como apóstolo do Senhor Jesus e de sua Mãe. Comecei a vasculhar os seus muitos escritos, mas tudo me parecia importante. E tudo era tanto!...como seleccionar? O que privilegiar? Ele veio em meu socorro, pois ele próprio não só caracterizou o apóstolo como rezou incessantemente pelos apóstolos e fê-lo duma maneira singela e profunda quando fez, rezou e viveu a oração pelos sacerdotes. Não são eles verdadeiros apóstolos? E não somos todos sacerdotes pelo baptismo? E portanto necessitados das mesmas graças e virtudes?

Na oração pelos sacerdotes que todos conhecemos e já tantas vezes rezámos estão condensadas a um tempo as características e as virtudes que fazem o verdadeiro apóstolo do reino e da mensagem. Nesta belíssima oração o P. Formigão pede para si enquanto padre e para todos os servidores do Evangelho, um rosário de graças que são também virtudes indispensáveis e fundamentais para que o reino de Deus se dilate e fortifique em toda a terra.

A oração do P. Formigão pelos sacerdotes é uma súplica ardente, um grito de quem confia só no Senhor e a Ele recorre com ousadia. Ele pede o melhor, pede tudo, porque sabe que tudo pode alcançar. Esta oração transmite em cada palavra a lucidez de quem vive e sabe pela experiência feita de interioridade, o que precisa para SER apóstolo. SER! Ser apóstolo! A tónica é colocada no ser do apóstolo e não no fazer do apóstolo. Para o P. Formigão sempre foi mais importante o ser que o fazer, a sua eficácia apostólica reconhecida é o resultado duma vida interior toda centrada em Deus e n'Ele unificada.

No âmbito da celebração do centenário da sua ordenação sacerdotal fará sentido, com certeza, meditar, ainda que muito sucintamente, na belíssima oração pelos sacerdotes...

Vamos tentar.

É da coerência de vida do P. Formigão que brota esta súplica veemente: «Meu Deus peço-vos pelos vossos padres...por todos os vossos padres...». **Meu Deus! ...** Ao pronunciar estas palavras apetece-nos parar...tal a intensidade do apelo...é como se o P. Formigão quisesse acordar Deus, abalá-lo e comovê-lo, trazê-lo para a nossa realidade e uma vez presente poder colocar-lhe a sua e nossa preocupação.

É pois, esta oração, que vamos rezar hoje aqui. Vamos rezá-la como quem medita, na companhia do nosso mestre espiritual que é, para nós, o P. Formigão. Ele nos guiará pelo caminho das virtudes mais desejadas e mais necessárias para sermos genuínos apóstolos do reino e da Mensagem.

Atentemos, pois na prece do P. Formigão. O que é que ele pede?

### **Peço-vos... a santidade**

O que significa para o P. Formigão ser santo? O que é que ele está a pedir a Deus para si e para todos? Como é que ele próprio foi santo?

Ouçamo-lo: «Ser santo é subir uma escada de cruces sem nunca parar, com o sorriso nos lábios e com o amor de humildade no coração. É saborear lenta e decididamente a cruz, no abandono, no desprezo e na obscuridade, sem ter outra testemunha senão só a Deus...ser santo é deixar-se crucificar por Deus e pelas criaturas, doce, paciente e humildemente, em silêncio, em espírito de reconhecimento e aceitando tudo o que pode fazer sofrer sem nunca perder a paz da alma. Ser santo é viver uma vida interior escondida em Deus». É isto. Tão simples, tão claro, tão denso... e é-o ainda mais, porque ao escutarmos as palavras estamos a reconhecer a pessoa, de facto, o P.

Formigão pôde escrevê-las, porque as viveu e praticou com uma veemência e uma coragem que a Igreja só pode reconhecer e cantar. Assim o esperamos!...

Nestas palavras, nesta definição de santidade, fica contida a síntese de vida do apóstolo, qualquer que ele seja, mas o P. Formigão conhece a condição humana e sabe que precisamos de esmiuçar isto para o compreender e viver e por isso a sua súplica continua:

**Peço-vos... que eles amem profundamente o seu sacrifício**

Todos nós fazemos memória do que amamos sentida e intensamente. Mas amar a cruz? O Sacrifício? Quem pode, senão por graça divina, amar a cruz? Que pede e nos pede o P. Formigão? Que amemos a cruz como a expressão maior de um amor até ao fim. Que amemos a Eucaristia, sacrifício do altar perenemente renovado por amor... até ao fim. Ele mesmo reconhece com admiração: «O sacrifício da missa é o mesmo que o da cruz, é o mesmo sacerdote, a mesma oferta [...] Quem é oferecido na cruz? Jesus Cristo. Quem é oferecido no altar? Jesus Cristo. No sacrifício da Missa e no da cruz, uma só e mesma oferta: Jesus Cristo».

«Fazei isto em memória de Mim». A Eucaristia é a actualização do amor, da entrega, do sacrifício. Esta oblação total e perene de Cristo ao Pai impressiona o coração apaixonado do P. Formigão e leva-o a exclamar: «A Eucaristia é a maravilha do amor de Deus por nós». Viveu amorosa e intensamente o culto da Eucaristia e nela encontrava a força e o dinamismo da sua vida interior e, nas múltiplas e diversificadas actividades apostólicas a ela ia buscar, incessantemente, como quem vai à fonte inesgotável, a sabedoria e a força para fazer face às provações por que passou. O Prof. Lúcio Craveiro conclui que o «Mistério pascal, fruto do amor do coração de Cristo, foi para ele a vereda segura do seu caminho espiritual». O sacrifício aceite e vivido com amor e por amor é a dimensão privilegiada de toda a espiritualidade do P. Formigão. Não só aceitou, como os Pastorinhos, todos os sacrifícios que o Senhor lhe quis enviar como os transformava em actos de amor reparador. Como S. Paulo podia dizer: «para mim viver é Cristo e Cristo crucificado». Sem se considerar vítima de Deus nem dos homens deu provas de grande abnegação, paciência, constância e dignidade no sofrimento... Manso e tranquilo sofria por um fim superior: a reparação. Amou profundamente o seu sacrifício e pede, hoje esta graça para todos nós.

**Peço-vos... a obediência**

Se estudássemos, ainda que superficialmente, a vida do P. Formigão rapidamente chegaríamos à conclusão de que ele foi um Homem obediente. Obediente a

Deus e à Igreja na pessoa dos seus superiores hierárquicos. Caracterizava-o uma obediência lúcida, esclarecida e total, porque sabe, como bem diz: «Que Deus é o proprietário de todo o nosso ser, entregues a Ele como Deus e Senhor, como instrumentos nas mãos do artista, na dependência do ser sábio e bom por excelência. Quais são as exigências ordinárias deste bom Senhor? Deus quer que não nos entreguemos às coisas exteriores, mas ao doce olhar de Deus; Deus quer que não resistamos à graça, Deus quer que o aceitemos, conservando a nossa alma em paz, Deus quer que sejamos fiéis em servi-lo na medida das nossas forças, Deus quer que não ponhamos limites na nossa dedicação, Deus quer que façamos passar antes de tudo as ordens dos nossos superiores». Estas palavras são por si só elucidativas e bastariam para nos convencer da importância que o P. Formigão atribuía à obediência, mas na sua preocupação pedagógica de tudo explicar minuciosamente, fez várias conferências sobre o valor da obediência, apontando o mérito, as ilusões e as dificuldades inerentes ao obedecer. Não podemos referir-nos a elas pelas razões óbvias, mas sublinhamos o seu apelo: «Orai e com toda a energia da vossa vontade, entregai-vos à obediência, a obediência é a única fortaleza em que o demónio não tem acesso».

#### **Peço-vos... o desprendimento**

Para o P. Formigão o desprendimento não tem limites... até ao desprendimento completo de tudo e de si próprio. Está convencido que «Quando se possui Deus, não se tem necessidade de outra coisa, porque aquele que tem Deus tem tudo. Deus, numa alma que possui a virtude da pobreza, toma o lugar que teria ocupado tudo aquilo de que ela se privou por seu amor». Na esteira do Evangelho e dos grandes mestres espirituais, o P. Formigão garante que «O desprendimento e o amor da pobreza é mais que uma virtude, é uma bem-aventurança, é a primeira das bem-aventuranças». Não podemos, tendo em conta o objectivo que nos propusemos com esta exposição, reflectir, ainda que por pouco tempo, sobre os efeitos positivos e construtivos que a vivência e a prática efectiva deste desprendimento pode ter a nível pessoal, nem sequer nos cabe avaliar o impacto social que uma vida regrada, sóbria e disciplinada pelo desprendimento pode ter no mundo actual, caracterizado pela posse e pelo consumo excessivos e a qualquer preço. Assim, remetemo-nos para o exemplo da vida deste Homem simples que viveu pobre, amou os pobres, todos os pobres e chamava à pobreza, “Divina Pobreza” e com o coração liberto de tudo e confiante só em Deus, exclamava: «Na verdade é um dia de festa para a alma pobre o dia em que ela se encontra na sua nudez. Sem esforço ela



copia Jesus perfeitamente. Para os pobres como para o Divino Salvador, o mistério da pobreza é o primeiro mistério duma vida realmente perfeita».

Ficávamos assim quietos e calados a meditar nestas palavras...

### **Peço-vos... uma inalterável e límpida castidade**

O P. Formigão toma as palavras de Salomão para proclamar a beleza, a pureza, a inalterabilidade da castidade: «Como é bela a geração das almas castas! A sua memória é eterna, ela está sempre presente ao coração de Deus e ao coração dos homens!» e como se não tivesse outra forma de enaltecer um coração todo entregue a Deus continua o seu hino de exaltação: «Como é bela e resplandecente de beleza e de santidade essa castidade que não tem todo o seu esplendor e toda a sua integridade senão no seio da Igreja»!

Como todas as coisas belas e resplandecentes, também a castidade exige uma entrega total e exclusiva, exige transparência e ternura e exige renúncia e ascese.

O P. Formigão que a viveu com uma sublimidade e uma candura por nós indescritíveis, pôde dizer da sua experiência: «A castidade é uma virtude austera, forte, máscula, ciosa, delicada, difícil e ao mesmo tempo cheia de delicias. [...] É uma virtude complexa, que supõe muitas outras e não pode prescindir do seu concurso nem viver fora da sua companhia».

Será esta uma virtude só para santos? Só para ascetas? Será possível ser casto num tempo que endeusou o prazer?

É um caminho de dádiva no amor, não só possível como gratificante e cheio de encantos. Exige luta, mas todas as coisas verdadeiramente valiosas a exigem. O P. Formigão aconselha-nos um caminho seguro e terno, diz ele: «A devoção a Maria é o baluarte para combatermos os atractivos do prazer com uma resistência calma, pronta, forte, generosa». E termina solenemente afirmando: «A pureza é um dom do céu». Vivamo-lo.

### **Peço-vos... a abnegação**

O que é a abnegação? Foi a primeira pergunta que me ocorreu ao espírito quando reflectia nestas coisas. O que é a abnegação? É submissão? O que é ou como é uma pessoa abnegada? Quem conheceu o P. Formigão diz que ele era uma pessoa abnegada e quando o dizem reconhecem nele um homem conforme à vontade de Deus que vive tranquilo e sereno nesta vontade e nada mais deseja que o cumprimento exacto e fiel desta vontade. A abnegação é esta atitude quase inexplicável, de conformidade serena e absoluta com a vontade de Deus. Não há na pessoa abnegada pretensões de ser

ou de parecer, não se impõe, não se ensoberbece, não se ilude, não reclama, os seus olhos estão postos em Deus de quem tudo espera.

A abnegação é a atitude humilde, discreta, de quem cuida nada merecer e por isso mesmo confia desmedidamente. É a atitude lúcida e confiante de Job: «Saí nu do ventre de minha mãe e nu para ele voltarei». (Job 1, 21).

O P. Formigão diz que a abnegação é essa virtude que praticada com constância «torna a alma mais passiva sob a mão de Deus e ao mesmo tempo mais activa para o servir e praticar as suas obras».

Anda a abnegação associada a um dinamismo espiritual íntimo que se prende com a capacidade de aceitar todos os sofrimentos que o Senhor quiser enviar para fazer deles actos de reparação e de amor. Dinamismo aliás, muito “fatimita” e muito do agrado do P. Formigão.

### **Peço-vos... a humildade**

Se tivéssemos de escolher uma virtude, uma única virtude para traçar o perfil do P. Formigão, com certeza, escolheríamos a humildade.

Todos o reconhecem e falam dele como uma pessoa humilde, mesmo na sua elevação espiritual e intelectual mantinha essa atitude discreta e reservada do servo fiel e vigilante. Porque é humilde fala e escreve sobre esta virtude com uma clareza e uma precisão inquestionáveis. Para ele a humildade «é a fraqueza duma alma recta que não quer senão o que ele conhece como verdadeiro, que quer e ama o que é verdade, mesmo quando a verdade humilha. [...] É o fundamento de todas as virtudes, a primeira e indispensável disposição para fazer bem todas as coisas; é o aroma que conserva todas as virtudes; a humildade atrai as vistas e o amor de Deus. Deus ama a pessoa humilde». O P. Formigão vai até ao ponto de afirmar que Deus contempla com complacência a pessoa humilde e espalha sobre ela os seus benefícios.

Em sintonia com o pensamento do P. Formigão a humildade do apóstolo deve ter três características fundamentais: deve ser simples, não afectada nem insólita, não pretende o extraordinário, mas valoriza e realiza com dignidade as acções ordinárias; deve ser alegre, porque confiada na misericórdia de Deus, que é mais vasta que a nossa miséria e na sua bondade que mais poderosa do que a nossa fraqueza e desta convicção, diz o P. Formigão resulta o que quer que seja de suave e agradável, de profunda alegria; e em terceiro lugar a humildade deve ser constante, praticada durante toda a vida, pois diz ele que «o orgulho é o último dos vícios de que nos despojamos».

Esta humildade aprendeu-a ele do seu Mestre e Senhor que “sendo de condição divina esvaziou-se a si mesmo assumindo a condição de servo.”

### **Peço-vos... a doçura**

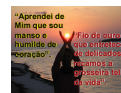
A doçura, a afabilidade no trato é considerada pelo P. Formigão como a «Caridade perfeita. O lema mais evidente da nossa descendência celeste, privilégio divino de quem a possui naturalmente, heroísmo em quem deve conquistá-lo, esplêndida pedra preciosa encastoadada no anel das relações humanas, fio de ouro que entretece de delicados recamos a grosseira tela da vida...». E o P. Formigão, ele que era tão afável, tão amável, pergunta: porque é que a encontramos tão rara, quando a queremos tão frequente? E tão falsificada, quando a queremos tão genuína? E ele mesmo dá a resposta: porque é a virtude mais difícil e a mais ambicionada. A sua caridade é índice da sua dificuldade e a sua frequente falsificação é índice do seu valor».

Só isto bastaria para nos inquietar e confrontar, mas muito disse e muito escreveu o P. Formigão acerca desta doçura no trato, impossível, como imaginais, explanar aqui o seu pensamento, mas não resisto em citar mais um parágrafo que, pela sua doçura nos encanta, ouçamo-lo: «São de invejar aquelas queridas almas que nascem fragantes como as flores, mansas como as flores, inalteráveis como um raio de sol, sem fel, quase diria sem nervos e temperadas de maneira que não estão sujeitas a reacções. Parece que tais almas forjam no mesmo molde também o seu exterior: rostos compostos, lábios suaves, mãos delicadas, olhos benignos, voz doce, andamento pacato. Todos as estimam, as procuram, as louvam e a sua passagem na vida é um sorriso. Só com o aproximarem-se elas dissipam as nuvens em torno de si; só com o olharem para nós já nos infundem uma calma querida e consoladora; se nos falam sentimos passar uma mão de veludo sobre o nosso espírito».

Quem não gostava de ser assim? Quem de nós nas suas actividades apostólicas não deseja ser assim? Ser para todos um raio de sol que aquece e consola?!

Realista como era, o P. Formigão alerta-nos dizendo que a doçura implica o discernimento da verdade e a imparcialidade das relações, ser doce e afável não é ser brando, mas tratar cada pessoa segundo o seu carácter e as suas necessidades. E é neste aspecto que começam as nossas dificuldades... Temos de aprender a doçura no contacto, na relação com o Fundador.

### **Peço-vos... o zelo**



De todas as virtudes suplicadas pelo P. Formigão na oração pelos sacerdotes, esta é, com certeza, a que tem um carácter especificamente apostólico. Pensamos no apóstolo e vemo-lo zeloso. De facto, o zelo é o motor da acção.

É o zelo pela “casa do Pai”, pelas coisas de Deus que impele o P. Formigão a uma actividade apostólica incessante e diversificada. Ele não tem mãos a medir, nem coloca entraves de qualquer ordem. O zelo interior que o consome torna-o disponível para um serviço generoso, abnegado e eficaz. É preciso dizê-lo: o P. Formigão foi um apóstolo eficaz, não porque usasse as tecnologias de ponta, mas porque centrado na vontade de Deus e na obediência aos seus superiores. Grande intelectual, dinâmico, criativo, cheio de ideias e de ideais, sempre soube submeter a sua excelência ao parecer e análise dos superiores hierárquicos, por isso fazia questão de afirmar que as suas obras, mesmo a sua grande obra, a Congregação das Reparadoras de Fátima, que fundou, eram feito de determinado Bispo. Zeloso, mas não cioso, porque este zelo era interior, profundo, radicado no amor que nutria por Deus e pela Igreja. Nele o zelo é uma espécie de fervor, de desejo veemente e operante, uma urgência espiritual, ou, como ele próprio diz, citando Jeremias “um fogo que se expande e alastra”. E na sua veia poética que esgrime palavras como quem esgrime a espada com destreza, precisão e beleza, ele diz, mais, ele canta o zelo, o fervor, desta forma magnífica: «Que se precipite como o raio ou caia em largas fitas como a neve, que prorrompa como um vulcão ou que e eleve como um jacto de água fresca, que arda como um incêndio ou como a lenta acha de Natal, que se detenha para meditar o seu caminho ou que se lance nele sem pensar, que seja alegre e sorridente como um campo florido ou triste como um campo devastado pela tempestade, o fervor é sempre fervor contanto que permaneça intacto aquilo que constitui a sua essência, isto é, o desejo ardente de agradar a Deus».

Para o P. Formigão o zelo é este desejo ardente e constante de agradar a Deus e, dá exemplos de personagens bíblicos, de mártires e de santos que viveram para agradar a Deus em tudo, quer quando davam a vida às feras, quer quando silenciosa e humildemente cumpriam a regra ou se sujeitavam livre e apaixonadamente à obediência. O zelo é pois, este impulso, este desejo veemente, estável e constante para agradar a Deus, reparem que o P. Formigão não diz para servir a Deus, mas para Lhe agradar, porque para ele, servir é um meio, agradar é o fim de toda a acção apostólica e de toda a vida espiritual. Foi assim que ele viveu, procurando em tudo, à imitação dos Pastorinhos agradar e consolar a Deus. Vemo-lo activo, fervoroso, zeloso movido por esse fogo abrasador que se expandiu até nós e hoje continua a influenciar a nossa acção

apostólica. Somos fruto do zelo, do desejo ardente que o P. Formigão tinha de agradar a Deus e a Nossa Senhora.

### **Peço-vos... a dedicação**

O que é a dedicação senão a operacionalidade deste zelo?! Este dar-se continuamente e nas situações mais comezinhas e diárias e fazê-lo com a generosidade e a atenção de quem empreende uma gigantesca obra apostólica! Tagore dizia: «Desejo aos meus amigos as coisas pequenas, as grandes são para todos». A dedicação, de acordo com o pensamento do P. Formigão, é a arte silenciosa e atenta de “fazer grandes as pequenas coisas”. A dedicação é, com certeza, o maior desafio da perfeição, porque exige uma atenção contínua e amorosa, uma entrega sem limites e sem constrangimentos, um investimento constante e perseverante... nas actividades apostólicas de qualquer índole, mas também e sobretudo nas relações humanas de que são tecidas as actividades. Os mil perdões diários que somos chamados a oferecer com generosidade e alegria são fruto da atenção e da dedicação não só a uma causa, mas a pessoas concretas. De facto é esta dedicação que nos “faz rivalizar na estima recíproca” (Rom 12,10).

Se o zelo é o desejo de agradar a Deus, a dedicação é o desejo de agradar ao irmão. É o “fazer-se tudo para todos”, levando a todos e a cada um a “plenitude da bênção” (Rom 15, 29).

A dedicação é uma espécie de delicadeza constante e alegre que faz de toda a actividade apostólica uma espaço de graça e de crescimento mútuo. Dedicação é atenção e a atenção é a substância do amor a Deus e do amor ao próximo. “A capacidade de prestar atenção sobretudo aos pobres e aos infelizes é quase um milagre, é um milagre” (Weil, 105) que temos de deixar acontecer em toda a nossa actividade apostólica, tal como o P. Formigão o permitiu, a sua vida é uma dedicação feita de atenção discreta mas profundamente eficaz. E, claro, «Deus recompensa os que pensam Nele com atenção e amor», como bem diz Simone Weil.

E nós ficaríamos aqui mais tempo a pensar, com atenção e amor, nestas elevadas e belas virtudes que o nosso Pai Fundador pede para os Sacerdotes e para cada um de nós, mas o tempo urge e temos de terminar aqui a nossa meditação.

O pedido insistente, traduzido aqui pela palavra: “peço-vos”... que nos é feito pelo P. Formigão é que façamos eco destas virtudes com a nossa vida em todas as actividades apostólicas que somos chamados a realizar, sejam elas quais forem e aonde

forem. Pela comunhão de vida que intimamente comungamos com ele temos de nos sentir comprometidos a rezar, a meditar e a viver esta maravilhosa prece que agora vos convido a terminar, dizendo comigo:

Peço-vos que nenhuma alma se aproxime deles sem que fique a amar-vos mais.

Peço-vos, meu Deus, que o vosso reinado se dilate e se fortifique por meio deles, sobre a terra.

Prometo-vos, ó Jesus, imolar-me convosco de todo o meu coração. *Ámen.*

Obrigada a todos vós pela atenção amorosa que me dispensaram.

Estamos unidos na oração e na elevação do coração e do espírito que o P. Formigão nos transmite.

Bem Hajam!

01 Julho 2007

Amália Saraiva, RRF

## **HISTÓRIA DA EUCARISTIA E MISSÃO NO SERVO DE DEUS CÓN. DR. MANUEL NUNES FORMIGÃO**

(Conferência pronunciada na XXIV Semana de Estudos da Vida Consagrada, Fevereiro de 2008, dedicada ao tema: Eucaristia e Missão na Vida Consagrada)

Agradeço à Comissão promotora desta Semana de Estudos sobre a Vida Consagrada, a oportunidade que me ofereceu, de dar a conhecer, num testemunho simples e breve, um pouco da história da Eucaristia e missão na vida e espiritualidade do Fundador da minha Congregação, principalmente na sua ligação profunda à Reparação, sendo que, “Eucaristia e Reparação”, é um binómio que na sua vida não se pode separar.

Antes de entrar propriamente no tema, gostaria de fazer uma breve apresentação deste sacerdote, que o Céu escolheu para realizar difíceis e importantes missões na sua Igreja.

O Cónego Formigão foi um sacerdote do Patriarcado de Lisboa, nascido em 1883 na cidade de Tomar, cuja vida decorreu na primeira metade do Séc.

XX. Desde jovem sacerdote, impulsionado por um ardente amor a Deus e aos homens seus irmãos, desenvolveu uma notável acção apostólica, já em Santarém, o seu primeiro centro de apostolado, que muito contribuiu para o desenvolvimento da vida cristã em Portugal. Nesta cidade, deixou marcas profundas, sobretudo nas camadas juvenis, para quem, em 1917, fundou uma Associação, a 'Associação Nun'Álvares', que tinha por patrono o Santo Condestável, cruzada que entusiasmou algumas dezenas de jovens, e de que o Servo de Deus foi o activíssimo propulsor e assistente devotado<sup>52</sup>. A estes jovens apontou valores e rumos de vida, que fizeram deles bons cristãos e elementos construtivos na sociedade de então. Muitos o recordam como "um verdadeiro amigo dos jovens, com quem mantinha uma relação muito próxima e paternal, e preocupado com a sua formação humana e espiritual". Esta sua acção apostólica, veio-lhe a merecer o epíteto de «Apóstolo da Juventude». As novas formas de apostolado e sobretudo a Acção Católica ficaram a dever-lhe muito do seu impulso, organização e desenvolvimento<sup>53</sup>.

Este amor à Igreja e à humanidade, que serviu com total generosidade e dedicação em diversas dioceses do país, tais como, Bragança, Évora, Porto e Leiria, onde a convite dos respectivos bispos se deslocou, era apoiado num desmedido amor a Deus e sua Mãe. Foi sobretudo em Lourdes, «estância maravilhosa» como lhe chamava, e com frequência visitava, nas suas viagens para Roma onde frequentou a Universidade Gregoriana, e obteve doutoramento em teologia e direito canónico, que o seu amor e devoção a Maria mais se desenvolveu e Deus o foi preparando para a futura missão de "Apóstolo de Fátima", isto é, a missão de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos que, em 1917, se deram na Cova da Iria, de os discernir, interpretar e dar a conhecer a Portugal e ao mundo, através da sua acção e dos seus escritos.

É neste sentido de Servo da Mensagem de Fátima e intérprete do seu conteúdo teológico, principalmente no que diz respeito à Eucaristia e à Reparação, que aqui nos vamos ocupar. Foi em colóquios íntimos e misteriosos

---

<sup>52</sup> VIRGÍLIO ARRUDA, Santarém no Tempo, p. 548.

<sup>53</sup> D. ANTÓNIO RIBEIRO, Cardeal Patriarca, "Apóstolo de Fátima Cón. Manuel Nunes Formigão", prefácio, 1993.

com a Beata Jacinta, e no “recado” que lhe foi transmitido da parte de Nossa Senhora, que ele captou o carisma da espiritualidade reparadora da mensagem de Fátima, numa profundidade, num alcance e numa vastidão invulgar, verdadeiramente admirável para o tempo, já que o conceito de reparação estava, na época, muito pouco desenvolvido e existiam, como existem ainda hoje, ideias erradas a respeito da reparação.

O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim é todo aquele que nasce do Espírito (Jo. 2, 8). E assim aconteceu com o Servo de Deus, Cónego Manuel Nunes Formigão. Após ter recebido o “recado” que lhe fora transmitido da parte de Nossa Senhora através da Beata Jacinta Marto, depois de muita reflexão, estudo e oração, ele captou exactamente esse pólo iluminante, isto é, o sentido profundo do que é hoje a reparação. Então, ele convida-nos a entrar no âmago desse mistério, até chegar ao próprio Senhor Jesus Cristo, que na Eucaristia se oferece continuamente ao Pai para reparar os pecados da humanidade, tornando bem claro que, Cristo é, na verdade, o único Reparador e a Eucaristia é a melhor e a única fonte de reparação.

A reparação não é uma ocupação para ocasiões solenes. Cristo não foi reparador apenas na Última Ceia ou no Calvário. Foi-o também em Belém e Nazaré, na vida oculta e pública, nos trabalhos e descansos.

A reparação, diz-nos o Pe. Formigão, «é a adesão plena da nossa vontade, à vontade de Deus». Chama-lhe «suplemento de caridade», isto é, uma mais valia do amor em relação ao pecado. Este suplemento de caridade, acentua, «é preciso ir buscá-lo ao Coração de Jesus, a fim de tornar a nossa vida de oração mais agradável a Deus»; é um chamamento do Senhor a pôr-nos da sua parte, a colaborar com Ele, tornando-o assim presente no mundo. E o Senhor quer-nos associar a este dinamismo do amor que repara o pecado do mundo. E por isso, o P. Formigão estende a reparação a toda a existência cristã, e diz às suas Irmãs da Congregação que ele fundou, que a reparação não está só no sacrifício, está também na oração, nas boas obras, nas alegrias, no cumprimento do dever, e está por excelência na Eucaristia, onde se actualiza sempre esse infinito mistério de amor, que ficou eternizado na ressurreição e



que nos é oferecido de novo em cada dia, para bebermos dele e o tornarmos depois presente no mundo. Mas, adverte: “A nossa reparação só tem sentido se unida à reparação do Senhor Jesus Cristo que se renova continuamente na Eucaristia”. Por isso, as Constituições das Irmãs Reparadoras de Fátima, afirmam com ênfase profundamente espiritual: «A Eucaristia e a adoração a Jesus sacramentado são fontes onde a Religiosa Reparadora de Fátima aufere luz, força e coragem para viver a sua entrega generosa em amor reparador a todos os homens. A participação neste mistério «é o momento mais importante do seu dia e preside e se identifica com a sua vida espiritual».

Em que consiste então, verdadeiramente, a nossa reparação? Mais uma vez o Pe. Formigão explica:

«A reparação não é uma prática ou conjunto de práticas, ela consiste essencialmente na vivência de um espírito, o espírito de reparação. É a nossa união e a nossa oferta com Jesus Cristo na Eucaristia, que torna as nossas reparações agradáveis a Deus». Para ele, a reparação tem um significado ainda mais abrangente e mais enriquecedor. Ela «pode e deve, à semelhança da caridade e do amor, ser considerada como forma de todas as virtudes». De facto, segundo a raiz é que virão os frutos da árvore. Investir na qualidade da nossa adesão a Cristo é investir na qualidade da nossa reparação. E por isso, o Pe. Formigão incentivava as suas religiosas a que oferecessem a Deus as suas caminhadas, o seu trabalho de cada dia, as refeições, as alegrias, as fadigas quotidianas, o descanso, enfim, tudo, para reparar o amor de Deus ofendido. Porque, dizia: «é a intenção que faz a acção, e é a intenção que faz a reparação. Podem multiplicar-se as práticas; se não forem feitas com a intenção de compensar o amor que se devia dar a Deus e que lhe não é dado pelas suas criaturas, essas práticas não são obras reparadoras».

Ele dá-nos o exemplo desta vivência do espírito reparador, pois que, tendo centrado toda a sua vida em Cristo, nela assenta toda a sua espiritualidade. O aspecto que mais o impressiona é o seu Amor, simbolizado no seu Coração e manifestado na sua Paixão. Nela, Cristo entrega-se a Deus e aos homens numa doação total de amor. E como a Eucaristia é a renovação diária e actual da sua entrega e do seu Amor, ele viveu intensamente o culto e o

Sacrifício da Eucaristia e nela principalmente O encontrava na sua vida interior, nas suas lides apostólicas, nas dificuldades e provas dolorosas, sempre!

Confortava-se junto do sacrário, alimentava-se de Cristo na Eucaristia e nela buscava força, luz, constância e fervor. O mistério Pascal, fruto do amor do Coração de Cristo, foi para ele a vereda segura do seu caminho espiritual. E como via à sua volta que o amor de Cristo era incompreendido e ofendido, o seu amor a Cristo assumiu prevalentemente um tom reparador. Frequentemente ele afirmava que, «para se alcançar o fervor como dom de Deus, devemos cooperar com a graça e primeiro que tudo pela oração».

Este contacto vivíssimo com Deus e com Cristo sacramentado, nutrido pela oração que iluminava fortemente a «sua morada interior», transbordava em iniciativas apostólicas. Esse espírito de oração alimentava-se na meditação diária, na celebração da missa, na reza do breviário, na adoração frequente do Santíssimo Sacramento. Podia trabalhar, muito afadigado em actividades apostólicas e sacerdotais, podia estar envolvido em situações absorventes de responsabilidade, sempre defendia o seu tempo de oração. Se não podia durante o dia, prolongava-o durante a noite. Por vezes foi encontrado, a altas horas, de joelhos, pedindo luz e força ao Senhor, especialmente nas adversidades com que Deus o provou ou na preparação das suas intervenções tão frequentes na defesa da fé e nas obras de evangelização. Ele tinha a plena consciência de que, para ser apóstolo, era necessário alimentar esse contacto íntimo e assíduo com Deus, como aliás afirma: «Se nos metemos a ser apóstolos antes de termos uma vida sobrenatural intensa, perdemos o nosso tempo, faremos um pouco de ruído talvez... mas nenhum fruto sobrenatural».

Todas as testemunhas do seu processo de canonização são unânimes em afirmar que o P. Formigão era um homem de oração e que o seu fervor se espelhava de forma extraordinária na celebração da Eucaristia, para a qual se preparava cuidadosamente. Uma testemunha diz: «Era edificante a forma imóvel como se colocava a rezar diante do Santíssimo Sacramento; ‘parecia um santo’. Outras afirmam: «Foi um homem de uma interioridade profunda, manifesta numa grande concentração. Toda a sua postura nos falava da sua intensa vida interior; a sua maneira de se apresentar e andar, todo o seu

comportamento deixava transparecer algo de sobrenatural, ou, como diz S. Paulo, «irradiava o bom odor de Cristo». No seu sorriso transparecia “algo do Céu”. Parecia viver em constante *lausperene*. Esta sua profunda interioridade era mais manifesta quando se preparava para a celebração da Santa Missa, durante a celebração, e particularmente na acção de graças. Era um padre de sacrário, um santo, de uma virtude toda feita de interioridade».

Quando nos últimos anos da sua vida, a saúde começou a faltar-lhe, passou a residir nas casas da Congregação por ele fundada. Além de acompanhar a vida regular das comunidades onde se encontrava, era frequente encontrar o Servo de Deus na Capela em profunda oração e intimidade com Deus. Receando que um dia a vista lhe viesse a faltar, devido ao agravamento do seu estado de saúde, pedia que lhe trouxessem o missal, porque queria aprender de cor a missa de Nossa Senhora, a fim de não vir a ficar dia algum sem celebrar a Eucaristia.

As suas palavras e os seus escritos, deixam transparecer a grande intimidade, e o grande amor que tinha pelo seu Deus. Considerava tão importante esta proximidade com Jesus eucarístico, para o enriquecimento da vida espiritual, que exclamava:

«A Eucaristia é um céu porque nela habita um Deus de Majestade infinita! ... que secreta doçura, que deliciosa novidade nos penetra junto do Santuário! Sente-se a aproximação da própria fonte da felicidade. Sente-se a posse do Bem Supremo... e essa impressão extingue, ou pelo menos diminui os atractivos da criatura».

Extasiado perante esta «maravilha do amor de Deus», convida-nos a amar o silêncio do Sacrário, para, em recolhimento, escutarmos a voz de Jesus a dizer-nos: «Pensai em Mim... Amai-Me...Rezai-Me...! Porque Jesus fala às nossas almas; Ele quer comunicar-nos os segredos do Seu Coração».

Daí a necessidade de nos abeirarmos com frequência desta Fonte inesgotável de graça e misericórdia, pois, «quanto mais perto estamos da fonte, mais recebemos da sua plenitude»; não apenas para nos enriquecermos a nós mesmos, mas para a comunicar, a fim de que «todos tenham vida e a tenham

em abundância como se lê nas Constituições da Congregação por ele fundada<sup>54</sup>».

Foi este o caminho espiritual do P. Manuel Nunes Formigão. Caminho de fé e de conformidade plena à vontade de Deus, mesmo quando ela lhe exigia grandes sacrifícios, que ele, tal como os pastorinhos, não só aceitava, como os transformava em actos de amor reparador. Tal como aos videntes, consumia-o a angústia enorme das almas em perigo de se perderem, dos pobres pecadores endurecidos e esquecidos do seu último fim. Consumia-o o desejo ardente de dar resposta cabal ao pedido de Nossa Senhora em Fátima, promovendo formas de compensar o amor de Deus ofendido e atrair graças de misericórdia e perdão para a nossa Pátria e para a humanidade inteira.

Foi desta sua busca incessante, e porque sentiu ser essa a vontade de Deus, que nasceu a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, cujo carisma se enraíza na mensagem de Fátima e que hoje e sempre a Congregação tenta aprofundar cada vez mais, a fim de melhor servir os desígnios de Deus e de sua e nossa Mãe, manifestados na Cova da Iria, a três humildes crianças.

Tendo vivido assim a sua vida, numa entrega generosa, sempre em consonância com a vontade de Deus e aceitando as dificuldades e provações inerentes à sua missão de Apóstolo de Fátima e apóstolo da reparação, o P. Formigão podia dizer como S. Paulo: «Completo na minha carne o que falta à paixão de Cristo, em benefício do seu corpo que é a Igreja (Col 1, 24; 2 Cor. 4, 10)». Nunca atribuiu a si qualquer mérito pelas obras realizadas, nem aceitou alguma honra ou reconhecimento. Sempre as atribuía a outros, considerando-se o servo de todos. Homem provado por Deus no sofrimento, deu provas de grande humildade, zelo, caridade, paciência, constância e fervor. Viveu a sua vida com grande equilíbrio e dignidade. Nunca procurou vantagens ou comodidades para si mesmo. A sua atitude foi sempre de grande disponibilidade para servir a Igreja onde fosse necessário. Quando Deus o provou com a doença final, mais uma vez a aceitou com a serenidade e paz que

---

<sup>54</sup> Constituições, Cap. I, p. 16

o caracterizava e, tranquilo, a 30 de Janeiro de 1958, há precisamente 50 anos, entregou a sua alma a Deus, dando assim início à sua vida nova na Casa do Pai.

Termino com um poema da sua autoria, assim intitulado:

### O MEU GRANDE AMIGO

Vou visitá-lo muita vez. O mundo,  
vário, sorri da minha assiduidade;  
não pode compreender este profundo  
e nobre amor que é vida e felicidade.

Ajoelho a seus pés e lhos inundo  
com pranto ao suplicar-lhe: Piedade!  
Livra-me deste báratro profundo  
da inveja, da calúnia, da maldade.

Assediado de inimigos vivo  
e o mundo quer negar-me o lenitivo  
de vir rezar, chorando, ao pé de Ti!

Responde o meu Amigo do Sacrário:  
Como podes temer o mundo vário,  
tendo-me sempre ao teu dispor aqui?!

Gertrudes Duarte Ferreira, RRF,  
Fev<sup>o</sup> de 2008

---

#### BIBLIOGRAFIA:

- P. Manuel Nunes Formigão, *manuscritos*.  
P. Lúcio Craveiro da Silva, *Caminho Espiritual do P. M. N. Formigão*, 1998, pp. 13-14.  
D. António dos Santos Marto, *A Beleza do Rosto Trinitário de Deus na Mensagem de Fátima*, 12-05-2007.  
P. Manuel Morujão - *Amor Reparador, Promessa Especial de Reparação*, 1999, pp. 22-25.  
Virgílio Arruda, *Santarém no Tempo*, p. 548  
Processo de Canonização - *Testemunhos*.